

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

Caio Francis Venâncio Moreira

Mídia Esportiva e Redemocratização: A Democracia
Corinthiana na Revista Placar

Juiz de Fora
Julho de 2026

Caio Francis Venâncio Moreira

**Mídia Esportiva e Redemocratização: A Democracia
Corinthiana na Revista Placar**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Jornalismo, da Faculdade de
Comunicação da Universidade Federal de Juiz
de Fora, como requisito parcial para obtenção
do grau de bacharel.

Orientador: Doutor Ricardo Bedendo

Juiz de Fora
Julho de 2026

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Moreira, Caio Francis Venâncio.
Mídia Esportiva e Redemocratização: A Democracia Corinthiana na Revista Placar / Caio Francis Venâncio Moreira. -- 2026.
98 f.

Orientador: Ricardo Bedendo
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2026.

1. Democracia Corinthiana. 2. Revista Placar. 3. Análise do discurso. 4. Jornalismo Esportivo. I. Bedendo, Ricardo, orient. II. Título.

Caio Francis Venâncio Moreira

Mídia Esportiva e Redemocratização: A Democracia
Corinthiana na Revista Placar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Jornalismo, da Faculdade de
Comunicação da Universidade Federal de Juiz
de Fora, como requisito parcial para obtenção
do grau de bacharel.

Aprovada em 13 de julho de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Doutor Ricardo Bedendo - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Doutor Álvaro Eduardo Trigueiro Americano
Universidade Federal de Juiz de Fora

Doutor Talison Pires Vardiero
Universidade Federal de Juiz de Fora

Processo:

23071.924483/2026-49

Documento:

3072675



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO

GRADUAÇÃO EM Jornalismo Noturno

Formato da Defesa: (X) presencial () virtual () híbrido

Ata da sessão (X) pública () privada referente à defesa do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Mídia Esportiva e Redemocratização: A Democracia Corinthiana na Revista Placar**, para fins de obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo Noturno, pelo(a) discente Caio Francis Venâncio Moreira, sob orientação da Prof.(a) Dr(a) Ricardo Bedendo, na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Aos 13 dias do mês de Julho do ano de 2026 , às 18 horas, na sala 220 da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), reuniu-se a Banca examinadora, composta pelos seguintes membros:

Titulação	Nome	Na qualidade de:
Doutorado	Ricardo Bedendo	Orientador
Doutorado	Alvaro Eduardo Trigueiro Americano	Membro da banca
Doutorado	Talison Pires Vardiero	Membro da banca

*Na qualidade de (opções a serem escolhidas):

- Orientador (a)
- Coorientador
- Membro da banca

AValiação da Banca Examinadora

Tendo o(a) senhor(a) Presidente declarado aberta a sessão, mediante o prévio exame do referido trabalho por parte de cada membro da Banca, o(a) discente procedeu à apresentação de seu Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação e foi submetido(a) à arguição pela Banca Examinadora que, em seguida, deliberou sobre o seguinte resultado:

(x) APROVADO

() REPROVADO, conforme parecer circunstanciado, registrado no campo Observações desta Ata e/ou em documento anexo, elaborado pela Banca Examinadora

Nota: _____

Observações da Banca Examinadora caso haja necessidade de anotações gerais sobre o Trabalho de Conclusão de Curso e sobre a defesa, as quais a banca julgue pertinentes

Nada mais havendo a tratar, o(a) senhor(a) Presidente declarou encerrada a sessão de Defesa, sendo a presente Ata lavrada e assinada pelos(as) senhores(as) membros da Banca Examinadora e pelo(a) discente, atestando ciência do que nela consta.

INFORMAÇÕES

Para fazer jus ao título de bacharel, a versão final do Trabalho de Conclusão de curso, considerado **Aprovado**, devidamente conferida pela Secretaria do Curso de Jornalismo Noturno, deverá ser tramitada para o Repositório Institucional, dentro do prazo de 72 horas da realização da banca.

Juiz de Fora, 13 de julho de 2026.

Assinatura digital dos membros da Banca Examinadora



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Bedendo, Professor(a)**, em 13/07/2026, às 19:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alvaro Eduardo Trigueiro Americano, Professor(a)**, em 13/07/2026, às 19:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Talison Pires Vardiero, Professor(a)**, em 13/07/2026, às 19:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Caio Francis Venâncio Moreira, Usuário Externo**, em 16/07/2026, às 12:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **3072675** e o código CRC **989D574F**.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o movimento “Democracia Corinthiana”, surgido na primeira metade dos anos 1980 durante as lutas pela redemocratização no Brasil, e investigar de que modo os discursos presentes na *Revista Placar* — o principal veículo de informação esportiva do país na época — contribuíram para a consolidação desse movimento. Para isso, são separadas cerca de 190 edições e analisadas 52 veiculadas entre fevereiro de 1981 e abril de 1985, quando a chapa de Roberto Pasqua venceu a chapa da Democracia Corinthiana nas eleições do Corinthians. Nessa análise, são observadas as formas de representação linguística presentes na revista, nas reportagens e nos textos opinativos. A metodologia adota a análise do discurso, tendo como principal referencial os conceitos de Eni Orlandi (2012), permitindo identificar os enquadramentos e escolhas narrativas que dialogaram com o contexto político da época.

Palavras-chave: Democracia Corinthiana. Revista Placar. Ditadura Militar. Jornalismo esportivo. Análise do discurso.

ABSTRACT

This work aims to analyze the “Democracia Corinthiana” movement, which emerged in the first half of the 1980s during the struggles for redemocratization in Brazil, and to investigate how the discourses present in *Placar Magazine* — the country's leading sports publication at the time — contributed to the consolidation of this movement. To this end, around 190 editions are consulted, and 52 published between February of 1981 and April of 1985 are analyzed, when Roberto Pasqua's slate defeated the Democracia Corinthiana slate in the Corinthians elections. This analysis examines the forms of linguistic representation present in the magazine, across both news reports and opinion articles. The methodology employs discourse analysis, drawing primarily on the concepts of Eni Orlandi (2012), which allows the identification of the frames and narrative choices that engage with the political context of the time.

Keywords: Democracia Corinthiana. *Placar Magazine*. Military Dictatorship. Sports journalism. Discourse analysis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Reportagens sobre o retorno e exílio de Vicente Matheus.....	49
Figura 2 – Wladimir se posiciona politicamente.....	51
Figura 3 – “As mil faces de Casagrande”.....	53
Figura 4 – “Sócrates, a estrela do planeta”.....	55
Figura 5 – “Os motivos que levaram o Corinthians a ser campeão”.....	60
Figura 6 – “Uma história mal contada”.....	62
Figura 7 – “A democracia está em jogo”.....	65
Figura 8 – “A ‘democracia’ que Travaglini não quis”.....	67
Figura 9 – “A democracia se consolida”.....	69
Figura 10 – “Depoimento de Wladimir”.....	71
Figura 11 – Leitores discutem a Democracia Corinthiana.....	73
Figura 12 – “A democracia é o próprio gol”.....	74
Figura 13 – “A conquista da democracia”.....	75
Figura 14 – “Sou radical até mudar de idéia”.....	78
Figura 15 – “O bi da democracia”.....	79
Figura 16 – “Por que Biro-Biro ficou no Corinthians”.....	81
Figura 17 – “Reconciliação de Biro-Biro”.....	81
Figura 18 – Sócrates como imperador do Brasil.....	83
Figura 19 – “Democracia, 1 x 0”.....	84
Figura 20 – “Profecia correta”.....	86
Figura 21 – Derrota da democracia corinthiana.....	87

SUMÁRIO

1 – Introdução.....	7
2 – O futebol como reflexo das representações e valores sociais.....	9
2.1 – A construção de uma identidade nacional.....	11
2.2 – Trajetória do esporte e a ferramenta de instrumentalização política.....	13
3 – A Democracia Corinthiana.....	20
3.1 – Origem Operária.....	20
3.2 – Décadas de autoritarismo.....	21
3.3 – As eleições de 1981.....	25
3.4 – A revolução no futebol brasileiro.....	28
3.5 – Os ídolos da Democracia Corinthiana.....	34
3.6 – Identidade Corinthiana.....	35
4 – A Democracia Corinthiana na Revista Placar.....	38
4.1 – Sobre a Placar.....	39
4.1.1 – Referenciais Teórico-Metodológicos.....	42
4.2 – 1981: O início da cobertura.....	44
4.3 – 1982: A filiação à formação discursiva da redemocratização e o atleta-cidadão....	49
4.4 – 1983: A Revista toma partido.....	60
4.5 – 1984-1985: Fidelidade discursiva na queda da utopia.....	79
5 – Considerações Finais.....	89

1 – Introdução

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) busca investigar a forma como a Democracia Corinthiana foi representada na *Revista Placar* durante toda a etapa do movimento: criação, consolidação e queda. A análise busca não apenas observar a forma e a angulação do periódico, mas ressaltar como o futebol funciona como um reflexo dos problemas e da busca pela solução dessas questões na sociedade brasileira.

Primeiramente, busca-se desmistificar a ideia de futebol como “ópio do povo”, uma expressão muito utilizada por intelectuais e críticos do esporte como forma de reduzi-lo a esse imaginário categórico. Dessa forma, limita-se a compreendê-lo como uma atividade alienante, além do jargão popular de que “política e futebol não se misturam”. E, assim, a partir de relações históricas entre o esporte e a sociedade brasileira, evidenciamos esse campo como um ambiente de constantes disputas simbólicas e manifestações de valores correspondentes à concepção de identidade nacional no Brasil.

No capítulo 2, o texto investiga a construção da identidade nacional através do esporte, desde as políticas de nacionalização no Estado Novo até a consolidação da expressão “Pátria de Chuteiras”, passando pelo trauma do Maracanazo de 1950 e pela redenção simbólica com Pelé e Garrincha em 1958. Por fim, examina-se a instrumentalização política do futebol, especialmente durante o regime militar (1964-1985), utilizando o referencial bourdieusiano para analisar como o Campo Esportivo tornou-se permeável às pressões do Campo Político, desde a intervenção de “Jango” no caso Garrincha até a apropriação do tricampeonato de 1970 como propaganda do “Brasil potência”, demonstrando como o futebol foi mobilizado como dispositivo de normalização social e controle.

No capítulo 3, é contextualizada a história do fenômeno da Democracia Corinthiana. Neste momento, o trabalho apresenta os motivos que impulsionam o nascimento do movimento, seus ideais e organização, a importância de seus ídolos na sustentação e a eventual queda dessa gestão coletiva, além de indicar como esse fato histórico ressignificou a identidade do torcedor em relação ao clube.

Já no capítulo 4, a análise recai sobre o objeto de estudo, a *Revista Placar*. O recorte para a realização das análises compreende o período de fevereiro de 1981 até 1º de abril de 1985, quando a chapa de Roberto Pasqua venceu a chapa da

Democracia Corinthiana.

Após breve contextualização histórica sobre o periódico, são apresentados os conceitos teórico-metodológicos de Eni Orlandi (2012), Stuart Hall (2003) e Moretzsohn (2007), utilizados para essa investigação sobre a representação do movimento.

A partir desses referenciais, busca-se observar como a revista mobilizou discursivamente efeitos de sentido sobre o movimento e, somado a isso, examinar como essa narrativa se constituiu até chegar ao leitor: por meio da seleção de fontes, do silenciamento de vozes e da angulação proposta. Por fim, através da seção *Camisa 12*, procura-se identificar como esses discursos mobilizados foram recebidos pelo público leitor — se apoiaram, rejeitaram ou negociaram essa narrativa.

Busca-se compreender, assim, como o discurso da *Revista Placar* funcionou como um dispositivo de construção de sentidos sobre democracia, participação política e transformação social dentro do futebol, a partir do Sport Club Corinthians Paulista, durante o período de redemocratização. Assim, evidencia-se como o periódico constitui uma memória histórica e de resistência no jornalismo esportivo.

2 – O futebol como reflexo das representações e valores sociais

O futebol, mais do que um jogo, constitui-se como fenômeno cultural de grande densidade simbólica, capaz de condensar valores, identidades e tensões sociais. A expressão “o futebol é o ópio do povo”¹, frequentemente atribuída a uma leitura simplificada da crítica marxista à religião, tem sido recorrentemente empregada por intelectuais para destacar o caráter alienante do esporte. Contudo, essa visão reduz a dimensão do futebol e ignora sua ambivalência constitutiva: a coexistência dessa face — frequentemente explorada por regimes políticos e pela indústria midiática — com outra igualmente poderosa, que oferece às massas um espaço de pertencimento, de expressão e de disputa simbólica.

Essa ambivalência do futebol — entendido simultaneamente como veneno e o remédio — é o cerne da análise de José Miguel Wisnik (2008). O autor recorre ao conceito de “droga-Brasil” — “um *fármakon* rebelde à neutralização” (Wisnik, 2008, p. 409), formulado para pensar a formação nacional como um todo — para então tratar o futebol como uma das suas manifestações mais visíveis.

Nessa chave, Wisnik (2008, p. 407) argumenta que o futebol brasileiro é o “saldo ambivalente desse déficit, seu veneno e seu remédio prodigioso”. Para ele, mais do que um simples mecanismo de evasão, o futebol opera como um dos raros campos em que a experiência brasileira conseguiu encarar de frente suas feridas históricas, capaz de “atravessar o seu avesso e tocar as fraturas traumáticas que nos constituem e permanecem em nós como um atoleiro” (Wisnik, 2008, p. 407).

A própria ideia de “ópio do povo” é revisitada no texto, notando que o futebol não anestesia, mas põe em cena o paradoxo central da formação nacional, herdado da escravidão — “um mal nunca superado e, ao mesmo tempo, como um bem valioso em nossa existência” (Wisnik, 2008, p. 407). Esse valor não vem da escravidão em si, mas das formas de criação, resistência e subjetividade forjadas sob a opressão (Wisnik, 2008).

A força afetiva do futebol explica em grande medida sua visibilidade social. Como observa Giulianotti (2010, p. 7), “Nenhuma outra forma de cultura popular engendra uma paixão ampla e participativa dentre seus adeptos como a que se tem pelo futebol”. Essa intensidade não é irrelevante. Ela converte o jogo em instrumento

¹ A frase é uma adaptação do original (“A Religião é o ópio do povo”), que aparece no livro *Crítica da filosofia do direito de Hegel*.

de sentido. “Em qualquer lugar, o futebol oferece “um mapa cultural” que melhora a compreensão da sociedade” (Giulianotti, 2010, p. 8). Por isso, estudá-lo apenas como lazer é perder de vista um campo de produção de significado que interage com classe, raça, gênero e sentimento nacional.

A capacidade do futebol de promover a integração é um tema central, embora complexo. Ronaldo Helal (2014) afirma que o futebol figura entre um dos principais vetores de identidade cultural no Brasil, funcionando como elemento agregador capaz de produzir, na vida social do país, um raro senso de coesão coletiva. Essa integração, no entanto, é paradoxal, como aponta Helal (2014) ao citar Janet Lever. O esporte tem a capacidade de amplificar as divisões sociais (como as rivalidades entre clubes que representam diferentes classes e etnias) ao passo que as neutraliza, tornando-se o meio ideal para integrar grupos diversos. O paradoxo reside justamente nessa dupla função: o futebol demarca as diferenças (a rivalidade entre times, classes, etnias) para, em seguida, harmonizá-las em uma ordem social comum, especialmente no apoio à Seleção Nacional.

Ao mesmo tempo em que mobiliza paixões, o futebol funciona como mecanismo de contenção e de ordenamento. Franco Júnior (2007, p. 167) lembra que “o futebol funciona como poderosa válvula de escape para tensões e ansiedades” e que, por isso, regimes e atores políticos buscaram instrumentalizá-lo. Estados autoritários, em particular, recorreram ao esporte para legitimação e propaganda: como Adolf Hitler se declarando torcedor do Schalke 04 ou Mussolini utilizando a Itália campeã do mundo em 1934 e 1938 como legitimação do fascismo italiano (Franco Jr., 2007). A consequência é clara. O futebol contém uma dimensão de regulação social que opera tanto pela emoção quanto pela representação pública.

A reflexão sobre a ideologização do futebol — isto é, sua utilização para fins políticos e para a difusão de valores hegemônicos — também aparece de forma consistente na literatura. Nesse sentido, Rinaldi (2000), ao analisar a relação entre esporte, sociedade e poder, argumenta que o futebol não é ideológico por natureza, mas se torna ideologizado quando inserido em um contexto social que o utiliza para expressar valores e “verdades” de uma concepção que busca se afirmar como dominante. Esse processo é frequentemente mediado pela mídia, que transforma o esporte em veículo de propaganda e reforço simbólico para o poder instituído (Rinaldi, 2000).

Por trás do uso dessas práticas (autoritárias ou democráticas) está o nacionalismo. À medida que o esporte se popularizou, assumiu a função de vetor da identidade nacional, deslocando para a esfera esportiva parte do sentimento de pertencimento que a globalização moderna fragilizou (Franco Jr., 2007). O caso brasileiro ilustra com precisão esse fenômeno: em poucas ocasiões o sentimento patriótico se manifesta de forma tão intensa quanto durante uma Copa do Mundo. A bandeira, ausente do cotidiano, ocupa fachadas de casas, escritórios e prédios; o hino ecoa como em raros momentos da vida pública. Em um país de frágil consciência cívica, a seleção nacional se converte naquilo que o cronista Nelson Rodrigues imortalizou como a “pátria em chuteiras”, expressão máxima de um nacionalismo emocional que, no caso brasileiro, suplanta a própria política (Franco Jr., 2007, p. 175-176).

2.1 – A construção de uma identidade nacional

Essa fusão entre futebol e identidade nacional não surge espontaneamente: é uma construção viabilizada por políticas de Estado. Livia Magalhães (2010) mostra que, no Estado Novo, Getúlio Vargas instrumentalizou o potencial simbólico do esporte em favor de seu projeto populista. O Conselho Nacional de Desportos (CND), criado em 1941, institucionalizou o controle sobre as práticas esportivas e conferiu ao futebol o papel de modelo de sociedade e instrumento pedagógico de civismo. Os discursos em estádios, especialmente em São Januário e no Pacaembu, tinham um propósito claro: falar à nação a partir do espaço de lazer das massas, conectando o poder político ao sentimento popular. O futebol, portanto, tornou-se metáfora e molde da própria sociedade brasileira, ferramenta de integração e disciplina. Essa tática repete-se em outras conjunturas.

Essa projeção de grandeza materializou-se com a construção do Maracanã em 1948, símbolo de um país que buscava ser moderno, alegre e capaz de grandes feitos (Magalhães, 2010). O futebol brasileiro expressava a utopia da “democracia racial” e a crença em uma identidade coletiva harmônica. A esse respeito, Wisnik (2008, p. 174) destaca a alquimia cultural que transformou o esporte no Brasil, lembrando a crônica de Machado de Assis que, ironicamente, antecipava a nacionalização do esporte pelo “mestiço inútil-perigoso”. Para o autor, o futebol brasileiro opera um salto da vida coletiva (Wisnik, 2008), pois realiza em campo aquilo que a sociedade falha em concretizar, como a ascensão das classes mais

pobres e a efetivação da democracia racial (Wisnik, 2008, p. 408). O futebol, assim, não apenas reflete a sociedade, mas oferece uma proeza simbólica que a sociedade, em outras esferas, não consegue concretizar.

A construção do Maracanã e a Copa do Mundo de 1950, sediada no Brasil, representaram o ápice dessa projeção de grandeza. No entanto, a derrota para o Uruguai, o famoso Maracanazo, expôs a fragilidade desse imaginário. Wisnik (2008, p. 246) descreve o torneio como o cenário de uma oscilação entre a "ambição de grandeza e a impotência infantilizada de um povo periférico e anarcoide". A derrota para o Uruguai, segundo o autor, adquiriu uma função freudiana, a de "rasurar o trauma através da sua infinita repetição fantasmática, diante de um conteúdo insuportável que se deu a ver" (Wisnik, 2008, p. 246), como se a repetição pudesse dar conta do que não fora digerido. A tragédia de 1950, portanto, fixou-se na memória nacional não apenas como uma perda esportiva, mas como o espectro de "uma desesperança quanto à efetivação de qualquer projeto coletivo" (Perdigão, 1991 *apud* Wisnik, 2008, p. 248).

A derrota de 1950 também funcionou como um catalisador de crises, expondo as fragilidades da democracia racial no futebol. Wisnik (2008, p. 240), citando Anatol Rosenfeld, pontua que esse conceito mais prescreve do que descreve a realidade nacional, funcionando como uma narrativa que "descreve possibilidades realizadas e significativas que não se completam como sistema". Essa incompletude revela uma barreira social persistente: o prestígio do jogador negro, que se dá no plano do "imaginário festivo e do 'êxtase das massas'", não se desdobra em um "reconhecimento social extensivo e ordinário da vida social" (Wisnik, 2008, p. 240). Embora o futebol tenha se tornado um "ato de emancipação" e uma "queda para o alto" para negros e mulatos (Wisnik, 2008, p. 241) — subvertendo a lógica do trabalho historicamente ligado à escravidão —, essa realização em campo não se traduziu em uma superação das fraturas sociais da sociedade brasileira.

A verdadeira superação simbólica do trauma de 1950 viria com a geração de 1958, personificada nas figuras de Pelé e Garrincha. Wisnik aponta que a escalação de Garrincha na Copa de 1958, após um começo pouco convincente, foi uma escolha arriscada, porém irresistível, nas qualidades contraditórias de um Macunaíma moderno, do qual o anjo das pernas tortas personificou com perfeição (2008, p. 272). Garrincha, a "alegria do povo", encarnava a própria lógica da diferença brasileira: ele subvertia a linearidade do jogo através do drible como

“elipse, chiste e síncope” (Wisnik, 2008, p. 270). Sua genialidade transformava o déficit físico em uma vantagem, alinhando o toque popular brasileiro ao rigor cosmopolita que, naquele mesmo instante, florescia na “bossa nova e da arquitetura de Brasília” (Wisnik, 2008, p. 272-273).

Se Garrincha personifica o imprevisto e o absurdo da nossa formação, Pelé surge para compactar esses elementos em uma resolução técnica absoluta. Para Wisnik (2008, p. 406), Pelé não apenas domina em campo o estilo brasileiro, mas paira sobre ele, “livre dos seus estigmas (que permanecem e transparecem vívidos no gênio de Garrincha)”. É interessante notar como o autor compara Pelé a Machado de Assis, por serem como “opostos complementares”: enquanto Machado expõe nossa dificuldade em romper com ciclos viciosos, Pelé ilumina a “nossa capacidade de invenção lúdica e a extraordinária potência da nossa promessa de felicidade” (Wisnik, 2008, p. 406).

É no corpo em movimento que a singularidade de Pelé e Garrincha, cada qual à sua maneira, realizava em campo — ainda que de forma simbólica e restrita ao gramado — aquilo que a sociedade sistematicamente falhava em concretizar: “a democracia racial em ato” (Wisnik, 2008, p. 408). A dupla Pelé-Garrincha, portanto, não apenas venceu, mas reverteu o trauma de 1950, oferecendo ao país uma clareza súbita e a sensação viva de que a nação podia superar as próprias fraturas.

Nesse sentido, o sucesso não apenas realizou a capacidade de invenção lúdica brasileira (Wisnik, 2008); ele serviu como uma evidência técnica e estética de um Brasil que se pretendia avançado. Ao ser campeão, o futebol incorporou à representação simbólica da nacionalidade “um conjunto de elementos então associados à modernidade e ao progresso” (Sarmiento, 2006, p. 97), sintonizando o gramado com o otimismo desenvolvimentista da época. Consagrava-se, enfim, a expressão “pátria de chuteiras”, que deixava de ser apenas um desejo emocional para se confirmar como o pilar de uma cultura que via na Seleção o seu espelho mais vitorioso (Dalcol, 2025).

2.2 – Trajetória do esporte e a ferramenta de instrumentalização política

Durante a Copa de 1962, ocorrida no Chile, o Brasil vivia uma grande crise institucional: o país foi transformado em um sistema parlamentarista como um acordo para permitir a posse de João Goulart, que se tornou o presidente sob uma chefia de governo com poderes reduzidos, exercidos pelo primeiro-ministro Tancredo

Neves, transição esta motivada pela renúncia do ex-presidente Jânio Quadros após apenas nove meses no poder.

E foi diante dessa instabilidade política que a seleção brasileira partiu em busca do bicampeonato de 62. Durante o torneio, tanto a delegação brasileira quanto a CBD perceberam que a relação entre poder e futebol poderia ser uma via de mão dupla, como explica Livia Magalhães:

Frente à expulsão de Garrincha na semifinal e à possibilidade concreta de o craque ficar fora da disputa final contra a Tchecoslováquia, os dirigentes do futebol entraram em contato com o Primeiro Ministro solicitando que ele fizesse um pedido oficial à FIFA pela liberação do jogador. O caso até hoje não foi totalmente esclarecido, mas Garrincha jogou a final e o Brasil foi bicampeão, vitória que, para Jango, se deu no momento ideal, com a onda de patriotismo que atingiu o país (Magalhães, 2010, p. 63).

A análise bourdieusiana (Rodrigues, 2005; Bourdieu, 1989, 1997, 2004) convida à investigação crítica das relações entre a economia, o Estado, a política e o esporte. O campo esportivo (CE) é um “microcosmo relativamente autônomo” (Bourdieu, 2004, p. 18) que busca definir e impor as regras do jogo e as hierarquias de excelência. Bourdieu define o campo como um “espaço social estruturado, um campo de forças - há dominantes e dominados [...] que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças” (Bourdieu, 1997, p. 57). A FIFA detinha, e ainda detém, o capital regulatório (burocrático e normativo) do CE. O campo político (CP), por sua vez, é o espaço de luta pela dominação legítima do Estado.

Embora o CE possua uma autonomia relativa diante da política, da economia e da religião, essa autonomia é frágil e permeável às pressões do CP (Rodrigues, 2005, p. 115). No caso do futebol brasileiro, o esporte possui uma capacidade única de gerar capital de massa — o envolvimento emocional e identitário da população. O Brasil de 1962 era uma superpotência neste campo, conferindo-lhe um poder de agenda e influência desproporcionais. A homologia entre o sucesso esportivo e a autoimagem nacional permite que a crise em um campo (a expulsão de Garrincha) seja imediatamente sentida no outro (a legitimidade política).

A intervenção, embora pareça uma ação positiva para o esporte, é um ato político de mobilização de “poder simbólico”, definido como “poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos” (Bourdieu, 1989, p. 7). O ano de 1962 foi um período de

intensificação dos conflitos que culminariam no golpe de 1964. O sucesso no campo esportivo, resultando no bicampeonato, foi imediatamente refratado e absorvido pelo campo político. O triunfo funcionou como um paliativo simbólico, desviando o foco da população dos conflitos sociais e ideológicos em curso. Conforme Elias e Dunning (1992, p. 73), no âmbito esportivo, as emoções fluem livremente, produzindo um efeito catártico que “alivia o fardo global que é inerente à vida das pessoas, fora do âmbito de lazer”. Assim, a vitória simbólica sobre a FIFA operou como um rito de reafirmação da competência estatal para a população.

A fragilidade de Jango, sua falta de capital político robusto no domínio interno, impulsionou a intervenção como uma forma de compensação simbólica: era mais fácil vencer a FIFA diplomaticamente do que vencer a oposição militar — especialmente diante do risco de uma rejeição popular com a derrota no torneio. Dessa forma, o caso Garrincha prefigurou a instrumentalização ostensiva que viria com a Ditadura Militar e demonstrou que o legado do bicampeonato mundial não é apenas esportivo — ele revela como, no Brasil, normas podem ser flexibilizadas quando um gênio é percebido como essencial ao interesse nacional (Bourdieu, 1989; Magalhães, 2010).

Apesar da vitória em 62, o futebol não conseguiu evitar o Golpe Civil-Militar de 1964. Com a chegada dos militares ao poder, sob o comando de Castello Branco, a seleção brasileira foi até a Inglaterra para disputar a Copa de 1966. Sabendo da importância do esporte para o público brasileiro, os militares “não deixariam passar nenhuma oportunidade de utilizar o esporte do povo a seu favor” (Magalhães, 2010, p. 65). Apesar do otimismo, uma série de erros da comissão técnica fez com que a campanha da Copa de 66 se tornasse uma das piores em toda a história.

Após o fracasso, a resposta do regime foi a militarização da gestão e das comissões técnicas, um esforço para impor um *habitus* militar focado na disciplina rígida e no condicionamento físico sobre o talento “anárquico” dos jogadores. Segundo Bourdieu, o *habitus* constitui-se como um “conhecimento adquirido e também um haver, um capital” (1989, p. 61) que funciona como um sistema de disposições duráveis e um *modus operandi* que orienta as práticas sociais.

Esse processo de militarização pode ser entendido como uma estratégia de poder que consiste em “basear a autoridade na situação de ‘guerra’” (Bourdieu, 1989, p. 202) para produzir efeitos de mobilização e obediência, utilizando a imagem de atletas disciplinados como modelos de conduta para o restante da população

trabalhadora. A imposição de tais modelos de conduta visava gerar um "efeito de normalização", no qual a autoridade social de uma cultura legítima passa a "informar realmente as práticas do conjunto dos agentes" (Bourdieu, 1989, p. 246).

Assim, a imagem do atleta disciplinado atua na construção de "atitudes inculcadas pela experiência inicial do mundo social", que levam os sujeitos a aceitarem certas condições de existência e modelos de comportamento como naturais e legítimos. (Bourdieu, 1989, p. 96).

Com a ascensão do General Emílio Garrastazu Médici² ao poder em 1969, a relação entre o Estado e o futebol atingiu um nível de poder simbólico sem precedentes, pois o general era fanático pelo esporte e fazia questão de divulgá-lo (Magalhães, 2010, p. 66). Sob o signo do AI-5, o regime buscou converter o sucesso esportivo em um consenso sobre a ordem social, utilizando a Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP) para associar a imagem do "país que vai para frente" à disciplina da seleção (Magalhães, 2010, p. 66).

Como analisa Livia Magalhães (2010), a preparação para a Copa de 70 revelou o ápice da instrumentalização política do futebol brasileiro, na qual o regime militar invadiu a autonomia do campo esportivo. O caso mais emblemático foi a demissão do técnico João Saldanha: sua queda não foi apenas técnica, mas o resultado de um conflito de posições entre um agente que defendia a autonomia do campo ("o senhor escala seu Ministério, eu escalo a seleção")³ e um poder político que exigia a imposição de seus próprios critérios, como a convocação do jogador Dario, o Dadá Maravilha.

Com a saída de Saldanha e a chegada de Zagallo, a seleção passou por uma militarização definitiva de sua estrutura técnica, consolidando a ideia de que a disciplina é o mecanismo que "garante a uniformidade racional da obediência de uma pluralidade de homens" (Weber, 1971 *apud* Bourdieu, 1989, p. 200).

O resultado dessa preparação não poderia ter sido melhor para o regime; o Brasil ganhou a Copa com um elenco considerado o mais espetacular da história,

² Médici foi indicado pelo Alto Comando das Forças Armadas após o afastamento do general Costa e Silva por causa de um derrame cerebral. Mais detalhes em: <https://memoriasda ditadura.org.br/personagens/emilio-garrastazu-medici/#:~:text=Em%20outubro%20de%201969%2C%20ap%C3%B3s,Armadas%20para%20assumir%20a%20presid%C3%A2ncia>.

³ A frase foi dita por João Saldanha em 1970, em resposta à pressão do então presidente militar Emílio Garrastazu Médici. Saldanha reivindicava autonomia na escolha dos jogadores, entrando em conflito com o governo, o que levou à sua demissão em pouco tempo. Mais detalhes em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/06/4929789-e-le-escala-o-ministerio-eu-escalo-a-selecao-o-tecnico-do-brasil-que-peitou-o-presidente.html>.

que venceu os 6 jogos que disputou. Como argumenta o jornalista e criador do site “Imortais do Futebol”, Guilherme Diniz: “Um time de craques, de jogadores acima da média, de gênios, que faziam do futebol uma arte da mais pura sutileza [...] o Brasil de 1970 foi tudo isso e muito mais. Mostrou a importância do preparo físico.”

Dessa forma, podemos notar que a seleção de 70 foi tratada como uma engrenagem de alta precisão em uma fábrica estatal: os militares não queriam apenas o brilho individual dos jogadores — o que Wisnik, a partir de Pasolini, chamaria de “poesia” —, mas que eles funcionassem dentro de um sistema técnico e disciplinado, chamado de “prosa”, que pudesse ser vendido ao mundo como o produto final de um governo eficiente (Wisnik, 2008, p. 114).

Após a conquista do tricampeonato em 1970, o governo do General Médici apropriou-se da imagem da seleção vitoriosa para promover a narrativa do “Brasil potência”, utilizando a AERP para associar o sucesso nos gramados à eficácia do autoritarismo e ao “Milagre Econômico”. Médici transformou a recepção dos atletas em Brasília em um espetáculo de consagração política, desfilando com os jogadores⁴ e abrindo o Palácio da Alvorada para a população em um gesto de aproximação populista (Magalhães, 2010, p. 68-69).

A própria criação da “Loteria Esportiva”, em 1970, teve um grande papel no fortalecimento da propaganda nacional (Magalhães, 2010, p. 66), pois ao fazer com que os cidadãos participassem de um sistema simbólico comum (o jogo de futebol e a aposta), o regime promovia uma “integração lógica” que servia de base para a “integração moral” da sociedade sob o comando militar (Bourdieu, 1989, p. 9-10). Servindo como um dispositivo de normalização que mantinha a população engajada em uma narrativa nacionalista unificada, silenciando conflitos internos em favor de uma paixão coletiva mediada pelo Estado.

No âmbito do futebol nacional, o regime buscou aprofundar a integração nacional através da criação do primeiro Campeonato Brasileiro em 1971. Entre 1973 e 1980, o país passou por diversas transformações sociais, tanto no campo político e social brasileiro quanto na dinâmica do futebol nacional. Em 1973, uma crise econômica mundial atingiu o Brasil, marcando o fim do “Milagre Econômico” que sustentava a propaganda do regime. Com isso, a pressão sobre o futebol para que este continuasse servindo como uma ferramenta de coesão nacional em tempos de

⁴ A imagem de Médici posando para fotos ao lado de Pelé foi muito divulgada para legitimar o regime, pois o jogador tinha sido destaque da Copa, afirmando seu posto de rei do futebol.

incerteza aumentou. Após o 4º lugar na Copa de 1974⁵, os militares resolveram implementar mudanças dentro da Confederação de Desportos.

Sob a gestão do Almirante Heleno Nunes na CBD, o campeonato foi expandido artificialmente para beneficiar o partido oficial (Aliança Renovadora Nacional - ARENA) em regiões onde o governo perdia prestígio, o que deu origem ao jargão: "Onde a ARENA vai mal, um time no nacional" (Magalhães, 2010, p. 72). Na administração da seleção nacional, sua gestão foi a mais militarizada do regime, um período que foi marcado por diversas interferências diretas de Heleno Nunes na escalação do time por motivos políticos, como o boicote ao centroavante Reinaldo durante convocações — um grande opositor ao regime — e a escolha do militar Cláudio Coutinho como técnico. Em 1978, a Copa foi realizada na Argentina, que também vivia num regime ditatorial. O país-sede não poupou esforços para o sucesso do evento. Os militares brasileiros muito menos, mas “talvez não tenham se esforçado tanto como seus pares argentinos, mas também procuraram garantir a vitória” (Magalhães, 2010, p. 72)⁶. O Brasil foi eliminado sem nenhuma derrota, ficando de fora da final devido ao saldo de gols justo para a Argentina.

O regime estava perdendo dentro e fora dos gramados: crises econômicas e institucionais intensificaram a abertura política e a transição para o regime democrático. Se mesmo com a vitória na Copa de 1962 a seleção não conseguiu segurar Jango no poder, o fracasso da gestão militar da CBD também não evitaria a queda do regime.

A relação entre futebol, sociedade e política continuou e continua até os dias atuais. Desde 1994, a Copa do Mundo e as eleições brasileiras caem sempre nos mesmos anos — e os políticos, é claro, aproveitam-se da paixão nacional para obter apoio dos torcedores. Na comemoração do tetra, o então presidente Itamar Franco posou para fotos e condecorou os jogadores do elenco, sob os aplausos dos torcedores que assistiram à homenagem. Em 2002, as imagens do volante Vampeta dando cambalhotas no Palácio do Planalto viralizaram no mundo inteiro; ao fundo, o

⁵ Com gols de Neeskens e Cruyff, a Holanda venceu o Brasil por 2 a 0 e garantiu a eliminação brasileira em um confronto que entrou para a história pela extrema violência, marcado por faltas agressivas cometidas por ambas as seleções.

⁶ A Copa de 1978 foi marcada por polêmicas sobre uma suposta manipulação e um suposto suborno por parte da Argentina, devido à goleada de 6 a 0 aplicada no Peru, resultado que tirou a seleção brasileira da final. A situação nunca foi provada oficialmente, mas acredita-se que o regime militar argentino estava envolvido. Mais detalhes em: <https://noitedecopa.com/competicoes/copa-do-mundo/copa-de-1978-polemicas-suspeitas-e-interferencias-politicas-na-argentina/>.

então presidente Fernando Henrique Cardoso aplaudia e dava risada. Mais recentemente, entre 2016 e 2022, o ex-presidente Jair Bolsonaro era sempre flagrado vestindo camisas de diversos clubes de futebol brasileiros, além de ter feito a entrega da taça de campeão brasileiro ao Palmeiras, em 2018. Enfim, são inúmeras as relações, mas esta análise não é o foco principal deste trabalho; existem diversos estudos que aprofundam esse debate.

No próximo capítulo, será abordada a relação do futebol e suas forças de expressão social, política e cultural com o caso da Democracia Corinthians. Além de observar como esse movimento moldou o ativismo no clube e na torcida.

3 – A Democracia Corinthiana

Durante este capítulo é apresentado um resumo da Democracia Corinthiana, partindo de um breve histórico sobre a fundação do clube para compreender como a herança fundadora e identitária da instituição criou raízes para um ambiente em que o movimento pudesse florescer décadas depois.

Após essa introdução, percorre-se a história do movimento: desde os motivos que levaram à sua criação da Democracia Corinthiana, passando pelos ideais, forma de funcionamento, popularidade e conquistas, até sua queda — a partir de análises de referências históricas, a fim de contextualizar e antecipar acontecimentos que retornarão no estudo da cobertura feita pela *Revista Placar*. Também são analisados os principais líderes do movimento com base no referencial teórico de Max Weber (2004) sobre a dominação carismática.

Por fim, discute-se como o legado da Democracia Corinthiana construiu uma identidade do clube e da torcida que segue sendo ressignificada nos dias atuais, com base no referencial de Stuart Hall (2005).

3.1 – Origem Operária

No início do século XX, época em que o futebol ainda era uma atividade burguesa e aristocrática, um clube, fundado por 5 jovens operários, surge no bairro Bom Retiro, em São Paulo, no dia 1 de setembro de 1910, desafiando a lógica da ocasião. O Sport Club Corinthians Paulista⁷, como falado pelo primeiro presidente da história da instituição, o alfaiate Miguel Battaglia: “vai ser o time do povo e o povo é quem vai fazer o time” (Azevedo; Tsutsui; Marques, 2023, p. 173). Essa declaração estabeleceu a equipe como um ato de resistência popular, diferenciando-a dos times elitistas que dominavam o cenário esportivo.

A trajetória inicial do Corinthians foi marcada por dificuldades financeiras e pela falta de estrutura formal. A primeira bola de futebol, por exemplo, foi comprada a partir de uma vaquinha feita pelos sócios do clube; apenas em 1913, três anos depois de sua fundação, a equipe conseguiu uma vaga para disputar o campeonato

⁷ O nome do clube foi inspirado no Corinthian Football Club, equipe inglesa formada por estudantes das universidades de Oxford e Cambridge que excursionou pelo Brasil em agosto de 1910. O nome foi adotado no plural, pois os jornais brasileiros da época costumavam se referir ao conjunto de jogadores ingleses como “os corinthians” ou “os coríntios”.

da Liga Paulista de Futebol (Goulart, 2010, p. 46). Curiosamente, o “time de carroceiros”, como foi apelidado pejorativamente devido à sua origem operária, venceu o seu primeiro campeonato paulista no ano seguinte⁸.

Essas adversidades iniciais, entretanto, não impediram que o clube se tornasse um espaço de identidade e resistência. Como argumenta DaMatta:

O elo com o time de nossa escolha promove uma vivência social dinâmica e fluida, o que contrasta de modo profundo com o viés hierárquico do sistema brasileiro que tende a consolidar as experiências como fatos permanentes, naturais e até mesmo imutáveis (2006, p. 163).

Ainda segundo o autor, a identificação dos torcedores com o Corinthians pode ser explicada através da função do futebol como um “fato social total” — conceito formulado originalmente por Marcel Mauss para descrever fenômenos que mobilizam simultaneamente dimensões religiosas, jurídicas, morais e econômicas de uma sociedade. A escolha de um time, por exemplo, muitas vezes é o campo que constitui a primeira etapa de redefinição da identidade fora do ambiente doméstico, estabelecendo uma ponte singular entre o indivíduo e a esfera pública (DaMatta, 2006, p.162).

Essa categoria analítica é crucial para compreender como a identidade operária e o engajamento da torcida culminaram, décadas depois, na Democracia Corinthiana. Em um sistema social marcado pela exclusão e opressão, o Corinthians ofereceu ao trabalhador brasileiro uma rara experiência de êxito, dignidade e protagonismo coletivo.

3.2 – Décadas de autoritarismo

Os anos antecedentes à Democracia Corinthiana foram marcados por gestões centralizadoras, paternalistas e, em muitos aspectos, espelhos das estruturas de poder tradicionais do Brasil. Os presidentes Wadih Helu e Vicente

⁸ Após a conquista em 1914, o Corinthians deixou a Liga Paulista de Futebol visando uma vaga na Associação Paulista de Esportes Atléticos, onde figuravam os maiores clubes da época. Porém, foi impedido de jogar ambas as competições por não representar a elite e por lutar pela inclusão dos excluídos. Essa história deu origem à clássica camisa preta com listras brancas. Mais detalhes em: <https://www.corinthians.com.br/noticias/ha-107-ascointhianatuaaelarievzcom-cmisa-lisrada>.

Matheus foram os gestores que mais atuaram no clube antes do início do movimento; juntos, governaram a instituição por décadas.

Wadih Helu presidiu o clube por dez anos, entre 1961 e 1971. Helu era um político filiado à Aliança Renovadora Nacional (ARENA) que “levou Vladimir Herzog à prisão e à morte. E que tinha um sítio na periferia de São Paulo onde se torturava preso político”, afirmou Juca Kfoury (Neves, 2025, p. 206). Além disso, “o Joaquim Câmara Ferreira – braço direito de Carlos Marighella – que eu conheci, pra quem eu dirigi, morreu sob tortura no sítio do Wadih Helu”, finaliza Kfoury (Neves, 2025, p. 206). A gestão de Wadih era considerada ditatorial a tal ponto que, em 1969, surgiu uma oposição à presidência chamada Gaviões da Fiel⁹, uma torcida organizada que, a princípio, buscava fiscalizar a diretoria e lutar por uma democracia interna (Cunha, 2024). Segundo Bernardo Buarque de Hollanda (2015 *apud* Maschietto, 2020, p. 12), “[...] o presidente do Corinthians chegava a contratar capangas para intimidar os torcedores que lhe faziam oposição. Tal luta é extensiva ao que ocorria na sociedade brasileira, como se o clube paulistano fosse um microcosmo da política da época”. Nesse sentido, a criação da Gaviões pode ser interpretada como o primeiro manifesto público de que o Corinthians pertencia à sua coletividade, e não a uma única figura de poder.

Helu manteve sua legitimidade e longevidade no poder por meio de uma lógica de patronagem e clientelismo na parte social do clube (Couto, C., 2017, p. 248). Mesmo sem conquistar títulos no futebol, ele investiu pesadamente em áreas favoráveis aos sócios do clube, como o ginásio de esportes e as piscinas. Prática essa que garantiu sua reeleição por vários anos (Couto, C., 2017).

Em 1971, Wadih Helu saiu do comando da instituição após ser derrotado nas eleições por Miguel Martínez. Para vencer Helu, a oposição necessitou da união de dois grupos, a Gaviões da Fiel e Vicente Matheus (então diretor de futebol na gestão de Miguel). Esta aliança com a Gaviões, inclusive, foi o motor para a criação de outra torcida organizada, a Camisa 12¹⁰ – composta por torcedores que não

⁹ A escolha de “Gaviões” foi por influência de uma tribo indígena do Pará que estava em evidência nos anos 60 por ter reagido de uma forma violenta à invasão de grileiros, obrigando o exército brasileiro a interditar a rodovia PA-70. Além disso, a ave também possuía características marcantes como o fato de não possuir predador natural e não errar suas presas. Mais detalhes em: <https://gaviaosccp.blogspot.com/2012/11/fundacao.html>.

¹⁰ O nome da torcida organizada vem da frase “vista a camisa 12 para torcer pelo Corinthians”, uma adaptação da frase utilizada pela propaganda do Unibanco “vista a camisa 12 para torcer pelo Brasil”. Mais detalhes em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/instituicoes/472217/>.

concordavam com a união com Matheus (Martins, M., 2012, p. 70). A gestão de Miguel não rendeu títulos, mas trouxe dívidas milionárias e mais pressão dentro do Parque São Jorge; sem apoio da torcida e do clube, ele sofreu impeachment (o primeiro na história) e deixou o comando 15 meses após ser eleito. Com isso, no dia 14 de agosto de 1972, o Conselho Deliberativo do Sport Club Corinthians Paulista indicou Vicente Matheus ao cargo de presidente – sendo este o seu segundo mandato (Sócrates; Gozzi, 2012).

A saída de Helu, a queda de Miguel Martinez e a posse de Vicente Matheus podem ser interpretadas como um ciclo de oligarquização e mandonismo, no qual a troca de nomes mascara a permanência de estruturas de poder personalistas e pouco transparentes. A queda de Martinez foi acelerada por “arranjos pessoais” de Matheus, que, como diretor de futebol, realizou contratações caras¹¹, agravando a crise financeira e abrindo caminho para retomar o poder de fato. O episódio reforça o mito da democracia brasileira: um cenário onde os ritos são formalmente democráticos, mas operados por mecanismos de exclusão e força, e a “futepolítica”¹² que reproduz os vícios do nosso sistema político (Couto, C., 2017).

Com a transição do cargo para Vicente, o Corinthians viveu o período crucial para o surgimento da Democracia Corinthiana. O empresário do ramo da construção civil comandou o clube por quase duas décadas, durante oito mandatos não consecutivos (1959, 1972, 1973, 1975, 1977, 1979, 1987 e 1989), sendo considerado um dos dirigentes mais importantes da história da instituição, devido à conquista de três Campeonatos Paulistas: os de 1977 (após 23 anos de jejum), 1979 e 1988; além do primeiro Campeonato Brasileiro, em 1990.

Enquanto Helu apostava em investimentos no clube social para manter seu poder dentro do Timão, Matheus apostava em seu carisma e na contratação de craques (como Biro-Biro, Basílio e Sócrates) com recursos próprios (Couto, C., 2017). A mística em torno do carisma de Vicente Matheus era construída por sua imagem folclórica e pelas famosas “pérolas” linguísticas, que criavam identificação imediata com grande parte da torcida, transcendendo o debate intelectual (Sócrates;

¹¹ Vicente Matheus contratou o ponta-direita Vaguinho (ou Waguinho) por 700 milhões de cruzeiros sem que o clube tivesse esse valor no caixa. Mais detalhes em: <https://ge.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2025/08/08/o-intins-vivu-ipahment-em-192-em-conto-e-r-acha-a-avos-e-riacao-da-camisa-12.ghtml>.

¹² Intersecção direta entre o futebol e a política, tratando o esporte não apenas como lazer, mas como um espaço de disputa de poder, militância e transformação social.

Gozzi, 2012, p. 33-34). Isto é, frases como “haja o que hajar” ou “dirigir um clube é uma faca de dois legumes” não eram meros erros de português, mas ferramentas que criavam conexão direta com as massas.

Paralelamente, ele utilizou sua conquista no Campeonato Paulista de 1977 para consolidar uma estrutura patrimonialista e autoritária no clube. O fim do jejum de 23 anos¹³ conferiu a Vicente Matheus um capital político inquestionável, transformando o êxito esportivo em aval para seu autoritarismo.

A postura autoritária do mandatário pode ser lida através da figura do “grande pai”. Segundo Lilia Schwarcz (2019), essa forma de mando opera como se o clube não passasse de uma generosa família, “cujo guia é um grande pai, que detém o controle da lei, é bondoso com seus aliados, mas severo com seus oponentes, os quais são entendidos como inimigos” (Schwarcz, 2019, p. 71). Vicente Matheus agia exatamente como descrito, tratando jogadores e sócios como dependentes de sua tutela benevolente, mas exigindo obediência absoluta.

Mas, individualista e um tanto prepotente, o folclórico presidente do clube entendia pouco de liberdade. Comandava o Corinthians com mão-de-ferro. Certa vez, ao comentar seu estilo de administração, declarou: “O Corinthians é uma ditadura mole!” Quando derrotado politicamente no clube, recorria à Justiça. As renovações de contrato dos atletas transformavam-se em verdadeiras novelas. Autoproclamava-se uma espécie de “defensor dos direitos do Corinthians” (Sócrates; Gozzi, 2012, p. 34).

O ano de 1979 foi marcado pela conquista de mais um Campeonato Paulista, mas também por manobras políticas de Vicente Matheus e conflitos com jogadores importantes do clube, entre eles o meio-campista Sócrates.

A principal disputa de Matheus naquele ano foi com a Federação Paulista de Futebol (FPF), que havia marcado uma rodada dupla no estádio do Morumbi para o dia 11 de novembro daquele ano. Os jogos seriam Corinthians x Palmeiras e Guarani x Ponte Preta. Entretanto, o dirigente opôs-se à decisão, pois, segundo ele,

¹³ O Corinthians enfrentou um jejum de títulos entre 1954 e 1977, encerrado em 13 de outubro com o gol de Basílio contra a Ponte Preta. O apelido 'Fiel' surgiu devido ao apoio incondicional da torcida durante esse período.

a torcida corinthiana¹⁴ era superior à dos outros três clubes juntos e a renda do Timão seria prejudicada.

Matheus não aceitou a imposição. Ele alegava que a renda de seu clube seria prejudicada porque a torcida corinthiana “seria superior às de Palmeiras, Guarani e Ponte Preta juntas”. Na época, a renda dos jogos era a principal fonte de receita dos times de futebol. O caso foi parar na Justiça Desportiva. Com isso, o campeonato ficou paralisado durante alguns meses. Sua retomada ocorreu apenas no fim de janeiro do ano seguinte, quando o Corinthians eliminou o forte Palmeiras dirigido por Telê Santana numa semifinal e conquistou o título mais uma vez contra a Ponte Preta (Sócrates; Gozzi, 2012, p. 37).

Apesar do sucesso em campo naquele ano, o clima interno era de tensão. Sócrates, o principal jogador do elenco, relatou ter tido grandes conflitos com a presidência, chegando a ficar quase um ano sem receber prêmios devido a impasses na renovação contratual. “Após a conquista do Campeonato Paulista de 1979, o craque Palhinha foi embora, Sócrates passou meses sem jogar devido a uma disputa salarial com Matheus e o Corinthians entrou em crise” (Sócrates; Gozzi, 2012, p. 38). O modelo de gestão de Matheus apresentava crescentes sinais de esgotamento, pavimentando o caminho para as transformações que viriam a seguir.

3.3 – As eleições de 1981

No ano de 1981, o Corinthians atravessou um dos piores momentos de sua história, terminando em vigésimo sexto no Campeonato Brasileiro, sendo a pior classificação da história do time. Em ano de eleição no Parque São Jorge, a expectativa da torcida corinthiana era de que houvesse uma mudança de fato no comando da instituição, já que, devido a restrições estatutárias, Matheus não poderia concorrer a uma nova reeleição.

Na época, as eleições no Corinthians eram realizadas a cada dois anos, sempre em anos ímpares. De forma alternada, votavam conselheiros e associados. Como em 1979 Matheus fora mantido na presidência pelos associados, dois anos depois a votação para presidente do clube seria protagonizada pelos conselheiros. Naquele

¹⁴ Gramaticalmente, o correto é corintiano(a), sem a letra “h”. O dígrafo “th” não existe na língua portuguesa. Uma reforma ortográfica ocorrida em 1943 retirou o “h” em diversas palavras, mas o Corinthians, por ser nome próprio, manteve a letra. Contudo, o próprio clube utiliza corinthiano(a) em seus documentos e comunicações oficiais. Ambas formas estão corretas, mas os torcedores escrevem com “th” como forma de honrar a história do clube. Mais detalhes em: https://www.meutimao.com.br/forum-do-corinthians/bate-papo-da-torcida/3475/corinthiano_ou_corintiano.

ano, Matheus não podia mais tentar driblar os estatutos e buscar a reeleição, como avisara o advogado Eurico de Castro Parente (Sócrates; Gozzi, 2012, p. 46-47).

Buscando manter sua influência no Parque São Jorge e evitar que seu arqui-inimigo — e antigo aliado — Wadih Helu retomassem o poder, Vicente indicou seu então vice-presidente, Waldemar Pires, para encabeçar a chapa, figurando ele próprio como candidato a vice. A intenção era transformar Pires numa espécie de “laranja”¹⁵.

A eleição foi marcada por uma disputa familiar entre dois irmãos: Vicente e Isidoro Matheus (que compunha a chapa com José Borbola). Ambos estavam brigados na época, com Isidoro chegando a declarar à imprensa que o irmão sequer o havia procurado após ele ter passado por duas operações: “sofri duas operações e o Vicente nem sequer telefonou para saber como eu estava. Não vejo motivo para tirar uma foto ao lado dele” (Sócrates; Gozzi, 2012, p. 47).

A chapa de Waldemar Pires conseguiu 137 votos contra 101 da oposição, sendo ele eleito presidente em abril daquele ano. Curiosamente, a vitória da chapa Pires-Matheus foi facilitada pelo rival do mandatário, Wadih Helu. “Um grupo de cinquenta conselheiros vitalícios liderados por Helu, que deveria votar ao lado da chapa Isidoro-Borbola, não compareceu ao pleito, enfraquecendo a oposição” (Sócrates; Gozzi, 2012, p. 47). Após a vitória, a força da relação patrimonialista entre Vicente Matheus e o Corinthians era tamanha que o presidente do Conselho Deliberativo do clube chegou a anunciar o nome de Matheus antes do de Pires. No entanto, Waldemar buscou autonomia, passou a delegar funções e estabeleceu uma nova diretriz para o departamento de futebol, rompendo com o estilo de gestão anterior.

Essa busca por autonomia total permitiu ao clube implementar uma gestão horizontal, cujo objetivo central era desmistificar a “pirâmide hierárquica vertical” (Montano, 2021, p. 29) que historicamente separava comando e execução no futebol brasileiro. Ao transformar o jogador de mero empregado em artista e agente político, a ação promoveu uma assimetria de poder inversa: os atletas passavam a ocupar o espaço da cidadania plena. Essa horizontalidade deliberativa encontrou

¹⁵ O termo refere-se à uma pessoa física ou jurídica que atua como intermediária em transações ou ações políticas, voluntária ou involuntariamente, com objetivo de ocultar a identidade do real beneficiário da ação.

em Sócrates e Wladimir¹⁶ os seus alicerces intelectuais e práticos, estabelecendo uma sinergia onde direitos e deveres eram compartilhados de forma equânime (Montano, 2021; Martins, 2012).

Paralelamente, o Brasil também vivia um clima de abertura política lenta e gradual. O movimento *Diretas Já* estava em gestação, e a sociedade buscava sepultar o regime autoritário. A influência externa com a mudança na diplomacia dos Estados Unidos, sob o governo de Jimmy Carter, passou a exigir respeito aos direitos humanos e valores democráticos das juntas militares na América Latina (Sócrates; Gozzi, 2012).

O começo do trabalho não foi fácil; Pires assumiu o cargo quando o ano já estava perdido. O então treinador do clube, Oswaldo Brandão¹⁷, foi demitido após o desempenho abaixo do esperado; sua queda só não foi antecipada, pois era um homem de confiança de Vicente Matheus — que estava perdendo sua influência no Parque São Jorge após tentar uma manobra estatutária para seguir como presidente¹⁸. Sem técnico e com desempenho aquém, o clube amargou o oitavo lugar na competição estadual, sendo rebaixado para a Taça de Prata¹⁹ (segunda divisão).

Para tentar reverter a situação, Waldemar apostou em um novo técnico: Mário Travaglini, experiente treinador, campeão brasileiro pelo Palmeiras (1967) e pelo Vasco da Gama (1974). Travaglini “chegou ao Corinthians como uma espécie de salvador da pátria” (Sócrates; Gozzi, 2012, p. 63).

Mário enxugou o elenco e conquistou alguns bons resultados, apesar de não ter conseguido passar para a fase seguinte do Paulista. A moral do elenco começou a subir após a conquista do Troféu Feira de Hidalgo, realizado em Pachuca, no

¹⁶ O jogador que mais vezes vestiu a camisa do Corinthians, com 806 participações. Foi o capitão do clube durante a Democracia Corinthiana.

¹⁷ Treinador do Corinthians nas conquistas do Campeonato Paulista de 1954 e 1977. Além de ídolo do time do povo, Oswaldo também é ídolo do Palmeiras — clube em que conquistou três Campeonatos Brasileiro (1960, 1973 e 1974). Mais detalhes em: https://mg.superesportes.com.br/app/nticas/futebol/cruzeiro/2014/07/31/noticia_cruero,89856/o-aes-e-s-valdo-brandao.shtml.

¹⁸ Após um breve afastamento do Corinthians, Matheus retornou ao clube, mas foi expulso da sede dias depois, em agosto de 1981, por aliados de Waldemar Pires.

¹⁹ A Taça de Prata foi criada em 1980, pela recém criada Confederação Brasileira de Futebol (CBF), com intuito de reduzir o número de times na divisão de elite do futebol (Taça de Ouro). Apesar de serem competições distintas, ambos os torneios interligavam-se na fase semifinal. Além disso, era o desempenho nos Estaduais que afetava em qual competição o clube jogaria no ano seguinte. Mais detalhes em: <https://www.ultimadivisao.com.br/a-pta-e-o-bonze-ue-valeram-ouo/>.

México, vencido sobre o América do México pelo placar de 2 a 0. Os bons resultados seguiram nas excursões pela América Latina, com duas vitórias e um empate contra equipes da região central do continente. Travaglini terminou aquele ano sem perder mais nenhum jogo.

3.4 – A revolução no futebol brasileiro

O movimento teve seu ponto de inflexão em novembro de 1981, quando o sociólogo Adilson Monteiro Alves²⁰ foi nomeado diretor de futebol após a saída de João Mendonça Falcão²¹. Sem experiência prévia na gestão esportiva, Alves adaptou sua formação acadêmica ao cotidiano do elenco, abrindo um canal de diálogo direto com os jogadores.

Ele era sociólogo, tinha uma visão diferente, e começou a sondar para saber qual forma de relacionamento deveria ser estabelecida. Nós colocamos nas mãos dele aquilo em que acreditávamos. A solução que imaginávamos. Precisávamos criar uma relação diferente e conseguimos convencê-lo. Convencê-lo não seria a palavra certa. Ele também tinha um sentimento semelhante e nós passamos a ter um parceiro de peso. O Adilson era alguém que representava a instituição Corinthians (Sócrates e Gozzi, 2012, p. 32).

A essência do movimento era que todas as decisões coletivas eram votadas, desde horários de treino e contratações até paradas de ônibus em viagens, como explica Sócrates (Sócrates; Gozzi, 2012, p. 70), “nós passamos a exercer uma forma de relacionamento na qual o voto era essencial. Tudo era votado”. O voto era unitário: o peso da escolha de cada um era semelhante; jogador, presidente, roupeiro e faxineiro eram iguais dentro do sistema. O elenco era consultado sobre a chegada de novos jogadores: a diretoria apresentava nomes e os atletas votavam se aprovavam ou não a contratação. Da mesma forma, o grupo podia votar a favor da saída de um atleta caso considerasse que ele não se adequava à filosofia e ao esquema tático.

Além disso, os jogadores passaram a ter participação proporcional nas rendas obtidas pelo clube nas bilheterias e nos contratos de transmissão de TV. Isso

²⁰ Filho de Orlando Monteiro Alves, vice-presidente do Corinthians até 1983 após a saída de Vicente Matheus. Orlando indicou Adilson Monteiro Alves à diretoria de futebol.

²¹ Presidente da Federação Paulista de Futebol por quinze anos (1955-1970), muito criticado durante seu mandato por ter ligações com o ex-presidente do Corinthians, Alfredo Ignácio Trindade.

criou um compromisso coletivo: quanto melhor o time jogasse e mais público atraísse, maior seria a remuneração do grupo (Sócrates; Gozzi, 2012, p. 110).

Como explica Mariana Aleixo (2024, p. 24), “para Adilson, os jogadores, como figuras admiradas na sociedade, conseguiriam influenciar o imaginário político dos torcedores”. Dessa forma, a presença desse espírito de união dentro do clube era capaz de adentrar as rodas de conversa dos torcedores corinthianos, criando um ambiente de debate não apenas sobre o futebol, mas também uma discussão política capaz de impactar o rumo do próprio país que passava por um processo de abertura política.

Nesse cenário, o vestiário deixou de ser um local de “resenha” e virou um palco para discutir política. Os jogadores do clube, ao mostrar o poder do povo e da coletividade, seriam capazes de incentivar as pessoas a deixarem de lado o pensamento individualista. O depoimento de Sócrates evidencia essa transformação: “Havia dentro do Corinthians jogadores filiados a agremiações políticas de diferentes correntes. Alguns se filiaram ao PT, outros ao PMDB. Dentro do grupo existia um sentimento democrático. Isso era estimulado.” (Sócrates; Gozzi, 2012, p. 83). Ao replicar o sistema de voto existente nas democracias, o Corinthians criou um ambiente que ainda não era possível na sociedade brasileira da época.

O movimento, apesar de ter melhorado o ambiente interno, não possuía uma grande divulgação para a massa que acompanhava futebol. A mobilização só era popular dentro dos corredores do clube. Como o Corinthians ainda estava em crise, precisava da popularidade para atrair mais torcedores e patrocinadores para melhorar as contas. Em julho de 1982, uma mudança na legislação do antigo Conselho Nacional de Desportos (CND) permitiu a inserção de patrocínios em uniformes²², que, até o início dos anos 1980, era uma prática proibida. Ao notar essa brecha, Adilson decidiu que deveria consolidar a imagem do novo modelo de gestão que estava sendo implementado. Ao ler em uma revista da época sobre um premiado publicitário brasileiro declarando seu amor pelo Timão, o diretor empenhou-se em trazê-lo para o departamento de marketing do clube — que até então não existia. Após uma conversa durante um encontro em um bar, Washington Olivetto aceitou o cargo no marketing do Corinthians.

²² Mais detalhes em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2015/03/04/primeiro-clubes-a-ter-patrocino-d-caian-rslore-pa-sbeier.htm>.

Depois de aceitar o desafio, era necessário imaginar formas de ajudar a colocar em evidência o então incipiente movimento que surgia no Parque São Jorge. “Eu pensava que todas aquelas mudanças que vinham ocorrendo no clube necessitavam de gestos dramáticos. Precisava fazer com que as pessoas percebessem aquilo como algo importante. O Corinthians não tinha absolutamente nada na área de marketing. Pouco tempo antes, havia saído uma regulamentação que permitia publicidade nas camisas dos clubes”, recorda Olivetto (Sócrates; Gozzi, 2012, p. 85).

Washington trabalhava gratuitamente para o clube, pois, segundo ele, não queria que fosse “passada a sensação de que estou me aproveitando do clube” (Sócrates; Gozzi, 2012, p. 85). Olivetto, um gênio da publicidade, teve a sensibilidade de “perceber” e batizar o movimento como Democracia Corinthiana após ouvir a expressão ser citada pelo jornalista da *Placar*, Juca Kfoury, durante um debate na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); a ele também se deve o *slogan* “ganhar ou perder, mas sempre com democracia”, utilizado posteriormente em cartazes. O publicitário também foi responsável pela criação da logomarca da mobilização, que possuía uma tipografia inspirada no partido MDB (oposição ao governo militar) e na Coca-Cola, visando tornar o movimento mais atrativo ao povo (Martins, A., 2024). É interessante observar que a inspiração na empresa de refrigerantes, mesmo que indiretamente, pode ser interpretada como uma forma irônica e subversiva de defender a democracia, visto que a marca era o símbolo máximo do capitalismo e do *American way of life*, dando a entender que a liberdade de expressão era tão fundamental e consumida como a bebida.

O publicitário transformou o Corinthians em um meio de comunicação social ao subverter o uso do uniforme. O espaço, até então destinado apenas aos patrocinadores, passou a abrigar tanto mensagens de mobilização direta — como “*Dia 15 Vote*”, incentivando o voto nas eleições estaduais de 15 de novembro de 1982 — quanto a própria logomarca “Democracia Corinthiana”. Essa articulação visual ressignificou o uso do uniforme para além de uma simples vestimenta esportiva. A “mensagem” não era apenas o texto escrito, mas o fato revolucionário do clube estar intervindo diretamente no processo de redemocratização do país. Essa ação foi o primeiro envolvimento político do movimento, que já se mostrou um *outdoor* popular muito importante.

Para aumentar a conexão do clube além das massas, Washington criou um

conselho de marketing com torcedores notáveis, como a cantora Rita Lee²³ e o diretor da TV Globo José Bonifácio, o Boni. Todo aspecto midiático do movimento passava pelas mãos do publicitário; a intenção dele era mostrar que, além de ser uma equipe das massas, o Corinthians era moderno, profissional, politicamente relevante e valioso para o mercado.

Se fora de campo a imagem do clube estava bem, dentro dele as mudanças demoraram a ser percebidas; o clube começou a Taça de Prata de 1982 vencendo o América do Rio por 2 a 0, mas tropeçando contra equipes fracas como a Associação Atlética Colatina (empate em 1 a 1) e Catuense Futebol (empate sem gols). A mudança só veio a acontecer quando Mário Travaglini apostou em uma promessa da base — que viria a se tornar um dos líderes da Democracia Corinthiana — no ataque do Timão. O “grandalhão” Walter Casagrande marcou seis gols em quatro jogos disputados naquela fase, sendo quatro apenas na sua partida de estreia. A equipe venceu os quatro confrontos de que necessitava para competir em uma das chaves da Taça de Ouro (primeira divisão). Apesar de ter caído no grupo da morte (com Flamengo, Atlético Mineiro e Internacional), o “Time do Povo” conseguiu se classificar em primeiro lugar e chegar até as semifinais, sendo eliminado pelo Grêmio — campeão do Brasileiro no ano anterior (Sócrates; Gozzi, 2012; Unzelte, 2006).

Depois desse resultado no Campeonato Brasileiro, o Timão engrenou (Unzelte, 2006). Já nos primeiros jogos do Paulista, o jovem Casagrande marcou três gols na goleada de 5 a 1 contra o Palmeiras e caiu nas graças da torcida; contra o Santos, Biro-Biro marcou o único do jogo; já contra o São Paulo, mais dois gols de “Casão” na vitória por 2 a 0. Nenhuma derrota no primeiro turno para algum rival. Os ótimos resultados continuaram no segundo turno, levando o Time do Povo para a final daquele ano contra o então bicampeão São Paulo. Na final, o Corinthians não tomou conhecimento do tricolor paulista, vencendo o jogo de ida (1 a 0) e o de volta (3 a 1). A conquista do título, articulada à estética publicitária concebida por Washington Olivetto, promoveu uma reconfiguração na identidade do clube. Conforme analisa José Paulo Florenzano (Leitão; Biasi, 2011, 06:31), o fenômeno extrapolou as quatro linhas: “O Corinthians no segundo semestre de 1982 se torna o

²³ Durante o show “O Circo”, no ginásio do Ibirapuera, os três líderes do movimento (Sócrates, Casagrande e Wladimir) subiram ao palco e dividiram o microfone com a cantora. Uma das músicas era “Vote em mim”, que virou um jingle da Democracia Corinthiana.

clube da moda, porque o Casagrande estoura fazendo um campeonato extraordinário, batendo recordes de renda e público".

O Corinthians da Democracia Corinthiana tornou-se um símbolo que buscava ser replicado por outros clubes, como o Internacional e o Vasco da Gama, além de ter despertado curiosidade e interesse em atletas simpatizantes dos ideais democráticos, como explica o bacharel em ciência do esporte, Mário Sanches Montano:

Zico e Reinaldo, craques do Flamengo e Atlético Mineiro, respectivamente; colocaram o debate à tona; e fizeram com que grandes jornais se digladiassem sobre o assunto, trocassem os analistas esportivos por analistas políticos e filósofos para tentar trazer explicações teóricas para o que estava acontecendo dentro do Parque São Jorge (2021, p. 48).

Entretanto, projetos semelhantes nunca foram para a frente, pois aquela mobilização era uma das raras coincidências da história em que, no mesmo lugar, pessoas com pensamentos distintos se juntaram, mas em prol de um mesmo objetivo comum: a soberania popular.

Apesar da genialidade em campo e da referência em autogestão, o movimento não era admirado pela mídia conservadora da época, que considerava a quebra da hierarquia tradicional como uma anarquia e baderna. Jornais, como *A Gazeta Esportiva*, buscavam “deslegitimar o movimento, via naquilo uma afronta ao modelo instaurado dentro da sociedade, e, por consequência no futebol, e desdenhava do poder que existia ali dentro” (Montano, 2021, p. 49). Essa ala da mídia também considerava que a autonomia dada aos jogadores era um pretexto para que os atletas pudessem ter liberdade para beber cerveja, festejar e abrir mão das responsabilidades de um profissional (Neves, 2025, p. 207-208).

O único tumulto que abalou o vestiário naquele momento foi devido à contratação do goleiro Emerson Leão²⁴, em 1983, que possuía um perfil mais individualista e reacionário, “não se alinhava às ideias democráticas por causa de seu passado militar” (Montano, 2021, p. 44). Ironicamente, no mesmo período em que lidava com uma oposição interna, o movimento atingiu seu grau máximo de autonomia política quando os jogadores elegeram, pelo voto, o ex-atleta Zé Maria

²⁴ A contratação do goleiro não ocorreu consultando o elenco. Adilson decidiu sozinho a contratação, pois a qualidade do jogador estava alinhada com o interesse da diretoria no sucesso da “Missão Tóquio” — projeto que buscava fazer o Corinthians campeão do Mundial de Clubes.

como técnico interino após a saída de Mário Travaglini (Sócrates; Gozzi, 2012, p. 136), além da reeleição por uma grande diferença de votos de Waldemar Pires nas urnas contra Vicente Matheus.

Contudo, a “turbulência” criada por Emerson Leão e a demissão de Travaglini levantaram questionamentos fora do Parque São Jorge sobre até que ponto a Democracia Corinthiana iria aceitar a oposição (Montano, 2021, p. 51). A tensão atingiu um novo patamar com o retorno do técnico Jorge Vieira. Embora aceitasse o diálogo e as votações, Vieira queria manter a disciplina e ter a palavra final no grupo (Reis; Martins, 2014, p. 94). Essa postura, somada à volta da concentração, gerou revolta em Sócrates e Casagrande. Nesse cenário, a articulação de Leão foi determinante para consolidar um grupo de oposição que, aproveitando o endurecimento do comando técnico, tentou minar a harmonia e a horizontalidade do elenco (Montano, 2021; Martins, M., 2012).

A legitimidade da Democracia Corinthiana estava fortemente atrelada aos resultados em campo. Como em 1984 o time não conseguiu repetir o sucesso dos anos anteriores, o modelo foi enfraquecido perante os críticos. O engajamento político das lideranças foi tão intenso durante a campanha das “*Diretas Já*” que o foco no futebol acabou sendo diluído, deslocando o time das páginas esportivas para as de política (Montano, 2021, p. 59). Sócrates havia condicionado sua permanência no Brasil à aprovação da emenda Dante de Oliveira (que previa eleições diretas para presidente), que, ao ser rejeitada, forçou o principal ídolo e imagem pública do movimento a ir jogar na Itália, pela Fiorentina. O vácuo deixado pelo jogador, a presença da “panela” de jogadores contrários ao movimento, além da percepção de que os jogadores negligenciavam o gramado em favor dos palanques políticos forneceram a munição retórica necessária para a reação da ala conservadora do Parque São Jorge.

A restauração da hierarquia tradicional ocorreu formalmente por meio das eleições presidenciais do clube, realizadas em 1º de abril de 1985. O embate deu-se entre Adilson Monteiro Alves, o mentor intelectual da Democracia na diretoria, e Roberto Pasqua, representante da ala oposicionista e conservadora. Para derrotar o movimento, a oposição adotou uma estratégia de esvaziamento das propostas democráticas, sugerindo que as conquistas da democracia seriam mantidas, mas, na prática, trouxe de volta práticas como a concentração obrigatória e a vigilância sobre a vida privada dos atletas (Sócrates; Gozzi, 2012, p. 174).

3.5 – Os ídolos da Democracia Corinthiana

É impossível falar do movimento sem aprofundar-se na importância dos três principais ídolos do clube que permitiram a sustentação do movimento democrático dentro de um ambiente tradicionalmente autoritário. Sócrates é frequentemente descrito como a face pública e intelectual do projeto; sua genialidade em campo, alinhada à formação em medicina e uma consciência política bem articulada, conferia a ele a representação perfeita da ruptura com o modelo de gestão vigente. Já o lateral Wladimir era o “braço forte” do processo; ele trazia a experiência de ser o jogador com mais jogos na equipe, além de ser o principal fomentador da organização sindical dos atletas²⁵. Sua presença era fundamental por personificar a identidade de grande parte da sociedade brasileira em termos raciais e sociais, além de atuar como um elo entre a teoria democrática e a prática operária da bola (Sarmiento-Pantoja, 2020).

Casagrande completava o grupo, sendo o símbolo da juventude e rebeldia da década de 1980. Sua imagem associada ao *rock n’ roll* e comportamento contra-hegemônico personificava a quebra de paradigmas comportamentais que a Democracia Corinthiana também defendia, unindo a contestação política à renovação cultural (Montano, 2021).

Essas três figuras exerciam o que Max Weber (2004) classifica como dominação carismática, que se baseia na crença em líderes “portadores de dons físicos e espirituais específicos, considerados sobrenaturais (no sentido de não serem acessíveis a todo mundo)” (Weber, 2004, p. 324)

. Diferente da autoridade legal-racional (baseada em regras) ou tradicional (baseada em costumes), o carisma surge em momentos de crise e exige “provas” constantes do líder.

O herói carismático não deriva sua autoridade de ordens e estatutos, como o faz a “competência” burocrática, nem de costumes tradicionais ou promessas de fidelidade feudais, como o poder patrimonial, mas sim consegue e a conserva apenas por provas de seus poderes na vida (Weber, 2004, p. 326).

No contexto corinthiano, a liderança de Sócrates e seus pares operava sob

²⁵ O lateral atuou como tesoureiro do Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado de São Paulo (SAPESP) entre 1980 e 1984, quando assumiu a presidência da entidade. Sua adesão a movimentos sociais e políticos foi impulsionada pelo contexto das greves no ABC Paulista (1978-80) (Reis; Martins, 2014).

essa lógica. Eles não exerciam poder por meio de cargos formais de diretoria, mas sim pela autoridade moral e carismática que inspirava os demais jogadores, funcionários e a torcida. Contudo, como observa Weber (2004), a dominação carismática é inerentemente instável, pois exige uma constante validação; o Corinthians conseguiu isso por meio do bicampeonato paulista e da consciência política dos atletas perante o momento que atravessava a sociedade brasileira. Embora tenha havido uma tentativa de rotinização do carisma mediante as decisões coletivas, transformando a influência em uma estrutura democrática de autogestão, a Democracia Corinthiana não conseguiu se sustentar. A queda de desempenho no ano de 1984 rompeu com uma das provas necessárias para essa autoridade se manter. Junto a isso, a saída de líderes como Sócrates e Casagrande desestabilizou a base do movimento, fazendo com que a estrutura hierárquica e patrimonialista do futebol voltasse a reinar no clube.

Além disso, essa mobilização rompeu com a visão do jogador como “mercadoria” de um sistema autoritário ao forjar um conceito de jogador cidadão. Isto é, um jogador que não se limitava às “quatro linhas”, mas entendia sua função social e política. O jogador deixava de ser apenas um atleta para ser um agente social, alguém que via o futebol como uma extensão da luta de classes e da busca por direitos de cidadania. Wladimir, por exemplo, foi central ao ver-se como um operário da bola, percebendo na organização sindical a força para transformar a realidade da categoria e transcender seus ideais para além do futebol.

3.6 – Identidade Corinthiana

A Democracia Corinthiana não foi apenas um grito de liberdade em meio à ditadura militar, mas o catalisador que redefiniu o “ser corinthiano”. Nas décadas seguintes, o movimento moldou a percepção de que torcer para o Corinthians exige valores democráticos, consolidando o clube como o Time do Povo não apenas por sua base social, mas por sua prática simbólica (Azevedo; Tsutsui; Marques, 2023).

Stuart Hall define o sujeito pós-moderno “como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente” (Hall, 2005, p. 12), mas sim uma “celebração móvel” formada por múltiplas identidades²⁶. A identidade do “ser corinthiano” é

²⁶ Essa identidade descentralizada que Stuart Hall (2005) comenta permite, inclusive, a existência de identidades contraditórias como um corinthiano de extrema-direita. Dessa forma, esses corinthianos ressignificam a identidade corinthiana de outras maneiras: pela forma de sempre apoiar o clube, pela alcunha de “corinthiano sofredor”, entre outras

retroalimentada por um imaginário de luta e liberdade que resgata constantemente os símbolos da Democracia Corinthiana. O clube deixa de ser apenas sobre futebol masculino (no esporte, a identidade do atleta e do torcedor sempre foi centralizada na figura masculina); ele se desdobra em novas frentes, como na luta feminista, por exemplo.

O respeito da torcida e da diretoria do clube pelo futebol feminino serve de exemplo internacional sobre como se deve gerir a modalidade, quebrando com paradigmas que colocam o futebol feminino como não rentável e de baixo interesse do público, em tempos de baixa produtividade de outras modalidades, é o futebol feminino que vem enchendo estádios e empilhando conquistas, criando uma realidade onde os jovens corinthianos irão crescer tendo como exemplo essas mulheres que lutam diariamente por respeito e inclusão dentro do esporte que escolheram praticar e ter como profissão (Cunha, 2024, p. 34).

A própria instituição utiliza as redes sociais para propagar essa narrativa de “Time do povo”. A equipe resgata símbolos da Democracia Corinthiana para se posicionar em contextos políticos atuais, como o incentivo aos jovens a votarem durante as eleições de 2022 e a defesa da democracia através do exercício de memória anual sobre o golpe militar (Azevedo; Tsutsui; Marques, 2023). Em um mercado globalizado, reforçar essa memória que caracteriza a identidade do clube serve para garantir a lealdade da torcida e se diferenciar das demais marcas esportivas (Azevedo; Tsutsui; Marques, 2023).

E, apesar dos gestores tratarem essa identidade como um ativo estratégico, o Corinthians busca resistir ao perigo do “supermercado cultural”, onde as identidades flutuam livremente e perdem suas raízes (Hall, 2005, p. 75). Tal resistência é frequentemente impulsionada pela cobrança de sua torcida, que pressiona o clube, mesmo sob a lógica do capital e do espetáculo, a ancorar sua imagem na tradição operária, na inclusão e na defesa da democracia — resgatando símbolos do passado. Esse processo conecta a subjetividade do torcedor a um destino nacional-coletivo por meio de uma narrativa histórica persistente. Cita-se, como exemplo, o caso de 2023, quando o ex-presidente Duílio Monteiro — filho de Adilson — contratou o treinador Alexi Stival, o Cuca, condenado por ato sexual com menor e

características que compõem o que é ser torcedor do Corinthians. Esses torcedores de extrema-direita ganharam o apelido de “fiel-quartel” por criticarem pautas relacionadas à história do clube — chegando, até mesmo, a negá-las.

por coação²⁷. A torcida, o próprio Adilson e jogadoras do futebol feminino reagiram contrariamente à contratação e criticaram a gestão, com base no histórico do clube²⁸, o que resultou na demissão do técnico após dois jogos. Mais recentemente, em março de 2026, o Corinthians retirou um assento de seu estádio após um torcedor, não identificado, ter proferido ofensas racistas ao atual goleiro do Palmeiras, Carlos Miguel, em um ato simbólico para mostrar que não há lugar para racismo na casa do clube²⁹.

Após explicar o contexto histórico envolvendo o Sport Club Corinthians Paulista e a Democracia Corinthiana, no próximo capítulo iremos analisar como foi a cobertura do movimento a partir da análise das páginas da Revista Placar — principal revista de jornalismo esportivo da época.

²⁷ O crime ocorreu em 1987 em Berna, na Suíça. O treinador foi condenado a 15 meses de prisão, em 1989, mas o tribunal anulou a sentença e prescreveu o caso, após a defesa pedir revisão por falta de representante legal no país. Mais detalhes em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/01/03/justica-da-suica-anula-sentenca-que-condenou-cuca-por-estupro.html>.

²⁸ Nas redes sociais, Adilson Monteiro Alves republicou uma postagem de jogadoras do elenco feminino do Corinthians, além de escrever um texto crítico à contratação. O ex-diretor de futebol da Democracia Corinthiana reforçou os ideais do movimento, afirmando que o clube deve pautar-se pela democracia e pelo respeito. A torcida também manifestou rejeição, registrando mais de 20 mil comentários contrários à decisão da diretoria na plataforma X (antigo Twitter). Mais detalhes em: <https://www.terra.com.br/esportes/corinthians/pai-de-duilio-apoia-manifestacao-das-jogadoras-do-corinthians-contra-cuca-vive-m-nossa-filosofia.88672b3edbdcd820e9294540dd8245b9wj5gp0o.html>.

²⁹ No lugar do assento removido, fixou-se um adesivo com os dizeres “aqui, o racismo não tem lugar”, além de um QR Code que direciona o usuário a conteúdos educativos sobre a identificação e a denúncia de atos racistas. Mais detalhes em: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/corinthians-flamengo-campanha-antirracista/>.

4 – A Democracia Corinthiana na *Revista Placar*

Como explicado no último parágrafo do capítulo anterior, a *Revista Placar*, na época, era a principal revista esportiva brasileira — essa posição foi um dos principais motivos para a escolha do periódico para o recorte das análises. Além disso, a facilidade de acessar seu acervo (disponível online por meio do *Google Books*) e o fato de a revista ser sediada em São Paulo também contribuíram para a seleção.

O capítulo inicia-se apresentando um breve resumo sobre a *Placar*: sua criação, sua forma de fazer jornalismo esportivo e a apresentação de algumas reportagens populares feitas pelo periódico — a fim de antecipar a forma como a revista interpretava a relação do esporte com os demais aspectos da sociedade, que é aprofundada na cobertura sobre a Democracia Corinthiana.

Em seguida são explicados os conceitos dos referenciais teórico-metodológicos de Eni Orlandi (2012), Stuart Hall (2003) e Sylvia Moretzsohn (2007) para que, a partir deles, seja possível compreender o objeto de análise. Ressalta-se que essa seção foi introduzida de forma separada para não reduzir o estudo a um exercício de identificação mecânica de termos, respeitando a singularidade da pesquisa.

A partir do tópico 4.2, são analisadas as edições da revista que abordam temas relacionados ao movimento da Democracia Corinthiana. É importante ressaltar que pode e vai haver alguns pontos que foram trabalhados no capítulo 3, bem como histórias que não foram aprofundadas. A intenção deste capítulo não é recontar a história, mas analisar a forma como a revista cobria o movimento — aqui, o assunto deixa de ser apenas sobre o Corinthians e passa a focar também na *Placar* e suas representações.

Para o desenvolvimento dessa argumentação, foram consultadas cerca de 190 edições do periódico, das quais 52 foram escolhidas para análise. As publicações foram selecionadas e elencadas por sua relevância e proximidade com o tema — ressalta-se que, como houve diversas citações sobre o movimento ao longo dos anos, alguns episódios (ainda que importantes) não foram abordados, seja por se distanciarem da linha argumentativa que a pesquisa busca seguir ou por reforçarem sentidos já discutidos.

4.1 – Sobre a *Placar*

Lançada oficialmente em 20 de março de 1970 pela Editora Abril, a revista *Placar* surgiu de um interesse antigo de Cláudio de Souza, homem de confiança de Victor Civita (fundador da editora), em criar uma revista sobre esportes. Souza havia notado o sucesso e a influência do futebol na sociedade brasileira durante a Copa do Mundo de 1950, mas a ideia não prosseguiu na época devido ao tamanho da empresa. Com o grupo editorial bem consolidado no final da década de 1960 no mercado de publicações femininas com a *Revista Capricho* (1952) e automotiva com a *Quatro Rodas* (1960), além de outras publicações como a *Veja* (1968) e a *Recreio* (1969), a Editora Abril possuía uma grande variedade de revistas sobre temas diversos, mas faltava uma editoria sobre a paixão nacional (Vianna, 2016; Leal; Mesquita, 2021)

Com a Copa do Mundo de 1970 chegando e, principalmente, com a criação da Loteria Esportiva, Victor Civita decide tirar do papel aquela vontade proposta por Cláudio de Souza de criar um periódico esportivo. Todos os elementos da revista já estavam idealizados desde 1952 por Souza, quando ele apresentou o projeto de um periódico esportivo à editora; entre os elementos já criados por ele, estava o nome *Placar* (Leal; Mesquita, 2021).

Os dois primeiros jornalistas responsáveis pela revista foram José Maria de Aquino e Michel Laurence, vencedores do Prêmio Esso de Jornalismo no ano de 1969 pela série de seis artigos intitulada “*Jogador é um escravo*”³⁰, publicados na *Edição de Esportes* do jornal Estado de São Paulo. É interessante notar que o emprego desses dois jornalistas logo na criação da revista definiu como seria a angulação do periódico, mostrando que os leitores poderiam esperar reportagens com boas apurações e com um teor crítico sobre o esporte (Vianna, 2016, p. 24).

Essa singularidade pode ser vista já na primeira edição da revista, lançada em 20 de março de 1970, às vésperas da Copa no México, com Pelé, Tostão e João Saldanha na capa com reportagens sobre os preparativos para o torneio. Como já explicado no segundo capítulo, Saldanha foi demitido do comando da seleção brasileira por ser contrário às interferências do regime militar dentro da equipe. A revista deu a oportunidade ao técnico de explicar tudo o que ocorreu até sua queda,

³⁰ Isto porque, no artigo, Michel e José Maria mostraram aos leitores a postura autoritária dos dirigentes sobre os atletas: submetendo-os a tratamentos médicos sem eficácia, forçando-os a assinar contratos em branco e negando-lhes a garantia de direitos básicos.

por meio de uma carta aberta, escrita por ele mesmo, na segunda edição do periódico. O treinador não poupou palavras para atacar seus desafetos e pedir mudanças dentro do futebol brasileiro. Já na primeira página, Saldanha chama Pelé de “ingênuo” por não saber que era o homem mais explorado do mundo, sendo forçado por diversas vezes a jogar partidas, mesmo lesionado, para não prejudicar os patrocinadores. Em seguida, Saldanha (1970, n. 2, p. 22-26) pedia que houvesse uma intervenção na CBD e, se necessário, colocassem policiais dentro dos vestiários para manter a integridade dos atletas.

Na edição de 23 de fevereiro de 1973, a revista utiliza novamente o futebol para, nas entrelinhas, falar sobre política e demonstrar seu posicionamento na área. A edição chamada “*Corinthians mais perto de Deus*” possui uma reportagem-perfil com Dom Paulo Evaristo Arns, que tinha acabado de virar cardeal de São Paulo. Dom Paulo era conhecido por ser um defensor dos direitos humanos e contra a ditadura, sendo ele o líder do “Testemunho da Paz” — um documento assinado por bispos de São Paulo que criticava fortemente o regime militar. A revista utilizou a posição de Evaristo para tentar conseguir algum depoimento contra a política da época. Como explica Carlos Maranhão, jornalista do periódico entre 1972 e 1990:

Eu perguntei para ele se Deus era corintiano. Ele respondeu dizendo que não era exatamente corintiano, mas que o mais importante na vida é você torcer pelo bem do povo e que haja justiça em toda parte; ou seja, fez um belo contrabando político através do futebol, que a revista publicou com destaque (Corrêa; Filho, 2025, 8:00-8:33).

Esse espaço dado pela *Placar* não foi por acaso, foi algo pensado pelos próprios jornalistas da revista, como explica Juca Kfourir: “Era tudo gente de esquerda, era tudo gente contra a ditadura e eram todos bons jornalistas. Todos sabiam escrever muito bem e entendiam que ali havia um escape para driblar a censura” (Corrêa; Filho, 2025, 2:51-3:11). Kfourir acrescenta sobre um episódio no qual recebeu uma carta de um presidiário dizendo que tinha compreendido a reportagem “*A fórmula das bombas*”; no contexto futebolístico, as “bombas” referiam-se aos chutes potentes — nos quais craques, como Rivelino e Quarentinha, eram especialistas — todavia, o termo carregava uma ironia velada acerca dos atentados contra bancas que comercializavam a imprensa alternativa (Unzelte, 2015; Corrêa; Filho, 2025). Esse mesmo perfil crítico e politizado também se estendia à liderança da revista, dirigida desde os primórdios por jornalistas de vieses

progressistas e ligados ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) — como Milton Coelho da Graça (1971), Jairo Régis (de 1971 a 1979) e o próprio Kfoury, que assumiu a direção entre 1979 e 1995 (Unzelte, 2015, p. 132).

Essa oposição ideológica ao governo, porém, não era uma verdade absoluta, visto que o motivo principal para a idealização da revista e, por consequência, o impulsionamento das vendas era a Loteria Esportiva, criada pelo regime militar. A *Placar* destinava muitas páginas para apresentar palpites dos jogos da semana feitos pelos próprios jornalistas — no começo, eles apenas escolhiam o vencedor pelo tamanho da equipe —, além do “tabelão” onde os leitores eram capazes de acompanhar todos os resultados da rodada anterior (Corrêa; Filho 2025, 11:00-11:20). Essa relação com a Loteria, futuramente, gerou uma das mais famosas reportagens investigativas feitas pela revista: a Máfia da Loteria (Vianna, 2016, p. 25-26).

A condução dessa pauta ficou a cargo do jornalista Sérgio Martins, que, durante dois anos, investigou o esquema de manipulação que envolvia dirigentes, atletas, árbitros, empresários, políticos, funcionários da Caixa Econômica Federal, entre outros. No total, 125 pessoas foram delatadas — porém, ninguém foi punido ou indiciado (Valente, 2020). Após a denúncia, a Loteria Esportiva perdeu a credibilidade e começou a decair. Embora a ascensão da revista estivesse ligada à popularidade dessas apostas, a *Placar* não hesitou em priorizar sua função social e o compromisso com a verdade ao denunciar a “Máfia da Loteria”. O periódico assumiu riscos financeiros e jurídicos em prol de uma prestação de contas rigorosa, reafirmando seu caráter investigativo ao proteger o torcedor contra o produto que impulsionava suas vendas. Mas essa não foi a única vez que a revista denunciou os problemas no futebol brasileiro.

Ao longo dos seus 56 anos, a *Placar* também foi responsável por investigar a Máfia do Apito (2005), em que o jornalista André Rizek, até então na *Veja*, descobriu a existência de manipulação em 11 jogos do Campeonato Brasileiro apitados pelo árbitro Edilson Pereira de Carvalho. A descoberta fez com que os jogos manipulados fossem refeitos, gerando a eterna polêmica sobre quem deveria ter sido o campeão em 2005: Corinthians ou Internacional. A revista também foi responsável por divulgar

a indústria dos gatos³¹ (2006) e revelar os casos de abuso sexual de crianças e adolescentes dentro do futebol brasileiro por falsos olheiros, por meio da reportagem “*Lado Sombrio do Futebol*” (2013) — o texto rendeu ao jornalista Breiller Pires o Prêmio Direitos Humanos de Jornalismo.

Esse histórico de coberturas investigativas e denúncias sociais demonstra que a *Placar* consolidou-se como um veículo que interpreta o esporte como um reflexo das tensões estruturais da sociedade brasileira. Contudo, para sobreviver às transformações do mercado editorial e à queda nas vendas, a revista passou por mudanças drásticas em sua periodicidade. Desde 1991, a publicação — que outrora fora semanal — tornou-se mensal, alternando edições regulares com edições especiais temáticas. Atualmente, sob a gestão da *Editora Score*, a marca busca se manter relevante no ambiente digital; mantendo sua presença em plataformas, como *Instagram* e *YouTube*, a *Placar* tenta equilibrar o peso de sua herança crítica e investigativa com as novas demandas de consumo imediato de conteúdo multiplataforma.

4.1.1 – Referenciais Teórico-Metodológicos

Antes de iniciar essa investigação, apresentam-se os referenciais teórico-metodológicos que orientam a leitura das edições. São utilizados os conceitos da Análise do Discurso, de Eni Orlandi (2012), o livro “Pensando contra os fatos: jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico”, de Sylvia Moretzsohn (2007), e o modelo de codificação e decodificação de Stuart Hall (2003).

A análise do discurso trabalha o discurso não como uma mensagem e conteúdo, mas como “efeito de sentidos entre locutores” (Orlandi, 2012, p. 21). Seu objeto não é a língua em si, nem a gramática, mas “a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral” (Orlandi, 2012, p. 15). Para isso, a linguagem, o sujeito e a história são articulados sob a hipótese de que a linguagem não é transparente: o sentido não está nas palavras — literalmente, como no dicionário —, mas no resultado de como sujeitos historicamente situados se relacionam com a língua e a ideologia.

O sujeito da Análise do Discurso não é o indivíduo em sua forma empírica

³¹ Um funcionário das categorias de base do Corinthians apelidado de Marabá que era responsável por captar jogadores agenciou 9 atletas gatos — isto é, jogadores com identidades falsificadas. (Rizek, n. 1301, p. 49-55).

nem a fonte intencional do dizer, mas descentrado — ele é afetado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia (Orlandi, 2012). Quando um jornalista, atleta ou leitor, por exemplo, toma a palavra, ele ocupa uma posição que já existe socialmente.

Essa relação é concretizada a partir de dois tipos de ilusões necessárias, que a autora classifica como “esquecimentos” (Orlandi, 2012, p. 34). O esquecimento número um (ideológico) corresponde à ilusão de ser a origem do que está sendo dito quando, na verdade, estão sendo retomados sentidos pré-existentes. Por outro lado, o esquecimento número dois (enunciativo) estabelece uma ilusão referencial em que o sujeito acredita que o que diz só pode ser dito com aquelas palavras e não outras.

Esses esquecimentos sustentam o efeito de evidência dos sentidos, que parecem “naturais” porque a ideologia — entendida não apenas como opiniões explícitas, mas como mecanismo que interpela o sujeito e estrutura sua relação com a língua e a história — opera no entremeio de dois eixos.

O “interdiscurso” (ou memória discursiva) é o eixo da constituição, “o saber discursivo [anterior] que torna possível todo o dizer” (Orlandi, 2012, p. 31), o “já-dito” que retorna sob nova forma. Tal dimensão articula-se com o intradiscurso, que corresponde ao eixo da formulação, ou seja, aquilo que está sendo dito naquele momento, em condições dadas. Segundo Orlandi (2012, p. 33), “a constituição determina a formulação, pois só podemos dizer se nos colocamos na perspectiva do dizível”.

A memória discursiva — compreendida pela historicidade — difere da história tradicional, que segue uma cronologia de fatos. Ela, na verdade, funciona como uma “filiação de sentidos” a redes de significação socialmente consolidadas. A frase “independência ou morte”, por exemplo, quando utilizada em uma faixa de manifestação ou manchete de jornal, aciona uma memória social que faz com que ela signifique para além da sua literalidade (Orlandi, 2012).

Essas articulações entre sujeitos, situação e memória mobilizada correspondem às condições de produção. Dentro delas operam as formações imaginárias, um mecanismo que “produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica” (Orlandi, 2012, p. 40). É nesse jogo imaginário que o interlocutor, por meio da “antecipação”, prevê o efeito de suas palavras no locutor (se colocando no lugar dele) a fim de direcionar a argumentação.

Além da antecipação, também se constituem as relações de força (relações

de hierarquias sociais dentro de um discurso: a palavra de um professor vale mais que a de um aluno) e as relações de sentido (todo discurso dialoga com um discurso prévio, que dialoga com discursos mobilizados por sujeitos diferentes, que, por sua vez, remetem a outros discursos possíveis).

Todos esses conceitos estão articulados dentro de uma formação discursiva, “aquilo que, numa formação ideológica dada [...] determina o que pode e deve ser dito” (Orlandi, 2012, p. 43) — a partir de uma posição. É a formação discursiva que faz com que a mesma palavra produza significados diferentes, dependendo da posição-sujeito ocupada pelos interlocutores.

Essa dinâmica entre o que se repete e o que se transforma no interior do discurso é explicada por Orlandi por meio de dois processos, a paráfrase e a polissemia. O primeiro deles representa o retorno aos mesmos espaços do dizer; já a polissemia representa o deslocamento, a ruptura para o sentido novo.

Enquanto Orlandi oferece uma base de interpretação das produções de sentidos no texto, Stuart Hall (2003) nos permite acompanhá-los e compreendê-los quanto à sua circulação e recepção, processo no qual o produtor codifica uma mensagem buscando fixar um sentido preferencial, e o receptor decodifica com base na sua organização cultural.

Hall identifica três posições decodificantes: a dominante-hegemônica, em que o receptor interpreta e aceita a mensagem no sentido proposto; a negociada, em que ele aceita o sentido geral, mas adapta com base em suas próprias experiências; e a oposicional (contra-hegemônica), em que ele compreende a mensagem, mas rejeita totalmente essa visão, reinterpretando com base na sua própria visão de mundo. As cartas da seção *Camisa 12* serão analisadas com base nessas três posições.

Enquanto Sylvia Moretzsohn (2007) oferece uma base teórica para compreender a ilusão da neutralidade e transparência que frequentemente envolve a prática jornalística. Para Moretzsohn, os meios de comunicação não são espelhos da realidade, mas sim instâncias de mediações discursivas que operam com base em condicionamentos econômicos e ideológicos.

4.2 – 1981: O início da cobertura

Durante o ano de 1981, a *Placar* cobriu assiduamente toda a crise política interna que o Corinthians atravessava e, principalmente, com destaque para as

matérias sobre o então presidente. Entretanto, essa cobertura não foi neutra; ela construiu ativamente uma narrativa contrária à gestão de Vicente Matheus.

Na edição de número 560, uma reportagem de duas páginas feita pelo jornalista Celso Kinjô expõe duras críticas ao gestor corinthiano. Sob a manchete de “*Mateus ressuscita o faz-me rir*”, o repórter aciona um interdiscurso: o jejum de títulos enfrentado pelo clube durante 23 anos. Aqui o “não-dito” é a esperança de sucesso do Corinthians sendo atacada, que só fará sentido ao leitor que tem na memória esse período de “seca”. Ao acionar essa lembrança, a revista sugere ao leitor que o momento é de retrocesso, fazendo-o questionar a gestão do então presidente. A *Placar* não precisa dizer “23 anos sem título” para que o enunciado se opere; basta acionar a memória, e o sentido se completa no leitor (Orlandi, 2012).

Além do interdiscurso do longo jejum de títulos, a reportagem reforça a crítica à gestão por meio de outro recurso: o depoimento do goleiro Solito, comparando o gestor a Adolf Hitler. Essa declaração contribui para que o leitor entenda o quanto o gestor não é bem-visto dentro do Parque São Jorge e o quanto autoritárias são suas ações internas. A posição sujeito-atleta confere legitimidade à crítica — algo que um jornalista, em sua posição profissional, não seria capaz de sustentar sozinho³² (Orlandi, 2012).

Isso é reforçado no subtítulo “*A Placar só diz mentiras. Será?*”. Kinjô ironiza uma crítica feita por Vicente Matheus à revista para, nas entrelinhas, inverter o foco: ela não é um questionamento ao periódico, mas sim a credibilidade do presidente, fechando a polissemia da mensagem sob a interpretação de que o gestor é um líder autoritário cujas declarações não possuem credibilidade (Orlandi, 2012).

Essa postura da revista segue na edição 561, de 13 de fevereiro de 1981, em que o jogador Sócrates, em depoimento a Carlos Maranhão, relata que o que “se necessita no futebol do Corinthians é estreitar a distância que separa o patrão do empregado”, complementando que ali “o ser humano não existe” (*Placar*, 1981, n. 561, p. 20). Ao empregar os termos “patrão” e “empregado”, Sócrates, interpelado pela ideologia, assume uma posição-sujeito que se filia à formação discursiva vinculada ao sindicalismo do ABC — que acontecia na mesma época (conforme já mencionado, Wladimir foi influenciado por esse movimento). Ou seja, ele desliza de sua posição original de atleta para falar simultaneamente a partir de uma posição-sujeito de trabalhador sindicalizado (Orlandi, 2012). Criando um paralelo de

³² Um exemplo de relação de força (Orlandi, 2012).

que o Corinthians vivia um reflexo da sociedade brasileira, tanto na questão das lutas de classe quanto na questão da ditadura militar.

O efeito de sentido é justamente o atravessamento entre essas duas formações discursivas, que faz com que o futebol passe a significar dentro da luta de classes.

Além disso, o atleta começa a dar indícios sobre uma vontade de acabar com essa gestão verticalizada de Matheus, a fim de democratizar o ambiente do clube (*Placar*, 1981, n. 561). O uso dessas palavras acende a questão da historicidade do texto ao leitor, que já tinha visto na última edição um atleta do próprio clube comparando o gestor a um dos maiores ditadores da humanidade — reforçando a imagem de Vicente Matheus como um mal a ser derrotado. A recepção ativa desse discurso (e dominante-hegemônica) acontece na página 66, na seção *Camisa 12* — em que os leitores podiam mandar opiniões, críticas e sugestões à *Placar*. Um torcedor corinthiano dá sua opinião contra Vicente Matheus, dizendo que o gestor estaria preso ao ano de 1940 e pedindo sua saída do Corinthians — filiando-se à mesma formação discursiva de resistência (ao presidente corinthiano) mobilizada pelo *Placar* (Hall, 2003; Orlandi, 2012).

O interessante nessa seção da revista reside na posição em que coloca o leitor: uma audiência que deixa de ser passiva. No entanto, essa seleção era mediada e selecionada de acordo com as condições de produção da revista (Orlandi, 2012). Ressalta-se que a *Placar*, reforçando suas opiniões sobre o gestor e publicando-as semanalmente, tornava o que era importante para a mídia (no caso, o próprio periódico) importante ao leitor. A publicação dessas cartas encerra este ciclo — o que parecia espontâneo, na realidade, foi pré-fabricado pela revista (Moretzsohn, 2007; Orlandi, 2012).

Conforme as eleições se aproximavam e, conseqüentemente, Vicente Matheus se eximia de qualquer responsabilidade pela fase do clube, a revista aumentava seu posicionamento contrário ao dirigente. As palavras mais duras vêm do jornalista Celso Kinjô, na edição 562, que afirma: “enquanto existir esse Matheus pequeno, mesquinho, ditador, não haverá amor entre Fiel e Timão” (*Placar*, 1981, n. 562, p. 24). Ou seja, ela condiciona uma melhora na relação entre torcedor e clube à queda de Vicente; e essa declaração ganha mais peso pelo fato de Kinjô ser declaradamente torcedor do Corinthians.

Kinjô, interpelado pela ideologia, inscreve-se em uma posição sujeito-torcedor

que compartilha a mesma paixão e dor da torcida, que lhe permite utilizar a palavra “amor”, por exemplo, com uma autoridade que um jornalista neutro não teria. Além disso, os adjetivos “pequeno”, “mesquinho” e “ditador” mobilizam uma formação imaginária de que as características de Vicente Matheus não condizem com as do Corinthians (Orlandi, 2012). Ressalta-se que essa operação só funciona porque há, no interdiscurso popular sobre o clube, o sentido sedimentado de que o Timão é o “time do povo”.

Após a vitória de Waldemar Pires, a *Placar* reconhece que Matheus se utilizou de Waldemar para se manter no poder e cria uma narrativa de “bem contra o mal”. Na edição 577, a revista reforça o caráter autoritário do então vice-presidente, mas produz um efeito de sentido que indica o quão fraco Pires era internamente; o texto utiliza expressões, como “não poderia imaginar o problema que tem nas mãos” e “ele passou a enfrentar vaidade, o autoritarismo, os bajuladores”, que constroem uma imagem de “coitado” ou de alguém despreparado para a situação do clube. E essa imagem de vítima passiva contrasta com a de Matheus, que é destacado como o verdadeiro dono do poder — a “vaidade” e o “autoritarismo”.

Entretanto, a revista não admite que essa posição em que Pires se encontra se deve à sua incapacidade de governança; ela opta por retratá-lo sofrendo uma injustiça. Isso é proposital na produção de uma rede de filiações de sentido aos leitores, de forma que ela naturaliza uma disputa política complexa — conduzindo o leitor a interpretar que um embate entre Waldemar Pires (o “bem”) e Vicente Matheus (o “mal”) é a única alternativa para uma possível mudança na ordem do Corinthians. A complexidade da disputa é reduzida a um maniqueísmo que busca estabelecer um sentido hegemônico que tenta apagar não somente uma interpretação contrária, mas críticas simultâneas aos dois gestores (Orlandi, 2012).

Com a decisão de Matheus de se afastar do Corinthians por seis meses, aliados de Waldemar Pires começaram a aplicar uma gestão que integrava o atleta nas tomadas de decisão (*Placar*, 1981, n. 585). A *Placar* produz um efeito de contraposição à antiga conduta do então vice-presidente, dizendo que o novo Corinthians tenta “sepultar o autoritarismo” através do “exercício da velha e eficiente prática democrática”. O uso dessas expressões também dialoga com o contexto brasileiro, ao classificar a democracia como algo “eficiente” e exaltar os benefícios de uma política em que todos possuem direito de votar; a revista produz um efeito de evidência que naturaliza a superioridade do modelo democrático frente à

ditadura. Ademais, no último parágrafo da reportagem, a *Placar* continua nessa produção de sentido ao dizer que os torcedores corinthianos se afastam do estádio quando “há bagunça, autoritarismo, mediocridade” (*Placar*, 1981, n. 585, p. 4), induzindo o leitor a interpretar que essas expressões não condizem com a identidade do corinthiano (como explicado na seção 3.6).

Na edição 587, a revista consolida essa formação imaginária negativa de Vicente Matheus através de uma desumanização de sua imagem, com depoimentos de torcedores, dirigentes e jogadores do clube sobre suas características. A reportagem sobre o exílio do vice-presidente do cargo no clube, logo após a sua volta precoce do afastamento, apresenta termos como “monstro”, “ambicioso” e “possessivo” para descaracterizar Matheus como uma pessoa; juntamente com isso, a *Placar* busca no passado uma tática feita por Matheus para derrubar seus adversários políticos (dar “bichos” a jogadores do time adversário para que ganhassem do Corinthians). Então, a revista utiliza uma narrativa que cria um fato discursivo que diminui qualquer legitimidade histórica que o mandatário possuísse.

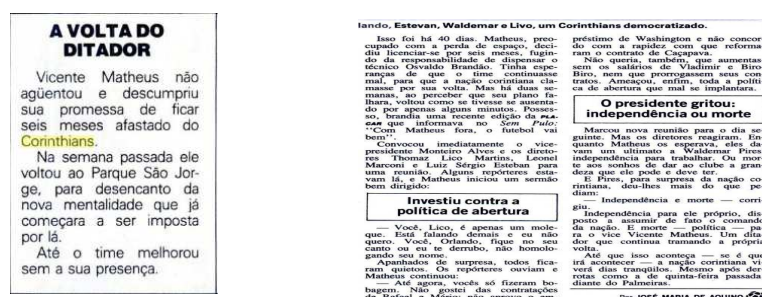
Além disso, a reportagem utiliza expressões como “o presidente gritou: independência ou morte”, “um Corinthians democratizado” e depoimentos como “acabou a ditadura”, para constituir um enlaçamento entre o intradiscursos (saída de Matheus) e o interdiscursos (memória nacional). A revista coloca Waldemar Pires na figura de um libertador, tal como Dom Pedro I, convidando o leitor a interpretar as duas “independências”³³ como equivalentes, projetando uma terceira: a queda da própria ditadura militar que governava o país — simbolizada na figura de Matheus (*Placar*, 1981, n. 587, p. 14-15).

Embora tal cobertura da *Placar* possa ser interpretada como o jornalismo atuante com ideologia e críticas próprias, em especial por meio de uma “autonomia” dos jornalistas, Sylvia Moretzsohn (2007, p. 118) argumenta que esse olhar desconsidera “seus condicionantes econômico-tecnológicos, e a crença numa liberdade de imprensa independente da propriedade dos meios”. Essa perspectiva desconsidera o processo de produção jornalística (os valores-notícia, a ideologia da editoria, a seleção e filtragem de assuntos) e a própria subjetividade do jornalista (como no caso de Celso Kinjô). Pensar no jornalismo como um espelho neutro da realidade ignora, fundamentalmente, “as mediações discursivas inerentes ao trabalho jornalístico” (Moretzsohn, 2007, p. 120).

³³ Do Brasil e do Corinthians de Matheus.

É possível afirmar que o posicionamento da revista durante o ano eleitoral no Corinthians traçou um paralelo direto com a visão crítica sobre o regime militar. A Placar aproveitava as brechas editoriais para projetar a gestão de Vicente Matheus como um reflexo da ditadura militar — como se o ex-gestor fosse o ditador do “Estado” Corinthians (figura 1).

Figura 1 – Reportagens sobre o retorno e exílio de Vicente Matheus



Fonte: *Revista Placar* (1981, n. 586, 587).

4.3 – 1982: A filiação à formação discursiva da redemocratização e o atleta-cidadão

Se durante o ano de 1981 a *Revista Placar* desestabilizou a posição-sujeito do mandatário autoritário no discurso esportivo, em 1982 ela passa a filiar-se à formação discursiva da redemocratização — que já circulava na sociedade brasileira, sustentada por formações ideológicas de resistência à ditadura. O periódico investe na rearticulação de uma gramática democrática que extrapola os gramados, conciliando o discurso esportivo com a primeira etapa no processo de redemocratização brasileira — as eleições para governadores —, mobilizando os atletas (principalmente do Corinthians) como sujeitos enunciadores capazes de fazer essa filiação significar para o leitor-torcedor que iria às urnas.

Entre janeiro e abril daquele ano, foram cinco citações ao Corinthians através de reportagens que retratavam o desempenho surpreendente da equipe na Taça Ouro, em que os repórteres buscavam analisar como um time cheio de “panelas” e desacreditado estava conseguindo derrotar fortes equipes, após ter acabado de subir da Taça de Prata.

Na edição de 2 de abril, por exemplo, o repórter Sérgio Martins entrevista o

recém-chegado ao clube, Mário Travaglini. É possível notar, pelo uso constante da palavra “diálogo” ao longo do texto, que a intensificação desse termo opera por paráfrase no eixo dizível. Tal uso aciona a memória discursiva do leitor e desloca a filiação de sentidos do clube após a mudança de filosofia da gestão: a troca do “manda e obedece” (formação discursiva autoritária, na figura do técnico Oswaldo Brandão) pela do diálogo coletivo (formação discursiva do projeto democrático, encarnada em Travaglini). Citam-se, por exemplo, falas do diretor Adilson Monteiro Alves que comenta como “o Travaglini é, antes de tudo, um cara de diálogo” e do jogador Sócrates: “ele é uma pessoa sóbria, que resolve todos os problemas conversando, sem agredir ninguém” (*Placar*, n. 619, 1982, p. 42). O próprio técnico afirma que gosta de trabalhar resolvendo os problemas dentro do grupo, no que ele chama de “baita democracia”.

Na mesma edição, em reportagem assinada por Celso Kinjô e Roque Mendes, é analisada a melhora no desempenho do clube a partir do acionamento da memória discursiva sedimentada por edições anteriores da revista — ao revisitar o período em que Matheus estava na gestão (Orlandi, 2012, *Placar*, 1982).

As passagens que comentam a atuação de Wladimir no empate contra o Bahia evidenciam isso: “o autoritarismo de Vicente Matheus retardou os passos desse lúcido³⁴ atleta” e “confessa estar trabalhando num ambiente saudável, aberto e democrático” (*Placar*, n. 619, 1982, p. 6) — a escolha por essas palavras demonstra como o discurso político legitima a dominação carismática weberiana instaurada no clube. A revista destaca que o ambiente saudável só foi possível porque a liderança foi exercida de forma horizontal, legitimada pelo carisma dos atletas (Weber, 2004).

A figura do Wladimir é revisitada na edição de 16 de abril, na seção “*Sem Pulo, Gente*”, como um prelúdio das próximas edições. O periódico buscou traçar uma aproximação entre o sujeito-atleta e o sujeito-cidadão ao noticiar que o jogador assinou uma petição pela anistia para presos políticos na ditadura uruguaia (figura 2)³⁵. Transcendendo as quatro linhas e as fronteiras nacionais, a autoridade

³⁴ O adjetivo “lúcido” também funciona como um deslocamento na posição de sujeito do atleta, que rompe com a formação discursiva tradicional do futebol — onde os jogadores são vistos como corpo, não como mente (Orlandi, 2012; *Placar*, 1982).

³⁵ Apesar da grafia na revista escrever o nome do atleta com a letra “v”, registros institucionais consideram o nome correto como Wladimir — nos anos seguintes, a *Placar* começa a escrever com “w”. Confira em: <https://corinthians.com.br/noticias/recordista-de-jogos-pelo-timao-wladimir-completa-66-anos-de-idade>.

carismática de Wladimir converte sua influência sobre a torcida em capital político, capaz de inspirar e legitimar outras lutas sociais através de seu exemplo (Weber, 2004).

Figura 2 – Wladimir se posiciona politicamente



Fonte: *Revista Placar* (1982, n. 620, p. 57).

Nesta notícia (figura 2), a manifestação de Wladimir produz um efeito de sentido político e de massa, porque vem de um líder sindical e, acima de tudo, do atleta de um dos clubes mais populares do Brasil. Ao se manifestar sobre um fato que está acontecendo em um país vizinho pedindo “anistia geral e irrestrita”, Wladimir ativa na memória discursiva do leitor outros movimentos contra o fim da ditadura em países na América Latina e a *Placar*, optando por noticiar isso, acionava uma memória política de resistência que perpassava seus textos durante anos, além de deslocar o sentido do futebol — de forma de entretenimento e lazer — para o de palco de manifestação social e política (Orlandi, 2012).

Essa postura de atleta-cidadão também é reproduzida por Sócrates na edição 635 da revista. “Magrão”, como era apelidado, dá uma entrevista após o retorno da Copa de 1982 e relata estar ansioso para ver novamente a fiel torcida, oportunidade na qual ele afirma que “o povo, ao contrário do que muitos pensam, sempre entende o que é melhor para si” (*Placar*, 1982, n. 635, p. 26). O uso da expressão “ao contrário do que muitos pensam” está, implicitamente, ironizando a postura dos militares durante o processo de abertura — que utilizavam práticas terroristas para mostrar sua insatisfação. Sócrates mobiliza o seu sujeito-atleta para manifestar sua indignação com a política brasileira, por meio de uma pergunta sobre esporte, que só fará sentido para o leitor que tenha na memória a ação dos militares (*Placar*, 1982, n. 635).

Interessante notar a proximidade com os atletas e a liberdade que possuíam

para expressar suas opiniões, mesmo vivendo um período conhecido por perseguições e censuras. Nota-se um contraste muito forte entre a relação da mídia esportiva e os jogadores nos tempos atuais. Com o esporte, no geral, cada vez mais mercantilizado e com jogadores tendo suas imagens ligadas a assessorias de comunicação, suas falas seguem a codificação hegemônica para não desagradar patrocinadores (Hall, 2003).

Na contramão dessa blindagem atual, a *Placar* unia a análise esportiva ao interesse dos leitores por seus ídolos, mediando a relação entre o futebol e a cultura pop. A revista abordava a vida pessoal dos atletas — como relacionamentos, conquistas materiais e gostos culturais — e temas polêmicos à época, como a política e os vícios. É possível notar esse tipo de cobertura, principalmente, em matérias relacionadas ao atleta Walter Casagrande, nas quais suas ações — sejam dentro ou fora de campo — eram sempre notícia. Cita-se, por exemplo, a edição 639, a primeira de muitas que investigam sua vida. Em reportagem de três páginas, o jornalista Marco Aurélio Borba atribui um “perfil da juventude brasileira” ao atleta, utilizando adjetivos que buscam aproximá-lo do público mais jovem, tais como: “inquieto”, “livre” e “rebelde” (*Placar*, 1982, n. 639, p. 20).

A revista projeta uma formação imaginária do jovem atacante como um *herói byroniano* — uma pessoa que possui atributos de grandeza e inteligência, mas simultaneamente autodestrutiva. A prova disso são as passagens em que o próprio Walter comenta ter começado a se dedicar mais nos treinos e diminuir — mas não evitar — as festas nas madrugadas, além do uso de drogas durante a adolescência. Em nenhum momento, a *Placar* tenta silenciar ou alterar seus depoimentos, isso fica ainda mais evidente durante os últimos dois parágrafos da reportagem em que Casagrande manifesta seu apoio ao Partido dos Trabalhadores (PT) e classifica os líderes do país como incompetentes, convocando o povo e a juventude a mudar esse cenário (figura 3).

Figura 3 – “As mil faces de Casagrande”

Desengonçado, meias arriadas, camisa para fora do calção...

...Casagrande, aos 19 anos, é um garotão de 1,88 m que adora...

...provocar os seus adversários quando tem a bola nos pés

...mas é deficiente no cabeceio. Por isso treina muito para...

...que a festa dos gols com a Fiel continue a acontecer

Na zona do agrário, e um tormento para qualquer zagueiro...

...por se tratar de um centroavante leve e bastante rápido...

...cujo estilo casou perfeitamente com a técnica de Sócrates

Consagrou-se com a 9, mas a sua posição preferida mesmo é...

...de meia direita, onde, acredita, pode desenvolver melhor...

...todo o seu talento de jogador habilidoso e de boa visão de jogo

20 PLACAR

PLACAR 21

Fonte: Revista Placar (1982, n. 639, p. 20-21).

Essa singularidade dos craques do Timão foi amplamente explorada pelo *marketing* do clube, como discutido no capítulo anterior. Na *Placar*, a relação entre publicidade e movimento democrático também encontrou espaço editorial, evidenciando como o periódico operava como uma ponte entre as ações da diretoria e os torcedores. A entrevista com o diretor Adilson Monteiro Alves, publicada na edição 641, é o exemplo mais nítido desse funcionamento.

Conduzida pelo repórter Lemyr Martins em formato de perguntas e respostas, a reportagem produz uma ilusão da transparência. A ideia pode ser a de que a entrevista é uma reprodução fiel da fala do entrevistado, mas, na verdade, o formato, as questões e cortes editoriais já são, eles próprios, atos de produção discursiva³⁶

³⁶ Moretzsohn evoca Bourdieu (1993) para evidenciar essa assimetria de poder na entrevista. Essa relação foi muito explorada pela revista ao longo dos anos. Da mesma forma que os entrevistados possuíam uma relação de força maior do que os jornalistas sobre o tema, “é o entrevistador que começa o jogo e estabelece a regra do jogo; é ele que, na maioria das vezes, define para a entrevista, de modo unilateral e sem negociação prévia, os objetivos e os usos” (Bourdieu, 1993, p. 904-905 *apud* Moretzsohn, 2007, p. 158).

(Moretzsohn, 2007; Orlandi, 2012). O vocabulário escolhido por Adilson não é comum entre dirigentes do futebol: ao ser perguntado sobre a postura dos atletas, responde que "no grupo — sempre falo no grupo — colocamos o coletivo acima do individual"; ao ser indagado se os jogadores são ouvidos, afirma que os escuta "como atletas e também na condição de cidadãos"; e, ao definir a filosofia da diretoria, destaca que "a política do clube é vivida pelos sócios, assim como a do país é vivida pelos cidadãos" (*Placar*, 1982, n. 641, p. 39-41). Este dizer não é isolado; ele estabelece um embate com a memória discursiva da gestão de futebol tradicional (conservadora e verticalizada). A própria revista materializa esse discurso graficamente ao destacar, em *olhos*³⁷, declarações contendo as palavras "grupo" e "coletivo", além da fala "o futebol se joga e se dirige com a cabeça" (*Placar*, 1982, n. 641, p. 38). Esse recurso reforça essa nova filiação de sentidos do clube (Orlandi, 2012), projetando-a para o futebol brasileiro em geral.

Na mesma entrevista, Adilson expõe os planos da gestão para tornar o Corinthians campeão do mundo e, a partir disso, coroar Sócrates como o melhor jogador do planeta. Entre as estratégias narradas, estavam a utilização do capital simbólico de Caetano Veloso e Gilberto Gil — artistas exilados pelo regime militar — para "comporem uma música sobre o Corinthians", a vinculação do custo do passe de novas contratações às campanhas publicitárias e a mobilização da cota televisiva do clube para montar elencos mais competitivos (*Placar*, 1982, n. 641, p. 39-40).

Ainda que o repórter questione algumas respostas do dirigente — perguntando como ele fará isso ou se a oposição vai tentar derrubar —, o gesto editorial da *Placar* é o de colocar em evidência as transformações em curso no clube, buscando naturalizar um imaginário no qual o consumo da marca institucional passa a ser percebido como um ato de engajamento político, posicionando o Corinthians como símbolo dos valores de liberdade e transformação social que atravessavam o Brasil naquele momento (Orlandi, 2012). Porém, o próprio movimento revela uma contradição mascarada dentro desse discurso: a utilização da lógica capitalista do futebol juntamente com a luta contra o autoritarismo (no futebol e na sociedade). Essa contradição é ainda mais evidente na edição 643, em que a *Placar* entrevista Sócrates e Washington Olivetto (figura 4).

³⁷ Recurso gráfico que destaca uma declaração impactante ou um resumo da informação principal, que busca atrair a atenção do leitor. O olho geralmente reproduz um trecho extraído do próprio texto.

Figura 4 – “Sócrates, a estrela do planeta”



Fonte: Revista Placar (1982, n. 643, p. 26).

Esse trecho revela um choque entre o discurso publicitário e o discurso do atleta-cidadão. Enquanto a ideia de Olivetto era naturalizar a versão mercadológica de Sócrates — transformando-o em bonecos, estampa de iogurtes e cigarros —, o jogador buscava resistir a essa mercantilização. Demarcando uma separação entre a influência do sistema capitalista (que ele, metaforicamente, chama de “máquina”) e a sua privacidade. Entretanto, essa resposta de Sócrates é refutada no próprio texto e demonstra a ilusão do sujeito ao acreditar ser o dono do que diz e do que é (Orlandi, 2012). A liberdade e intelectualidade do atleta estavam sendo transformadas em produto para atrair mais público aos estádios e patrocinadores. Percebe-se que, mesmo não intencionalmente, esse texto que busca revelar uma curiosidade sobre o marketing do clube acaba expondo também um campo de batalha discursivo.

Em 24 de setembro de 1982, a *Revista Placar* (1982, n. 644) começa a produzir algumas reportagens em suas edições voltadas à conscientização de leitores sobre a importância de exercer o direito de voto para o futuro do país, utilizando os craques brasileiros como porta-vozes dessa importância. Na reportagem de Fernando Del Corso, com a manchete “Futebol vai às urnas”, o repórter aborda a movimentação de atletas e dirigentes para as eleições gerais daquele ano. Impulsionados pelo retorno das votações, alguns atletas buscaram uma tentativa de se eleger, como Zé Maria, do Corinthians, que foi candidato a vereador pelo PMDB, e Valdomiro Vaz, do Internacional, candidato pelo PT.

O jornalista articulou uma postura de alinhar o campo esportivo com o político, rompendo com a ideia de que ambos não podem andar lado a lado. Ao mostrar jogadores, como Wladimir e Casagrande, em um comício do PT, ao lado de Lula³⁸, bem como a presença de Sócrates no anúncio da campanha de Zé Maria, a *Placar* tenta “amarrar” essa imagem dos atletas a valores de consciência social, naturalizando a ideia de que a participação política é um atributo do craque moderno (Orlandi, 2012). Isso fica mais evidente quando o repórter relata ter tentado entrar em contato com Zico para saber se ele iria fazer campanha para algum político — visto que o atleta era muito procurado por políticos devido ao fato de ser o melhor jogador do país —, e ele respondeu que tenta “não misturar as coisas, mas que, como presidente do Sindicato dos Jogadores, irá votar em candidatos ligados à luta do futebol” (*Placar*, 1982, n. 644, p. 41).

Há também o apontamento de uma contradição ao noticiar o apoio dos atletas ao Lula, devido ao fato de o político ter chamado atletas de São Paulo de “imbecis de calças curtas” e, tempos depois, receber apoio partidário de jogadores. Articularam-se, assim, diferentes manifestações no intradiscorso, todas remetidas a uma mesma formação ideológica: a participação política dos jogadores de futebol era um reflexo de que o Brasil todo estava em busca de mudanças (Orlandi, 2012). Vale destacar que, na edição seguinte, o periódico denunciou uma *fake news* feita por um veículo concorrente, o *Jornal dos Sports*, no qual a cédula ilustrativa sobre os candidatos do PMDB que Zico iria votar foi falsificada, trocando os votos do atleta para vereador e deputado estadual — sendo um deles Napoleão Velloso³⁹, integrante da família que tinha acabado de adquirir o *Jornal dos Sports* (*Placar*, 1982, n. 646; Couto, A., 2023).

Uma prova de que essa estratégia adotada pela revista de construir uma nova formação ideológica do que era ser atleta estava dando certo é exemplificada duas edições após a 644, na seção *Camisa 12*, em que um leitor do Rio de Janeiro disse estar admirado com a sinceridade de Zico em “apoiar claramente suas preferências eleitorais pelo seu partido” (*Placar*, 1982, n. 646, p. 81). No entanto, deve-se ressaltar que essa decodificação pode não ter sido a dominante na grande parte dos

³⁸ Presidente do Partido entre 1980 e 1988.

³⁹ O candidato possuía uma coluna fixa no jornal em que, surpreendentemente, discutia sobre políticas públicas do estado. O *Jornal dos Sports*, após ser adquirido pelo Clã Velloso, também utilizou de uma prática sensacionalista e policialesca para atrair a atenção dos leitores, posicionando notícias sobre violência e tragédia na capa (Couto, A., 2023).

leitores, que a revista pode ter optado por não mostrar através de um processo de silenciamento local a fim de reforçar e naturalizar esse sentimento de engajamento político (Hall, 2003; Orlandi, 2012).

Na sequência, tem-se a edição 647, de 15 de outubro, intitulada “*Se eu fosse governador*”, na qual a revista entrevistou Sócrates, Reinaldo⁴⁰, Cléo Hickman⁴¹ e Paulo Sérgio⁴² sobre o plano de governo que eles teriam, caso fossem eleitos. Porém, antes da reportagem, há uma *Opinião Placar*, escrita por Juca Kfoury, que utiliza a materialidade linguística do texto para construir uma filiação de sentidos — através de comparações entre a paixão pelo esporte e pelas eleições — sustentando a tese de que aquele momento era importante a ponto de uma revista esportiva oferecer espaço para reportagens sobre política (Orlandi, 2012).

É interessante notar que Juca, no último parágrafo, comenta de forma irônica que “até bem pouco tempo não se tirava uma declaração política dos ídolos do esporte nacional” (*Placar*, 1982, n. 647, p. 3), o que evoca na memória do leitor o período de maior censura do regime militar. Essa ironia opera no jogo entre paráfrase e polissemia; o repórter repete um clichê (de que futebol não se mistura com política), mas o faz para o inverter (futebol e política se misturam).

Já na reportagem sobre as propostas dos atletas, nota-se uma diferença nas prioridades, mas uma semelhança na defesa da classe trabalhadora do Brasil: a principal pauta defendida por Cléo era acabar com a fome, o ensino público gratuito e, surpreendentemente, a reforma agrária; Reinaldo apresentava ideias abertamente socialistas, “com um governo de uma só ideia e um só partido” (*Placar*, 1982, n. 647, p. 22); já Paulo Sérgio buscava o fim da corrupção na polícia, diminuição do desemprego e o fim da especulação imobiliária.

Enquanto esses jogadores apresentaram suas ideias em poucos parágrafos, Sócrates foi além e apresentou todo o seu plano de governo em três páginas. Nele, abordou e aprofundou temas como a criação de mais empregos e a participação dos trabalhadores nas decisões que os afetam (assim como na Democracia Corinthiana); a garantia de casa própria custeada pelo Estado e a regulamentação de terrenos clandestinos e favelas, além do fornecimento de infraestrutura urbana básica como saneamento básico e energia elétrica; a valorização da medicina

⁴⁰ Centroavante do Atlético Mineiro.

⁴¹ Volante do Internacional.

⁴² Goleiro do Botafogo.

através do investimento em centros de pesquisas e universidades; e por fim, a valorização do trabalhador do campo e o compromisso governamental em impedir a supervalorização dos alimentos.

As posições de Sócrates revelam que o jogador considerava essencial o papel do Estado na tomada de iniciativa e decisão para as melhorias sociais necessárias. Apesar do intuito da revista *Placar* de que a proposta política retratasse um governo estadual, as posições do jogador Sócrates foram abrangentes ao país [...] Nota-se que para o jogador todas as propostas apresentadas são dependentes, primeiramente, da democracia. Que apenas a liberdade da informação e da escolha por meio do voto garantem que outros direitos e demandas sociais sejam atendidos. (Schatz, 2015, p. 171-172).

Essas declarações chegam a causar um certo espanto ao comparar com exemplos de craques atuais, mas é notável que a revista, dentro de sua condição de produção, optou por escolher atletas alinhados ideologicamente à sua linha editorial, com o objetivo de naturalizar esse discurso de reabertura política, impulsionado pela consolidação desse sujeito atleta-cidadão — com Sócrates sendo o ideal de craque moderno, um pensador aos moldes de Rodin⁴³ (*Placar*, 1982; Orlandi, 2012).

Entre a segunda metade de outubro e o final de novembro, o periódico começa a dar mais enfoque à descoberta da *Máfia da Loteria*, produzindo diversas reportagens sobre a investigação. O Corinthians democrático, próximo de se sagrar campeão do retorno do Campeonato Paulista, ficou limitado à análise esportiva, com algumas pequenas matérias comentando sobre a fase artilheira de Casagrande e classificando-o como o time mais original do Brasil (*Placar*, 1982, n. 650, 652, 653). A edição 650 atrelava essa originalidade à nova estética do alvinegro paulista, influenciada pelo *marketing* de Washington Olivetto e pela subjetividade dos atletas, ao noticiar o *media day* dos jogadores. A reportagem de Marco Aurélio Borba também reforça o aspecto social do movimento, mesmo que brevemente, ao estampar nas páginas fotos da camiseta com os dizeres “Dia 15 Vote” — apesar de também indicar que essas manifestações estavam sendo bem-vindas devido à boa fase da equipe, evidenciando a instabilidade do carisma (*Placar*, 1982; Weber, 2004).

Vale ressaltar que na edição 651 a Editora Abril publica um guia de voto,

⁴³ Auguste Rodin foi um escultor francês conhecido por ter esculpido a figura de “O Pensador” (originalmente chamado de “O Poeta”), que retrata a essência da reflexão humana. Veja mais em: <https://www.culturagenial.com/o-pensador-de-rodin>.

assinado por Victor Civita, destinado àqueles que ainda tinham dúvidas sobre o preenchimento da cédula, “correndo o risco de verem anulados suas aspirações de integrar-se e seu direito de escolher” (*Placar*, 1982, n. 651, p. 61). Civita colocava a editora como uma “instituição a serviço da elevação cultural e política”, produzindo discursivamente um efeito de imprensa neutra e pedagógica, ancorado na imagem do jornalismo como “quarto poder” — porém, ocultava sua posição de poder e interesses editoriais que, em anos anteriores, estavam alinhados com o regime ditatorial (Moretzsohn, 2007).

Chegado o mês de dezembro, a cobertura é voltada para a celebração dos campeões estaduais. Nas edições dos dias 17 e 24, a *Revista Placar* aborda a conquista do Corinthians de forma a legitimar a gestão democrática. A publicação mostra como a comissão técnica desempenhou um papel importante ao recusar-se a ser a “câmara de eco das frustrações da torcida” (*Placar*, 1982, n. 656, p. 16), o que permitiu aos jogadores discutir suas opiniões e preferências. O texto utiliza o interdiscurso ao contrastar aquele momento com a postura da antiga comissão técnica, bem como a gestão de Vicente Matheus, que realizava rondas noturnas para “reprimir jogadores boêmios” (*Placar*, 1982, n. 656, p. 16) e possuía uma postura de “paternalismo protecionista” (*Placar*, 1982, n. 657, p. 8). A revista retoma essa posição de “bem contra mal” ao classificar o gestor Waldemar Pires como um presidente “democrático” e “bom” (*Placar*, 1982, n. 656, p. 16). Ademais, ressalta-se um novo imaginário de gestão profissional, reforçado através das passagens que enaltecem a contratação do publicitário Washington Olivetto e do psicólogo Flávio Gikovate (figura 5).

Figura 5 – “Os motivos que levaram o Corinthians a ser campeão”



Fonte: *Revista Placar* (1982, n. 657, p. 8).

Nota-se que a *Revista Placar*, em sua cobertura durante o ano de 1982, buscou constituir um espaço de circulação para formações discursivas progressistas, com o propósito de deslocar o sujeito atleta rumo ao sujeito cidadão e político, visando naturalizar o arquétipo do jogador brasileiro moderno e conscientizar os leitores sobre a importância de exercer sua função política. Para tanto, o periódico utilizou os principais jogadores do Corinthians e de outros clubes do país como exemplo da nova fase da sociedade brasileira (Orlandi, 2012). Essa abordagem também buscou introduzir a Democracia Corinthiana como “a imagem de um clube engajado nos novos tempos do Brasil”, revolucionando o futebol ao “percebê-lo e dimensioná-lo como ingrediente vital do exercício democrático” (*Placar*, 1982, n. 657, p. 8).

4.4 – 1983: A Revista toma partido

O ano de 1983 demarca uma intensificação na cobertura da *Revista Placar* sobre a Democracia Corinthiana, evidenciada pela identificação de referências ao movimento em 30 edições do ano, sendo que 21 delas foram analisadas nesta parte da pesquisa.

Migrando do espaço de rearticulação de uma gramática democrática para uma arena em que essa gramática passa a ser disputada publicamente, o periódico

intensifica sua filiação à formação discursiva progressista mobilizada em 1982 e multiplica os sujeitos enunciadore inscitos nela a partir do caso corinthiano — buscando naturalizar uma ideia de que uma governança democrática poderia transformar não apenas o futebol, como também a sociedade brasileira. Nesse período, o movimento passa por três crises que abalaram a imagem pública e interna: o flagrante de Casagrande, a contratação de Leão e a demissão de Mário Travaglini.

A primeira crise foi apresentada no início do ano, quando o repórter Marco Aurélio Borba produziu uma reportagem sobre um incidente envolvendo o atleta Casagrande, na véspera de Natal de 1982. Na ocasião, o jogador do Corinthians foi preso em flagrante por membros da ROTA por porte de cocaína. Pode-se notar qual o posicionamento que a *Revista Placar* atribuiu a este episódio logo no título da matéria, classificando-o como “*Uma história mal contada*”. Em seguida, o repórter mobiliza a formação imaginária do cidadão de classe média da cidade de São Paulo, que ele considera “normalmente de postura conservadora”: alguém que enxerga um jovem de cabelos compridos e personalidade extrovertida como um consumidor de drogas ou viciado em potencial, mas que enxerga a autoridade da ROTA como “prepotente e arbitrária”; capaz de passar mais medo do que segurança (*Placar*, 1983, n. 661, p. 38).

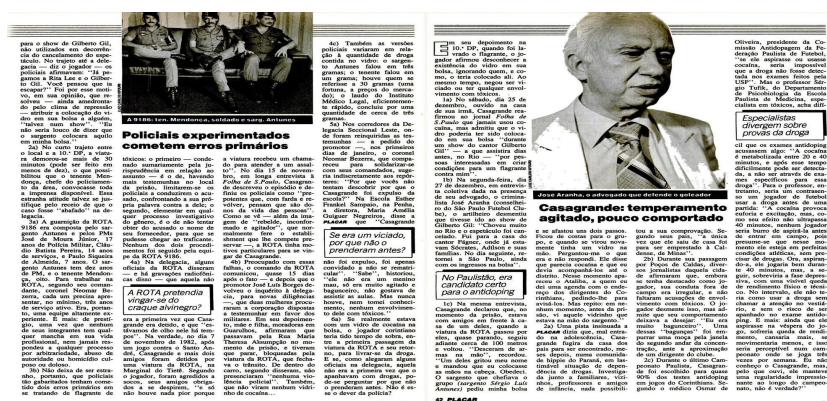
A utilização dessa relação logo no início coloca em tensão duas formações imaginárias pré-construídas do leitor de classe média paulistana: jovem rebelde como consumidor de drogas e a ROTA como uma instituição que abusa do poder. Dessa forma, a revista estaria fazendo com que ele não conseguisse diferenciar quem é a vítima e quem é o culpado na situação (Orlandi, 2012).

No desenrolar da reportagem, porém, o jornalista vai direcionando quem deve ser interpretado nessa posição, ao recuperar uma conversa que teve com Adilson Monteiro, um mês antes do incidente, em que o diretor relata ter o conhecimento de alguém “querendo perturbar o ambiente do clube forjando um flagrante de tóxicos de Casagrande” (*Placar*, 1983, n. 661, p. 40). Sustenta-se, portanto, a argumentação de que foi uma armação.

Somado a isso, a revista mobiliza uma rede de filiações de sentido no leitor da época sobre a imagem autoritária desses policiais, expondo contradições existentes no depoimento das autoridades, como na passagem em que o jornalista questiona a afirmação de que Casagrande já tinha sido pego portando drogas:

“pode-se perguntar o [porquê] não o prenderam antes. Não é esse o dever da polícia?” (*Placar*, 1983, n. 661, p. 41). Além disso, a utilização de alguns olhos interrogativos força o leitor a interpretar de uma forma que seja oposta à literalidade imposta pelas autoridades. Mesmo que o repórter tenha achado “mais criterioso colocar prós e contras de cada versão” (*Placar*, 1983, n. 661, p. 40) para que o leitor tirasse suas próprias conclusões (figura 6).

Figura 6 – “Uma história mal contada”



Fonte: Revista *Placar* (1983, n. 661, p. 41, 42).

A reportagem não apenas relatou esse incidente, mas expôs a incompletude do discurso oficial. Ela retira o episódio de um mero “dado” policial para um fato discursivo atravessado pela memória da repressão policial (*Placar*, 1983; Orlandi, 2012). Na seção *Camisa 12*, do mês de março, é possível notar que a decodificação feita pelo público da revista alinhou-se à intenção da editoria quando esta articulou os efeitos de sentido na reportagem: uma leitora de Bragança Paulista disse que brigou com “meio mundo” defendendo Casagrande e sente-se confortada pela *Placar* ter a mesma opinião; já outra leitora, de Osasco, afirma que errar é humano e que a torcida corinthiana precisava “dar uma chance a esse jogador maravilhoso” (*Placar*, 1983, n. 668, p. 81). Essa decodificação preferencial é sustentada pela força carismática possuída por Casagrande, que, além de ter sido artilheiro do Paulistão no ano anterior, tinha um grande sucesso com o público feminino graças ao seu imaginário jovem, rebelde e mulherengo reforçado pelos meios de comunicação, incluindo a *Placar* (Hall, 2003; Orlandi, 2012; Weber, 2004).

Em seguida, a revista mergulha na contratação de Emerson Leão na reportagem intitulada “A democracia posta à prova” (*Placar*, 1983, n. 664, p. 40),

deslocando a formação discursiva da gestão esportiva tradicional (a contratação ser pensada somente pela diretoria) para a formação discursiva do projeto democrático (de que toda decisão é votada coletivamente). No próprio subtítulo, a reportagem afirma que a contratação do atleta é vista contrária à opinião do elenco, sendo o principal deles vindo de Casagrande, que expõe não gostar do goleiro.

Apesar de não ser noticiado nesse texto, circulava como pré-construído na memória discursiva dos leitores da época sobre a personalidade de Leão — que contrariava o movimento de abertura corinthiana —, como informado pelo *Estado de São Paulo* semanas antes de que “muitos jogadores não gostaram do negócio e temem que sua fama de desagregador possa perturbar a equipe” (*O Estado de São Paulo*, 4/2/1983, p. 20). Tanto que, ao vestir a camisa do clube, Emerson dá uma declaração sobre querer fazer parte de um “grupo tão unido” e que “tem lugar para todos”, buscando filiar-se a um novo sentido em prol do sonho do título mundial do alvinegro paulista (*Placar*, 1983, n. 664, p. 40). Além, é claro, de silenciar o fato de que não era bem-vindo dentro do coletivo — blindando o elenco e reforçando a ideia de que não existiam fissuras.

Ao final da reportagem, a *Placar* (1983, n. 664, p. 41) estabelece uma paráfrase dominante sobre o tema, tanto para os líderes do movimento quanto para os leitores da revista (Orlandi, 2012). Isto porque ela cita que “uma das virtudes irretocáveis da legítima democracia é saber absorver minorias e ajustar divergências”, buscando naturalizar a presença do goleiro, reforçando discursivamente que essa rejeição ao Leão vai contra a ideologia da Democracia Corinthiana (Orlandi, 2012).

Durante essa crise no movimento, chegou a época de eleição no Corinthians e a *Placar* fez a cobertura desse momento, impulsionando as vozes favoráveis à gestão que estava em vigor, como os líderes do elenco Wladimir e Sócrates.

Na edição de 4 de março, o lateral Wladimir afirmava que iria se lançar na candidatura do conselho deliberativo “para que o clube não se desvie da orientação política atual” (*Placar*, 1983, n. 667, p. 19) — demonstrando uma tentativa de instauração de uma dominação racional-legal, a fim de transformar a autoridade carismática dos líderes do elenco em estrutura formal de poder; visto que as duas crises anteriores estavam rotinizando o carisma do movimento (Weber, 2004).

Na reportagem, escrita por Emanuel Mattos, é estimulada uma paráfrase dominante sobre a candidatura do atleta, classificando a gestão de Waldemar Pires

como uma “estimulante experiência de democracia interna” (*Placar*, 1983, n. 667, p. 19), além de reforçar que esse diálogo coletivo não ocorreria “durante a gestão de Matheus” — que tentava voltar ao poder. Apesar da maior parte da reportagem ser uma transcrição do depoimento do lateral, nota-se uma tentativa de naturalização dessa nova formação imaginária sobre o clube ao colocar em evidência as opiniões do atleta, que opera como um sujeito político. Durante sua fala, Wladimir retoma as memórias negativas de Vicente Matheus, utilizando sua posição como um dos atletas mais queridos pela torcida para mobilizar uma filiação de sentidos sobre as eleições: caso fosse eleito, usaria de seu cargo para manter o projeto democrático ativo e lutar contra o passado retrógrado e autoritário (Orlandi, 2012).

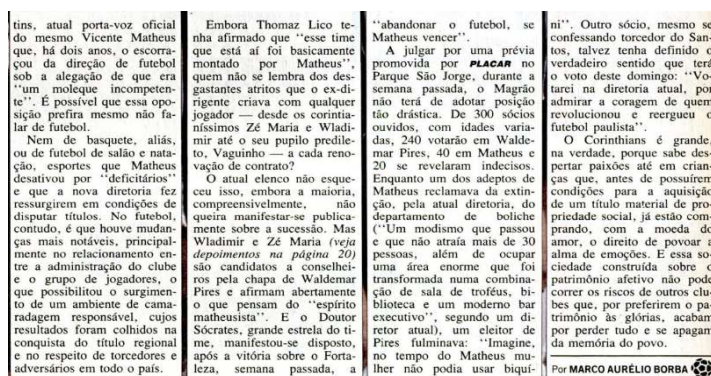
Na mesma edição, há outra reportagem sobre esse momento, mas angulada para a batalha entre Waldemar Pires e Vicente Matheus — que a *Revista Placar* classificou como “abertura ou autoritarismo” (*Placar*, 1983, n. 667, p. 22). No próprio título é possível notar o posicionamento da reportagem; ao optar por nomear como “*A democracia está em jogo*”, a *Placar* ativa na memória discursiva do leitor (e eleitor corinthiano) que o sucesso daquele Corinthians poderia estar ameaçado, caso Matheus retornasse (*Placar*, 1983; Orlandi, 2012). O título também opera por polissemia que articula a memória esportiva (a eleição como partida de futebol) à memória política (da abertura democrática conquistada em perigo).

Durante o texto do repórter Marco Aurélio Borba, o discurso de legitimação da situação é reforçado por meio de um jogo de oposições que contrasta a atuação de ambas as gestões no plano esportivo e social do clube. Esse mecanismo opera pelo confronto direto de enunciados: a revista expõe uma queixa de Vicente Matheus de que “não há vestiários suficientes para a demanda de sócios” para, imediatamente em seguida, apresentar o dado factual de que a gestão de Waldemar Pires inaugurou vestiários e poços artesianos. Esse mesmo apagamento do passado ocorre ao apontar o descaso da antiga gestão com o basquete e o futebol de salão, modalidades que “a nova diretoria fez [ressurgir] em condições de disputar títulos” (*Placar*, 1983, n. 667, p. 23).

Além disso, o repórter recorda a declaração de Sócrates que afirmou sair do clube, em caso de vitória de Matheus. Assim, apoiado na autoridade carismática do atleta, impulsiona esse imaginário de retrocesso em uma eventual vitória da oposição (Weber, 2004). A reportagem ainda utiliza um depoimento de um sócio do clube — e torcedor do Santos —, que admite a intenção de voto na chapa da

Democracia Corinthiana por “admirar a coragem de quem revolucionou e reergueu o futebol paulista”, descredibilizando ainda mais a oposição — e deixando subentendido que eles são autoritários a ponto de um rival não desejar que isso acontecesse (figura 7). Essa argumentação também antecipa uma objeção que um leitor não corinthiano possa fazer⁴⁴ e a desarma de antemão, exibindo um santista que dá razão ao adversário (Orlandi, 2012).

Figura 7 – “A democracia está em jogo”



Fonte: *Revista Placar* (1983, n. 667, p. 23).

A edição da semana seguinte, de 11 de março, inicia com uma *Opinião Placar* escrita pelo diretor Juca Kfourri que enaltece a vitória da chapa Democracia Corinthiana comparando-a com as eleições de 1982, dizendo que, assim como o Brasil, o clube saiu politicamente revigorado — além de mostrar que o alvinegro paulista deu uma lição as outras equipes ao quebrar o recorde de votantes, mostrando o impacto da decisão coletiva (*Placar*, 1983, n. 668). Novamente, é mobilizado esse imaginário da equipe possuir uma grande relevância cultural perante o futebol brasileiro, por estar alinhada com o processo de redemocratização. Ao deslocar o discurso sobre política esportiva para política de massa, Juca busca fixar o sentido — na mente do leitor — de que essa vitória corinthiana também possui uma significância nacional (Orlandi, 2012).

Nesta mesma edição, o repórter João Carlos Rodriguez produz uma reportagem sobre a cobertura da vitória da chapa de Waldemar Pires. Nela, podemos notar a dimensão que o movimento possuía na época. Diversas figuras

⁴⁴ Acreditar que a oposição corinthiana não era tão autoritária e que a Democracia Corinthiana não era revolucionária.

políticas compareceram à votação, como Eduardo Suplicy⁴⁵, Ricardo Montoro⁴⁶, José Maria Marín⁴⁷ e Rogê Ferreira⁴⁸. O jornalista — para justificar a importância do momento — evoca uma memória discursiva de uma declaração de Wadih Helu em que dizia que ser presidente do Timão era “ocupar o terceiro cargo da nação, abaixo apenas do presidente da República e do governador de São Paulo” (*Placar*, 1983, n. 668, p. 15); diante do exposto, pode-se ter uma noção de que a participação dessas figuras possuía um caráter populista, visto que o Corinthians era o sinônimo de abertura democrática na qual a população brasileira sonhava (*Placar*, 1983, n. 668) — ainda que um desses políticos, José Maria Marín, nada tivesse de democrático.

Apesar dessa vitória nas urnas ter sinalizado a consolidação do movimento, ela não garantiu imunidade às críticas sobre o modelo. No dia 30 de março, o *Estado de São Paulo*, em seu caderno de esportes, noticiava a demissão de Mário Travaglini expondo discursivamente um efeito de sentido que buscava questionar a validade da Democracia Corinthiana. O jornal sugere que Mário foi vítima do projeto que auxiliou a construir, buscando constituir um imaginário falho e utópico da abertura corinthiana (figura 8).

⁴⁵ Na ocasião, era deputado estadual de São Paulo pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Veja mais em: <https://eduardosuplicy.com.br/deputado-estadual-1978-1982>.

⁴⁶ Filho do então governador de São Paulo, Franco Montoro (PMDB).

⁴⁷ Foi governador de São Paulo entre 1982 e 1983, devido a desincompatibilização de Paulo Maluf. Foi filiado ao partido ARENA, ficando famoso por seus discursos contra a esquerda. No futebol, presidiu a Federação Paulista de Futebol e a CBF — sendo expulso da última por escândalo de corrupção. Veja mais em: <https://memoriasdaditadura.org.br/personagens/jose-maria-marin>.

⁴⁸ Foi deputado federal pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB) até o golpe militar de 1964. Após o golpe, teve seu mandato cassado até sofrer anistia em 1982. No mesmo ano, foi candidato a governador de São Paulo pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT). Veja mais em: <https://www.une.org.br/presidentes/roge-ferreira>.

Figura 8 – “A ‘democracia’ que Travaglini não quis”



Fonte: *Estado de São Paulo* (30/03/1983, p. 21).

Mesmo o ex-treinador declarando que não estava saindo por desavenças com o modelo democrático, o texto busca angular de uma forma que o leitor interprete como uma instabilidade interna reforçando “os principais pontos de discórdia”: a contratação de Leão sem consultar os atletas; Sócrates e Casagrande tomando cerveja no vestiário e o fato de Travaglini não suportar mais a “democracia dos quatro” que regia o clube, composta por Wladimir, Casagrande, Sócrates, Adilson Monteiro e Gomes⁴⁹ (*Estado de São Paulo*, 30/03/1983, p. 21). Além disso, a reportagem ouve alguns treinadores brasileiros que afirmam que o Corinthians confundiu a “democracia” com “liberalidade” — reforçando esse efeito de sentido de instabilidade ao, dentro das suas condições de produção, dar voz aos sujeitos pertencentes à mesma posição ideológica de Mário Travaglini (Orlandi 2012).

⁴⁹ Não possui muitos registros sobre o atleta, dado ao fato de ser um jogador reserva e que não possuiu passagens de expressão em outros clubes. Entretanto, era visto como um membro ativo e incentivador da Democracia Corinthiana. Veja mais detalhes em: <https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/gomes-1396>.

Ressalta-se também a produção de sentido de que o diretor Adilson parecia ter perdido o controle do grupo, pois sua postura segura foi substituída por um sentimento de abalo e irritação (*Estado de São Paulo*, 30/03/1983, p. 21).

Na contramão, a *Placar* inicia a edição 672, de 4 de abril, com uma *Opinião Placar* criticando abertamente a cobertura feita pelo *Estado de São Paulo*. Escrito pelo diretor da revista, Juca Kfourir, o editorial ironiza algumas falas do jornal afirmando que a implantação e convivência em um modelo democrático não são fáceis, devido ao fato de o povo brasileiro estar acostumado ao autoritarismo. Ele ainda argumenta que a estrutura do futebol é conservadora, pois aceita apenas a democracia das elites, e que o Corinthians precisa utilizar essas “sabotagens” para unir mais o grupo, mostrando que não são apenas quatro ou cinco pessoas que acreditam no processo. Esse editorial é metodologicamente interessante porque opera por antecipação. Ao reconhecer a fragilidade da democracia, ele antecipa a crítica, transforma a crise em pedagogia⁵⁰ e a converte em maturidade (Orlandi, 2012).

Entre as páginas 14 e 17 desta edição, Juca retorna na reportagem “A democracia se consolida” para ouvir Sócrates, Wladimir e Adilson Monteiro sobre a demissão de Mário Travaglini. Ao dar voz a esses personagens, a revista busca fixar um sentido de que essa crise é, na verdade, uma prova de que a Democracia Corinthiana é sólida o suficiente para comentar seus impasses publicamente (Hall, 2003; Orlandi, 2012). Diferentemente da reportagem do *Estadão*⁵¹, a *Placar* opera deslocando o contexto da demissão do técnico para discutir sobre como realmente funciona o projeto — sendo uma ferramenta de autojustificação necessária para manter a hegemonia perante o público, permitindo que as figuras públicas do movimento desmistificassem esse imaginário de desordem plantado (figura 9). O Kfourir, sendo o repórter responsável por essa pauta, também sustenta essa ideia, visto que, além de se posicionar como o diretor da revista, ele é torcedor do clube e um cidadão politicamente engajado com os ideais da abertura corinthiana (Orlandi,

⁵⁰ “A implantação da convivência democrática não é fácil mesmo, principalmente para todos nós que convivemos durante tantos anos com autoritarismo” (*Placar*, 1983, n. 672, p. 4). Ou seja, as pessoas precisam reaprender como funciona uma democracia.

⁵¹ Na edição 674, o repórter João Carlos Rodriguez foi encarregado pela *Revista Placar* de comentar como foi a goleada de 5 a 1 do Flamengo sobre o Corinthians. O jornalista culpa o furo dado pelo repórter do *Estadão* como um fator crucial no resultado, afirmando que parte da imprensa paulista resolveu “apostar na manutenção das conservadoras estruturas do futebol” e que, para isso, alguns repórteres ultrapassaram os limites éticos e profissionais para conseguir uma notícia (*Placar*, 1983, n. 674, p. 8).

2012).

O diretor, quando perguntado sobre a existência de uma democracia dos quatro, rebate questionando quem são os líderes. Quando o repórter comenta que alguns nomes variam, Adilson utiliza esse dado como munição para naturalizar essa ideia de que a responsabilidade é dividida por todos⁵². Sócrates e Wladimir reforçam esse argumento refutando o interdiscurso de que os atletas estavam abusando da autoridade (*Estadão*, 30/03/1983, p. 21), sustentando que esse modelo possui uma disciplina de interdependência, como destaca Magrão: “agora, cada um sabe o que é melhor pra si, e é preciso jogar para as pessoas o quanto elas são importantes para o sucesso do grupo” (*Placar*, 1983, n. 672, p. 16).

Figura 9 – “A democracia se consolida”



Fonte: *Revista Placar* (1983, n. 672, p. 14-17).

A forma como essas três crises foram abordadas pela *Revista Placar* evidencia o funcionamento de sua operação discursiva sobre o movimento que, em vez de silenciar esses episódios, os publica como forma de enquadrá-los como parte

⁵² “Então esses quatro já são dez, né? [...] Acho que é simplesmente uma forma de ataque, por parte de quem não concorda com nosso projeto e pretende colocar uns contra os outros, dentro do grupo” (*Placar*, 1983, n. 672, p. 15).

do processo democrático. A publicação busca produzir um efeito de sentido de que a democracia não é falha por ter decisões contraditórias, ela é legítima por apresentar meios capazes de integrar todas as partes em prol da articulação de uma resolução das divergências que afetam o desenvolvimento do grupo (Orlandi, 2012). É exatamente essa operação que alimenta a exportação dessa narrativa para além do Parque São Jorge — isto porque, se o grupo é capaz de administrar suas crises internas, torna-se um modelo a ser seguido para as outras camadas socioculturais.

A primeira dessas operações de consolidação do movimento como um modelo a ser seguido pelo futebol e pela sociedade brasileira ocorre na edição 671, na reportagem de Hideki Takizawa, sobre a revolução em São Januário. Nesta, o Vasco da Gama buscava igualar o sucesso comercial e futebolístico do Corinthians, assumindo a mesma postura da gestão do alvinegro paulista. A reportagem, apesar de focar apenas na estratégia de marketing do cruzmaltino, expõe o plano de utilizar a imagem de vascaínos ilustres, como o apresentador Chacrinha e o piloto de Fórmula 1 Nelson Piquet, para promover a imagem do clube e a intenção de posicionar Roberto Dinamite como ídolo nacional, ao lado de Sócrates e Zico. A ideia, portanto, seria a de evocar uma memória discursiva no leitor da revista que o faz lembrar das publicidades de Washington Olivetto para o Timão (não-dito constitutivo) — validando o sucesso da abertura corinthiana no âmbito nacional do futebol.

E essa questão do sucesso é aprofundada quatro edições depois, na reportagem em que a *Placar* convida jogadores de outros clubes brasileiros para discutir o projeto corinthiano. Fica evidente a intenção da revista de normalizar esse novo imaginário de gestão esportiva logo no segundo parágrafo. Neste, afirmam que, devido a “décadas de submissão ao paternalismo vigente em seu mundo”, os jogadores não se enxergam como sujeitos atletas-proletários e cidadãos — como aqueles que não “percebe[ram] o verdadeiro alcance e importância social de sua atividade” (*Placar*, 1983, n. 675, p. 16). É possível notar, já nas primeiras linhas, que a reportagem busca articular uma narrativa que tenta reduzir a opinião dos atletas contrários à Democracia Corinthiana à pura ignorância, influenciada pelo imaginário tradicional de gestão futebolística.

Em meio a uma declaração de Wilson Piazza — zagueiro campeão do tricampeonato mundial pela Seleção Brasileira —, em que questiona a consciência de classe de Sócrates, a reportagem antecipa a formação ideológica do ex-jogador,

afirmando que o mesmo possui “posições conservadoras” (*Placar*, 1983, n. 675, p. 16). Em outro momento, o lateral do Internacional, Beretta, e o ponta-esquerda do Sport Recife, Joãozinho, classificam o projeto como bagunça e subversão. Entretanto, no final da página, a reportagem volta a deslegitimar as opiniões desses atletas⁵³ ao afirmar que “as críticas mais importantes da iniciativa corinthiana [...] partem dos jogadores que, mesmo à distância, aplaudem a ideia” (*Placar*, 1983, n. 675, p. 16), reduzindo os argumentos a “surrados chavões tipo ‘jogador tem que jogar’ ou ‘é preciso respeitar a hierarquia’” (*Placar*, 1983, n. 675, p. 16).

Os apoiadores, como o meia vascaíno, Elói, e o centroavante atleticano, Reinaldo, argumentaram que o projeto precisava de um engajamento político que extrapolasse o ambiente interno do grupo para que atingisse toda a sociedade. Reinaldo acrescenta que esse engajamento seria importante, visto que o sucesso do movimento estava ligado aos resultados em campo — algo com que Wladimir concorda e diz estar estudando como solucionar isso (figura 10). Fica evidente o conhecimento dos atletas de que esse modelo era sustentado pelo carisma dos jogadores e suas constantes provações; Elói e Reinaldo sugerem uma institucionalização desse modelo para que não caia na rotinização (*Placar*, 1983; Weber, 2004).

Figura 10 – Depoimento de Wladimir

Diante de críticas desse tipo, o lateral Wladimir, um dos principais líderes do movimento, constata: “Nossa democracia é também um flanco exposto, e vai apagar todas as críticas se não conseguirmos resultados satisfatórios em campo. Ainda estamos aprendendo, dando os primeiros passos, como na questão da co-gestão. Concorde em que, com dirigentes profissionalizados, tudo seria mais fácil. E concordo principalmente em que precisamos encontrar um meio de fazer nossa experiência chegar ao maior número de companheiros em todo o Brasil”.

Fonte: *Revista Placar* (1983, n. 675, p. 18).

A reportagem termina retomando uma declaração feita por Zico ao jornal *O Globo* na semana anterior à produção da matéria, em que o meia do Flamengo diz que as críticas à experiência corinthiana são movidas por preconceito de que o

⁵³ Tanto Piazza quanto Beretta eram líderes do sindicato dos atletas de seus estados. Dessa forma, esse discurso mobilizado pela revista colocava em xeque a representatividade de ambos perante a própria classe (*Placar*, 1983, n. 675).

jogador “não tem direito de se comportar como um cidadão qualquer” (*Placar*, 1983, n. 675, p. 18). Esse depoimento tem um simbolismo muito forte visto que o atleta ocupa simultaneamente múltiplas posições-sujeito; além de jogador do clube de maior torcida do Brasil, ele era o maior referencial de ídolo pós-Pelé e líder do sindicato dos atletas de futebol do Rio de Janeiro — ou seja, a sua opinião possuía um valor simbólico muito forte (Orlandi, 2012; Weber, 2004).

A discussão também foi levada para os técnicos que, como esperado, optaram por opiniões contrárias ao movimento, buscando preservar as estruturas já estabelecidas (*Placar*, 1983, n. 677). Dos treinadores perguntados, apenas Edu Antunes, do América do Rio de Janeiro, afirmou que ficaria empolgado em treinar o Corinthians democrático. Ressalta-se a entrevista feita com Mário Travaglini, na edição 682, na qual o ex-treinador do Corinthians é colocado numa posição completamente diferente da abordagem do *Estadão*. Embora Travaglini repita a mesma declaração, a reportagem da *Placar* — diferentemente da do *Estadão* — não a ressignifica com base em sua linha editorial, isto é, não associa a demissão ao espaço concedido à Democracia Corinthiana. A escrita limita-se a evidenciar o próprio depoimento do treinador sobre a causa: “problemas normais, que não tem nada a ver [...] com aquele regime de trabalho” (*Placar*, 1983, n. 682, p. 37).

A *Revista Placar* também impulsionou esse discurso para além da materialidade de suas páginas, levando o debate para a primeira edição da *Placar TV*, na emissora Gazeta, realizando uma pesquisa — a partir de ligações telefônicas — sobre a opinião dos telespectadores (*Placar*, 1983, n. 694). O resultado foi satisfatório para entender a percepção pública do projeto: de 2409 ligações, 1380 telespectadores⁵⁴ demonstraram apoio⁵⁵. Além disso, foram divulgadas pesquisas de estudantes da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP sobre a experiência corinthiana com atletas do Timão (*Placar*, 1983, n. 704) e um documento enviado por alunos de graduação e pós-graduação em Educação Física da Universidade de São Paulo (USP) qualificando a Democracia Corinthiana como um processo “de interesse de todos que lutam pela democratização da sociedade brasileira” (*Placar*,

⁵⁴ Representa cerca de 57% de apoio.

⁵⁵ Para Champagne (1998, *apud* Moretzsohn, 2007), a enquete da *Placar TV* não está em busca de testar uma opinião pública já existente, mas sim medir a adesão de seu discurso na visão de seus leitores, criando uma “ilusão de participação” (Moretzsohn, 2007, p. 169) na qual estes acreditavam que suas opiniões estavam sendo ouvidas — quando, na verdade, a revista apenas sondava a recepção do discurso que mobilizava há dois anos.

1983, n. 695, p. 44).

A utilização de fontes acadêmicas mobiliza relações de força; o lugar social ocupado pelo pesquisador universitário possui um peso discursivo que um torcedor ou jornalista não teria. A *Revista Placar*, ao movimentar a autoria do dizer a esses sujeitos, desloca a formação discursiva pró-movimento para além do campo esportivo e posiciona-a no campo do saber (Orlandi, 2012)

Durante esse período, a seção *Camisa 12* também apresentou quatro comentários de leitores a respeito da experiência corinthiana, sendo dois positivos e dois negativos (figura 11).

Figura 11 – Leitores discutem a Democracia Corinthiana

UM LEITOR CONTRA A DEMOCRACIA

Sou corinthiano e não concordo com essa tal “democracia corinthiana”. Acho que no elenco atual tem muita gente pipocando, e por isso o time precisa ser renovado imediatamente caso se queira pensar seriamente em conquistar o bicampeonato paulista.

Com a equipe atual, não acredito que chegaremos lá. O Corinthians deveria ficar com Solito, Wladimir, Mauro, Zenon, Biro-Biro, Paulo Egídio e Alfinete — e vender o resto. Se não citei o nome de Sócrates, é porque acho que também ele deveria ser vendido, enquanto ainda vale uma boa grana.

O bom exemplo está aí, no Santos, cuja diretoria trabalhou bem e está agradando em cheio a torcida.

Vanildo Lourenço de Almeida, Itaberá, SP

UM VIVA PARA A DEMOCRACIA

Quero dar os parabéns a **PLACAR** pela excelente reportagem publicada na edição n.º 672 sobre a democracia corinthiana. Sou flamenguista, mas acho maravilhoso o sistema de trabalho que está sendo implantado no Corinthians. Espero que dê certo, e que seja implantado em outros clubes brasileiros.

Gostaria também de dar as boas-vindas ao nosso novo técnico, Carlos Alberto Torres.

Jones Gattas Dias, Cáceres, MT

A FAVOR DE ÉDER E DA DEMOCRACIA

Estou chateada com vocês, pois escrevi uma carta mandando um recadinho para o Éder e vocês não publicaram.

Agora, gostaria de dizer que não concordo com o que o leitor Vanildo Lourenço de Almeida disse na edição n.º 676. Eu acho a democracia corinthiana uma coisa muito boa, um novo passo no futebol brasileiro. E também não concordo que o Sócrates esteja pipocando: na minha opinião, ele é o equilíbrio não só do Corinthians, mas também da própria Seleção Brasileira.

Quanto ao Éder... bem, dêem por favor este recadinho a ele: “Eu te acho tão lindo, tão fofinho, tão... Um beijinho na pontinha desse narizinho maravilhoso”.

Ana Maria da Silva, São Paulo, SP

DEMOCRACIA É SINÔNIMO DE ANARQUIA?

☒ Folheei vários dicionários e não consegui, em nenhum deles, confirmar que anarquia seja sinônimo de democracia. Toda vez que penso no meu “Timãozinho”, entretanto, chego a desconfiar disso. Será que é?

Clóvis da Silveira, Bueno Brandão, MG

Não, Clóvis, não é.

Fonte: *Revista Placar* (1983, n. 676, 677, 681, 685).

Percebe-se que esse imaginário construído pela *Revista Placar* ao longo dos anos não foi incorporado de uma maneira hegemônica aos leitores. Ao publicar diferentes opiniões acerca desse tema, o periódico se posiciona narrativamente como um campo de batalha neutro; uma espécie de *Ágora* em que diferentes ideias podem ser discutidas — porém, essa discussão é mediada pelas condições de produção editorial de forma oculta⁵⁶ (Hall, 2003; Moretzsohn, 2007; Orlandi, 2012).

⁵⁶ Moretzsohn (2007, p. 154) classifica esse processo como “ideal da transparência”. Algo que, para a autora, é enganador, pois “de saída, esconde coisas importantes como os

Essa ilusão de imparcialidade da revista pode ser observada na resposta dada ao leitor Clóvis da Silveira (figura 11); a pergunta, em tom de ironia, é respondida de forma ríspida que só é decodificada dessa forma aos leitores que possuem a memória discursiva do posicionamento da *Revista Placar* em suas coberturas do movimento.

A articulação do movimento com o processo de redemocratização brasileira ressurgiu, através de um texto do colunista Emmanuel Publio Dias⁵⁷ que, coincidentemente, estava em sintonia com a formação discursiva feita pela revista. Na coluna, o publicitário afirmava que formadores de opinião tinham uma imensa responsabilidade em ensinar que a democracia é melhor que a ditadura (figura 12).

Figura 12 – “A democracia é o próprio gol”

ABRINDO O JOGO

A DEMOCRACIA É O PRÓPRIO GOL

Os formadores de opinião pública têm uma imensa responsabilidade nestes tempos de abertura: ensinar que a democracia é melhor que a ditadura. Com saques ou sem saques

Por EMMANUEL PÚBLIO DIAS

A Espanha vive muitos problemas. E é democrática

A ativíssima direita espanhola não deixava por menos. Era culpa da democracia. E a maioria do povo parecia realmente crer nisso. Foi quando a imprensa, os políticos e líderes de opinião, percebendo a falsa correlação que se fazia entre métodos e resultados, resolveram encetar uma tremenda campanha esclarecendo a verdade dos fatos: por que a democracia, por que a crise. Hoje, a Espanha continua com graves problemas econômicos; e democrática. Digo isto a respeito do Corinthians e o cerrado ataca que vem sofrendo a sua experiência participativa. Quanto mal não nos fizeram estas duas décadas de autoritarismo centralizador!

Nos últimos dias ouço de gente boa, democrata, que deste jeito o Corinthians não vai dar certo, está uma anarquia, um desgoverno; fal-

Publicitário, especialista de planejamento de campanhas de abertura de empresas

Montro ao contornar a crise dos desempregados, ou lançando-se à exacerção popular e experiência participativa dos jogadores corinthianos, está praticando-se a mesma tática desmoralizante. É pior: deixando permeável a sociedade conceitual e desconfianças que permitam a volta triunfal do poder autoritário anterior. Seja no Corinthians, no governo do Estado, na CNBB ou no grêmio da escola. Há de se repreender os jogadores e dirigentes, sim.

O Corinthians dura até hoje porque o povo acredita

É preciso um alerta para não fazermos o jogo dos inimigos da democracia. Não para salvar o Corinthians, mas para preservar a abertura democrática, até porque o Corinthians tem quase 100 anos e a democracia brasileira ainda não nasceu e cresceu como devia. O Corinthians durou 100 anos porque o povo acredita nele. Assim como deve acreditar na democracia. A responsabilidade dos formadores e multiplicadores de opinião tem um desafio frente ao povo: melhor que a ditadura, com saques ou sem saques, com gols ou sem gols. Democracia não faz gol. É gol.

Os jogadores: críticos, só se faltarem vitórias

O INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
comunica seus novos endereços:
 MATRIZ • Av. Rio Branco, 781 — São Paulo-SP
 FILIAL • Rua Riachuelo, 159 — Rio de Janeiro-RJ (Próximo aos Arcos da Lapa)

Fonte: *Revista Placar* (1983, n. 691, p. 33).

É possível notar algumas estratégias narrativas utilizadas por Emmanuel para validar a importância de pôr em evidência e apoiar iniciativas como a do Corinthians, relembrando o papel que teve a imprensa espanhola no processo de redemocratização do país⁵⁸ e o imaginário difundido por alguns “democratas” de que

interesses empresariais dos próprios jornais [...] e sugere a necessidade de exposição imediata dos fatos, como se a simples exposição bastasse para esclarecer o público”.

⁵⁷ Atualmente é professor decano na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), especialista em marketing político e eleitoral. Já na época da publicação, era supervisor de planejamento da agência Salles/Interamericana.

⁵⁸ Emmanuel afirma que a direita espanhola fez uma falsa correlação entre o aumento na criminalidade e a crise econômica com o processo de redemocratização. Entretanto, a

a gestão do Timão era uma anarquia e um desgoverno. O título da coluna “A democracia é o próprio gol” funciona como uma metáfora que equipara o objetivo do futebol (marcar gols) ao objetivo político da época (instaurar a democracia), de modo que a vitória esportiva do clube ressoava como vitória política — que, caso não fosse protegida e impulsionada pela mídia, permitiria “a volta triunfal do poder autoritário anterior” (*Placar*, 1983, n. 691, p. 33)

Esse alerta feito por Emmanuel encontrava respaldo nas estratégias feitas pela *Placar* para consolidar o movimento. A reportagem feita com Leão na edição anterior da coluna feita pelo publicitário demonstra isso (figura 13).

Figura 13 – “A conquista da democracia”



Fonte: Revista *Placar* (1983, n. 690, p. 15-16).

A capa da reportagem possui, por si só, um simbolismo muito importante; ela busca naturalizar um sentido que será produzido durante o texto. Não é um mero abraço durante a comemoração de um gol; é a evidência de que a Democracia Corinthiana era realmente capaz de integrar todas as opiniões — Casagrande não suportava Leão e manifestou-se publicamente sobre isso em diversas ocasiões,

imprensa do país contestou essa narrativa, mostrando que era sintoma da falta de democracia do regime ditatorial.

mas, naquele instante, ambos estavam unidos por um objetivo comum (Orlandi, 2012).

A matéria, produzida por Sérgio Martins e Paulino Senra, reforça essa absorção pela lógica democrática ao transferir a produção discursiva aos jogadores corinthianos, por meio de declarações. Wladimir, Alfinete, Mauro e Casagrande concordam que a postura conservadora do atleta se mantém a mesma, mas não negam que esse comportamento, muitas vezes, auxilia o elenco a manter o profissionalismo (*Placar*, 1983, n. 690). Transferindo essa condição aos atletas, a *Placar* confere autoridade para estabilizar um sentido de que o movimento foi capaz de “domar o Leão”, a partir de sujeitos que vivenciam o cotidiano do clube — desconstruindo os argumentos de que a abertura corinthiana não tolerava opositores, como exposto na reportagem feita pelo *Estadão*, em março (Orlandi, 2012).

O ano de 1983, no cenário econômico brasileiro, apresentava um processo inflacionário crônico e graves níveis de desemprego que afetaram até mesmo os grandes craques do Brasil⁵⁹. Em busca da independência financeira, esses atletas procuraram melhores condições de vida em outros campeonatos (sendo o principal a Série A italiana), entre eles estavam Toninho Cerezo e Zico. Sócrates não estava alheio a essas investidas; a Roma já havia tentado contratar o revolucionário corinthiano, que recusou por confiar nos ideais da Democracia Corinthiana (*Placar*, 1983, n. 683).

Diante dessa situação, o editorial *Opinião Placar*, por Juca Kfoury, elogia a atitude do atleta, afirmando que ele não se rendeu à proposta italiana “por ter a cabeça excepcional que tem” (*Placar*, 1983, n. 694, p. 4). Na mesma edição, é publicada uma reportagem com o jogador, que talvez seja a mais humana feita por Sócrates até então. Ela encerra o ciclo construído em 1982, mostrando sua sinceridade, inseguranças e fragilidades (figura 14).

A reportagem atravessa os vários sujeitos que compõem a identidade do atleta: seu lado cantor, teatrólogo, caipira, revolucionário e cidadão. Sócrates rejeita a alcunha de ídolo, afirmando que os atletas “não são os deuses que as pessoas

⁵⁹ A *Placar* publicou uma reportagem sobre os operários da bola durante a semana em que acontece o Dia do Trabalhador. Foram ouvidos cinco atletas: Reinaldo, do Atlético Mineiro; Biro-Biro, do Corinthians; Toninho Ipeúna, do Taquaritinga; Geraldo Pereira, do Botafogo, e Orlando César, do Campo Grande. Tirando o centroavante atleticano, os demais jogadores afirmaram que todo o salário era gasto pagando contas (*Placar*, 1983, n. 676).

querem” que sejam (*Placar*, 1983, n. 694, p. 17) — e conclui dizendo que apenas deseja se sentir bem. Entretanto, o próprio jogador demonstra uma incoerência entre suas ideias ao falar que uma das motivações para continuar seguindo a carreira de futebolista está no fato de se ver como um “intermediário das aspirações e angústias de milhares de pessoas que se identificam” com ele (*Placar*, 1983, n. 694, p. 18). Ele estabelece uma nova relação de alteridade, em que a posição do sujeito não é a do ídolo intocável, mas a do trabalhador que vivencia os mesmos problemas das massas (Orlandi, 2012).

A *Revista Placar* opera através da retomada intertextual de uma declaração de Sócrates, dada ao periódico em 1979, em que ele atribuiu nota dez ao presidente Figueiredo para perguntá-lo se houve uma mudança de opinião. O atleta diz que mantém o mesmo pensamento, acrescentando que acreditava que o governante não tinha total poder sobre suas ações (*Placar*, 1983, n. 694).

Perguntado sobre quais os erros que permitiram a Democracia Corinthiana ser atacada, ele responde que o principal era o nome, pois chamava a “atenção das forças antidemocráticas do país”; além desse motivo, mencionava a estrutura paternalista do futebol que buscava manter as estruturas pré-estabelecidas (*Placar*, 1983, n. 694, p. 19).

A escolha da *Revista Placar* de transformar essa entrevista no formato de pergunta e resposta transfere a condição de produção discursiva para Sócrates — buscando produzir um efeito de sentido de que o desportista era uma pessoa qualquer, com suas incoerências, valores e opiniões próprias (Orlandi, 2012). O texto deixa de ser um fato jornalístico e passa a figurar como uma manifestação pessoal de seu caráter revolucionário (Weber, 2004; Orlandi, 2012).

Ademais, nota-se uma intenção de figurar Sócrates como o mais brasileiro entre os craques brasileiros. Visto que ele não abdicou de seus valores e rejeitou uma vida melhor em outro país para seguir jogando no futebol nacional; dando ainda mais legitimidade ao seu carisma (Weber, 2004).

Figura 14 – “Sou radical até mudar de idéia”



Fonte: *Revista Placar* (1983, n. 694, p. 14-19).

O final do ano é contextualizado com a cobertura do bicampeonato paulista da Democracia Corinthiana. Ao contrário de 1982, a reportagem focou-se em retratar os acontecimentos da final contra o São Paulo e as comemorações pós-título. Entretanto, a *Revista Placar* recuperou os discursos conservadores contrários ao movimento — que o taxaram de “bagunça, anarquia e subversão” (*Placar*, 1983, n. 709, p. 20) — para, em seguida, desconstruí-los ao legitimar o sucesso. Além disso, a fotografia da capa da reportagem, que exibe a faixa com o lema do projeto⁶⁰ rearticula o sentido de “vitória” e “derrota”, fazendo com que ocorra um deslocamento na rede de filiações de sentido, no qual o futebol é ressignificado como um ambiente de manifestação política e consciência de classe (figura 15).

⁶⁰ “Ganhar ou perder, mas sempre com democracia” — o efeito que a exposição dessa frase buscava naturalizar só se completava através da memória política e esportiva dos leitores em relação à estrutura da sociedade e do futebol brasileiro (Orlandi, 2012).

Figura 15 – “O bi da democracia”



Fonte: *Revista Placar* (1983, n. 709, p. 19).

Observa-se, a partir da cobertura do ano de 1983, que a *Revista Placar* operou não só como um agente de produção de notícias sobre o movimento, mas também como porta-voz ativo na defesa dessa narrativa democrática que estava alinhada com os desejos de grande parte da editoria dentro do campo esportivo e político. Ressalta-se que, para atingir esse objetivo, a *Placar* — em diversas ocasiões — transferiu sua posição de produção do discurso a personagens capazes de conferir uma posição enunciativa de maior autoridade discursiva, como acadêmicos, escritores, atletas do movimento e fora dele, além do próprio público. Essa estratégia teve como principal intuito dissolver a formação discursiva conservadora da época que buscava figurar a Democracia Corinthiana como anarquia e subversão, desmembrando, assim, esses argumentos.

4.5 – 1984-1985: Fidelidade discursiva na queda da utopia

As coberturas sobre a Democracia Corinthiana entre 1984 e 1985 sofreram

uma grande queda, principalmente após a saída de Sócrates para a Fiorentina assim que a emenda Dante de Oliveira fora rejeitada. A *Revista Placar* começou o ano de 1984 sustentando a memória discursiva que havia construído desde 1981 — o sucesso da abertura corinthiana. Esse dizer, porém, voltou a ser disputado até as eleições do Corinthians em 1 de abril de 1985 — a *Placar*, entretanto, mesmo reduzindo as coberturas, manteve sua filiação à narrativa pró-movimento até a queda deste (Orlandi, 2012).

Na edição 715, de 3 de fevereiro, o repórter Carlos Maranhão fez uma reportagem sobre as manifestações a favor das *Diretas Já*, articulando o discurso esportivo com o político, a fim de produzir um efeito de evidência que buscou naturalizar a ideia que contrariava a formação imaginária que enxergava o futebol como uma “atividade desligada da realidade política ao seu redor” (*Placar*, 1984, n. 715, p. 27).

Para sustentar essa sua argumentação, o repórter movimenta a memória do leitor ao relembrar manifestações políticas feitas por torcidas organizadas brasileiras, entre elas, a Gaviões da Fiel. Como, por exemplo, faixas a favor das eleições sendo levantadas em jogos de basquete e da categoria de base do futebol; além do emblemático protesto a favor da anistia durante um jogo contra o São Paulo, em 1979 (*Placar*, 1984; Orlandi, 2012).

Duas edições depois, na reportagem de Fábio Sormani sobre a renovação de Biro-Biro, é documentada pela *Revista Placar* a existência de um grupo contrário à abertura corinthiana, composto pelo volante e pelo meio-campista Zenon. Sormani comenta que o atraso na renovação aconteceu devido ao fato do meio-campista ter feito a cabeça do companheiro, dizendo que jogadores, como Sócrates e Casagrande, tinham muitos privilégios⁶¹.

É possível notar que o repórter busca fixar um sentido ao leitor de que o pensamento do camisa 10 é equivocado, além de reduzir essa “crise” a apenas uma má interpretação de atletas que não sabiam compreender e integrar-se na Democracia Corinthiana (figura 16).

⁶¹ Essa informação produz uma decodificação diferente para os leitores que possuem na memória discursiva a reportagem do próprio Sormani que abordava o distanciamento de Zenon do grupo, classificando o atleta como “individualista” (*Placar*, 1983, n. 665). Alguns leitores podem concordar com o discurso da *Placar*, mas outros podem legitimar a visão de Zenon, uma vez que o atleta sempre contribuía esportivamente com o elenco e, ainda sim, não era muito reconhecido (Hall, 2003; *Placar*, 1983; Orlandi, 2012).

Figura 16 – “Por que Biro-Biro ficou no Corinthians”

Diante dessa situação confusa e contraditória, Adilson resolveu que Biro-Biro teria de participar pessoalmente das negociações. “Assim, na presença do Biro, o Lula não podia fazer seu jogo”, lembra Adilson. “Ai, entramos num acordo e o contrato foi decidido.” Mas as intrigas não foram esclarecidas de todo nessa ocasião.

Por isso as coisas pioraram quando Biro-Biro foi assinar definitivamente a renovação. Teve de esperar por mais de 3 horas do lado de fora da sala do vice de finanças Sérgio Scarpelli, aguçando suas dúvidas e revivendo as palavras de Lula, que lhe martelavam a cabeça. Junte-se a tudo isso o fato de a democracia corinthiana ter provocado uma divisão no elenco. E Biro-Biro, é claro, fazia parte do grupo dissidente.

Na verdade, esses jogadores não eram contra a democracia. O que não sabiam era compreendê-la e integrar-se

nela. O meia Zenon, um dos que se encontrariam do “outro lado”, conforme se comenta no Parque São Jorge, também estaria “fazendo a cabeça” de Biro-Biro. Conta-se que, sempre que Sócrates se atrasava ou se ausentava dos treinamentos, Zenon chamava a atenção de Biro-Biro em tom crítico, insinuando um privilégio de que eles, dissidentes da experiência democrática, não desfrutavam. Depois, Zenon teria apontado sua bateria para Casagrande a fim de denunciar uma pretensa negligência nos treinos, a ponto de contar o número de voltas que o centroavante dava em campo. Já mais longe: todas as vezes que Adilson, Sócrates, Wladimir e Casagrande apareciam nos noticiários, alertava ao companheiro de que essa notoriedade de fato lhes pertencia, uma vez que eram os verdadeiros “carregadores de piano” do time. “Eu, que já estava invocado, quando ou-

Fonte: *Revista Placar* (1984, n. 717, p. 22).

Por fim, Fábio Sormani intercala sua condição de sujeito-jornalista com depoimentos dos atletas Casagrande e Biro-Biro sobre o processo de reconciliação (figura 17), para conferir um capital simbólico que sua posição social, por si só, não é capaz de conferir. A escrita direciona o leitor a entender esse episódio como um evento superado, legitimando o ambiente democrático do clube (Moretzsohn, 2007; Orlandi, 2012).

Figura 17 – “Reconciliação de Biro-Biro”

“É verdade”, concordou Adilson, em voz baixa.
 “Você tinha toda a chance de me vender e não ficar mal com a torcida”, prosseguiu Biro-Biro. “No entanto, não fez isso e nem me jogou contra ela também.”
 A partir daí, a conversa adquiriu um tom de franqueza que possibilitou às duas partes avaliar completamente as manobras do procurador Lula, sete meses depois. O resultado dessa conversa se complementaria no dia seguinte, no encontro entre Biro-Biro e Casagrande.
 “Eu estava enganado a respeito de vocês”, reconheceu Biro-Biro, um tanto constrangido.
 “Por quê, Biro?”, perguntou Casagrande, interessado.
 “Porque achava que o Adilson protegia vocês, da democracia (Sócrates, Wladimir, Juninho, Luís Fernando, Eduardo), e que vocês formavam uma panelinha”, respondeu Biro-Biro. “Agora vejo que estava enganado.”
 “Legal, Biro.”

“DIRÃO QUE SOFRI LAVAGEM CEREBRAL”

“Acho que os outros jogadores deveriam confiar mais no Adilson e não ter medo de falar com ele. Sei que eles devem estar pensando que foi feita uma lavagem cerebral em mim e que eu passei para o lado de vocês. Mas agora vejo que essa divisão é uma idiotice.”
 “Legal, Biro, legal”, interveio Casagrande. “Ainda bem que você percebeu tudo isso. Nós somos o Corinthians. Eu, você, o Wladimir. Nós crescemos aqui. Portanto, se a gente tiver de sair, que seja para progredir na vida e não porque estão querendo tirar o nosso lugar. Vamos batalhar juntos, Biro. Vamos arrebentar esse ano e jogar juntos na Seleção Brasileira.”
 Quando Casagrande terminou de falar, Biro-Biro percebeu que ele estava chorando.

PLACAR 23

Fonte: *Revista Placar* (1984, n. 717, p. 23).

O auge da cobertura sobre o movimento desse ano corresponde às edições 718 e 727, sobre a pressão na renovação de Sócrates e o “dia do fico” do craque, respectivamente. Nesta primeira edição, em entrevista ao repórter Fábio Sormani, é possível notar um confronto entre as diversas formações imaginárias que interpelam o ídolo corinthiano: sua condição como posição-sujeito atleta-cidadão e posição-sujeito trabalhador. Da mesma forma que ele se enxergava como um “porta-voz de anseios populares” (*Placar*, 1984, n. 718, p. 20), também reconhecia que, para estar bem com a profissão, precisava de “ter boas condições de trabalho e bons salários” (*Placar*, 1984, n. 718, p. 20). O atleta apresenta contradições que se cruzam, sem se anular. A *Placar* evidencia essas contradições não para denunciá-las, mas para mostrá-las como traço necessário do herói democrático.

Nota-se que a ideia dessa reportagem é estabilizar e manter a imagem de Sócrates como ídolo e símbolo político, transferindo a mobilização do enunciado ao atleta a fim de — ancorados no interdiscurso das *Diretas Já* — incentivar uma maior adesão de torcedores à luta contra a própria estrutura do país (*Placar*, 1984, n. 718).

A edição 727⁶² é a mais reconhecida pelo movimento, visto que ela apresenta a famosa capa de Sócrates vestido como imperador do Brasil (figura 18). A reportagem, intitulada “Se o Brasil mudar, eu fico”, ironicamente circulou dois dias após a rejeição da emenda Dante de Oliveira no Congresso Nacional. Essa comparação com o imperador sustenta um interdiscurso já mobilizado pela *Revista Placar* em 1983, durante as eleições no Corinthians, em que Vicente Matheus tentava retornar ao clube.

⁶² Essa edição foi a segunda da nova era da *Revista Placar*, que começou a abranger todos os esportes — incluindo uma seção voltada para esportes amadores (*Placar*, 1984, n. 726).

Figura 18 – Sócrates como imperador do Brasil



Fonte: *Revista Placar* (1984, n. 727).

A *Revista Placar* começa a reportagem comparando as constantes recusas de Sócrates ao mercado italiano com o *Dia do Fico* de Dom Pedro I. De acordo com a revista, ao recorrer ao interdiscurso da promessa feita pelo atleta no comício da Praça da Sé, em 16 de abril daquele ano, esse seria seu segundo *Dia do Fico*.

A entrevista, feita por Juca Kfoury, era voltada quase exclusivamente para comentar a relação entre a aprovação da emenda e o futuro do atleta, buscando amarrar o sentido de que ambos eram indissociáveis. O jogador demonstrava que sua promessa “não [tinha] relação direta com o futebol e sim com o lugar de trabalho” (*Placar*, 1984, n. 727, p. 38), mobilizando novamente sua formação imaginária contrária ao senso comum de que os futebolistas não tinham consciência de classe (Orlandi, 2012; *Placar*, 1984). Além disso, o meio campista do Corinthians fortalecia sua autoridade carismática ao expor, dentro do periódico, que não se importava em trabalhar “como jogador, como gari, como pedreiro [ou] como médico” (*Placar*, 1984, n. 727, p. 38), sua principal intenção era fazer parte do processo de reconstrução; a declaração possuía um grande poder de validação carismática, visto

que exercia uma assimilação com os anseios da sociedade brasileira (Weber, 2004).

Essa postura de Sócrates também revela a forma como o país estava se sentindo em relação ao processo de redemocratização. O jogador corinthiano expressava um grande entusiasmo em relação à aprovação, afirmando que os opositores eram “impotentes para nos vencer” (*Placar*, 1984, n. 727, p. 38). Não importava quem seria o presidente, mas sim a vontade do povo ser escolhida.

Quanto à postura da *Revista Placar*, ela novamente desloca a autoridade da fala ao atleta para conferir maior legitimidade à formação ideológica em que o editorial se alinhava, direcionando as perguntas para uma formação discursiva política⁶³ (Moretzsohn, 2007; Orlandi, 2012; *Placar*, 1984).

A última citação mais interessante sobre a Democracia Corinthiana acontece na edição 733, na reportagem de Mário Sérgio Della Rina e João Carlos Rodriguez, que mostrava a vitória da Democracia Corinthiana em mais uma tentativa de golpe.

O segundo parágrafo da reportagem adianta a formação discursiva pró-movimento que os jornalistas iriam seguir (figura 19).

Figura 19 - “Democracia, 1 x 0”

Desta vez, a bagunça acaba. Desta vez, a democracia corinthiana não sobrevive.

Há dois anos, de tempos em tempos, os mesmos protestos são ouvidos pelos lados do Parque São Jorge. Desde que o futebol do Corinthians passou a ser administrado com um inovador sistema de trabalho — os jogadores têm mais liberdade, participam mais ativamente de sua vida profissional —, procurando romper com velhas estruturas, os responsáveis por esta política começaram a ser criticados. Dentro de campo, apesar das críticas de que o time treinava quando queria, o Corinthians desse novo tempo saiu, já em 1982, de uma humilhante Taça de Prata para terminar entre os quatro primeiros da Taça de Ouro. Logo depois, era campeão paulista. No ano seguinte, bicampeão. Agora, novamente, termina a Copa Brasil entre os quatro primeiros colocados. Mesmo assim, a democracia corinthiana sempre esteve em xeque. Em cada desafio, em cada iminência de conquista, seus inimigos sempre apostaram na ameaça da derrota. Em cada momento difícil, ficavam esperando o desastre. Ao contrário de outros idealismos românticos, porém, o processo instalado no clube tem o respaldo das vitórias, tem títulos para mostrar. Isso diminui o poder de fogo de quem quer a qualquer custo derrubá-lo. E, se não têm como argumentar apontando fracassos, partem para outros caminhos.

Fonte: *Revista Placar* (1984, n. 733, p. 54).

⁶³ Essa postura é revisitada dois meses depois, na edição 731, na qual a revista entrevista o diretor Adilson Monteiro Alves para comentar sobre a superação da crise nos gramados após a ida de Sócrates para a Fiorentina. A reportagem buscava, mais uma vez, ressaltar as valências de um ambiente democrático e reforçar a postura tranquila do gestor perante a situação (*Placar*, 1984, n. 731).

Percebe-se que a reportagem reforçava a nova narrativa que a Democracia Corinthiana tinha inaugurado dentro do futebol brasileiro, que combatia as “velhas estruturas” do esporte. Para isso, ela mobiliza — aos leitores — uma imagem dos opositores como inimigos que, por não saberem apontar fracassos, tentaram formas antidemocráticas para derrubar a gestão (Orlandi 2012; *Placar*, 1984). O sucesso do movimento é legitimado através do interdiscurso sobre os títulos conquistados pelo clube.

Ao longo do texto, os jornalistas relatam que os opositores estavam revoltados com o clube sendo transformado em “instrumento de política partidária” (*Placar*, 1984, n. 733, p. 54), referindo-se às participações de atletas em manifestações e ao uso de tornozeleiras amarelas pelos craques⁶⁴.

A reportagem ainda afirma que esse confronto entre autoritarismo e democracia dentro do Parque São Jorge era uma reprodução, mesmo que microscópica, de “idêntico choque observado no país” (*Placar*, 1984, n. 733, p. 56). Assim como o movimento das diretas buscava reanimar um “país entorpecido por 20 anos de autoritarismo”, o objetivo do Corinthians era “entender uma nova mentalidade para se tratar o futebol” (*Placar*, 1984, n. 733, p. 56). Ou seja, a publicação ancora a importância do movimento ao mesmo nível do processo de redemocratização, figurando ambos como indissociáveis, elevando a sustentação dessa linguagem que buscava defender a manutenção dessa gestão revolucionária (Orlandi, 2012).

Após essa reportagem, ocorreram alguns eventos — noticiados pela revista — que minaram ainda mais a existência do movimento; citam-se o afastamento de Casagrande por criticar publicamente o então treinador Jorge Vieira, a demissão do técnico por excluir o atleta da delegação que enfrentaria a seleção da Jamaica e o empréstimo do centroavante ao São Paulo. Tudo isso em um período de dois meses. Ressalta-se que, a partir de 28 de setembro, os exemplares de 1984 da *Revista Placar* não estão disponíveis no acervo digital disponibilizado no *Google Books*; dessa forma, não há como relatar se houve menções ao movimento.

Por fim, chegamos ao ano de 1985, em que, das citações sobre o movimento, foram escolhidas apenas duas reportagens das edições 767 e 777, que comentavam sobre as eleições no Parque São Jorge.

A primeira delas, de 1 de fevereiro, estampa o anúncio da candidatura de

⁶⁴ O amarelo era uma cor utilizada durante o movimento das diretas.

Adilson Monteiro Alves para o cargo de presidente do Corinthians. Adilson é apresentado não como um candidato qualquer, mas como uma figura que contrariou as expectativas, visto que dois anos antes era tido “quase uma brincadeira” e que se converteu em “grande favorito” (figura 20). A reportagem também inscreve-se no período em que o Brasil tinha acabado de eleger Tancredo Neves pelo Colégio Eleitoral, encerrando 21 anos de ditadura militar — isso não é dito na matéria, mas a *Placar*, ao classificar a implementação da Democracia Corinthiana como “bem-sucedida” (*Placar*, 1985, n. 767, p. 35), também acionava o interdiscurso dos debates rotineiros sobre abertura e rompimento com autoritarismo, somado ao engajamento do clube e dos atletas durante esse processo. Ou seja, o leitor já sabia que falar de Democracia Corinthiana era falar de redemocratização (Orlandi, 2012).

Figura 20 – “Profecia correta”



Fonte: Revista *Placar* (1985, n. 767, p. 35).

A edição 777, de 12 de abril, porém, narra o avesso dessa “profecia”: a derrota da chapa de Adilson Monteiro perante o conservadorismo de Roberto Pasqua (figura 21).

Figura 21 – Derrota da Democracia Corinthiana



Fonte: *Revista Placar* (1985, n. 777, p. 39-41).

O interessante nessa cobertura da *Placar* é o formato que ela enquadra essa reportagem — a partir de três dados factuais: a eleição, o aniversário do golpe militar e o *Dia da Mentira*. A relação com a ditadura funciona como um nó que constitui a produção de sentidos que a matéria buscava enquadrar.

Tanto o título quanto o *lead* apresentam uma relação entre o intradiscursos e o interdiscursos; os sentidos produzidos pela expressão “velhos corinthianos” são complementados pela declaração de um torcedor de que a “velha República está voltando a passos largos”.

A linguagem de vitória do Roberto Pasqua reforçava esse enquadramento; o então anunciado presidente utilizou expressões como “restabelecer a hierarquia” e “a palavra ‘democracia’ será incorporada à palavra ‘responsabilidade’”, operando um deslizamento de sentido que reinscreve a expressão “democracia” em uma formação discursiva conservadora (*Placar*, 1985, n. 777, p. 41). Ela deixa de significar participação e gestão coletiva e passa a representar ordem, responsabilidade e hierarquia⁶⁵. O jornalista João Carlos Rodriguez, ao final da reportagem, recusa-se a nomear aquilo que essa narrativa de Pasqua evoca, optando por dizer “lembrando uma fraseologia muito comum a governantes nem tão distantes e de um tempo em que, também esses, tiveram seu 1º de abril” (*Placar*, 1985, n. 777, p. 41). O leitor não precisava de muito esforço para compreender a quais “governantes” o repórter estava se referindo (Orlandi, 2012).

⁶⁵ Aqui há mais uma relação com o Dia da Mentira — além da metáfora irônica no título. A intenção de Pasqua em fazer uma manutenção na Democracia Corinthiana, somada à sua afirmação de também ser um “democrata” (*Placar*, 1985, n. 777, p. 40), provaram-se uma mentira.

A reportagem ainda codifica uma ironia estrutural sobre a vitória de Roberto Pasqua, contida no subtítulo da segunda página — “*Aplausos para os perdedores. Agressões para os vencedores*” (*Placar*, 1985, n. 777, p. 40). Demonstra-se, então, que o resultado da votação produziu efeitos opostos. Os vencedores perderam a legitimidade da torcida, enquanto os perdedores saíram aplaudidos pela esmagadora maioria dos torcedores e sócios. A vitória foi institucional, mas não cultural.

Pode-se inferir que a *Revista Placar*, ao longo de toda a cobertura, atuou como um veículo que buscava legitimar a existência do movimento, bem como construiu uma memória jornalística histórica. O periódico documentou todo o processo de abertura corinthiana, combatendo críticos do movimento e levando o debate para além da esfera futebolística, a fim de reproduzir, dentro da principal manifestação de identidade nacional, os mesmos anseios da sociedade brasileira. Assim como a derrota da emenda Dante de Oliveira representou uma frustração para o povo brasileiro, a derrota da Democracia Corinthiana em 1985 gerou um sentimento semelhante na cobertura da *Placar*. Porém, enquanto o país retornou à tão sonhada democracia, o futebol brasileiro perdeu a principal referência na luta contra o autoritarismo dos cartolas.

5 – Considerações Finais

Este trabalho buscou desmistificar a falsa premissa de que o futebol é apenas uma prática alienante, mas um ambiente suscetível a constantes disputas simbólicas e manifestações culturais, que faz com que sua apropriação por políticos seja uma prática indissociável. Os autores trabalhados no segundo capítulo — principalmente Livia Magalhães (2010), Bourdieu (1989, 1997, 2004) e José Miguel Wisnik (2008) — evidenciam que essas relações não só são disputadas, mas também definem a concepção de identidade, desenvolvimento e resistência dentro de nossa sociedade; ele é o veneno e o remédio.

Reduzi-lo a essa leitura que o demarca socialmente como algo que figura no imaginário popular como ferramenta de entretenimento é um erro. Afinal, o futebol (o esporte no geral), assim como qualquer outra atividade sociocultural, é capaz de desviar a atenção do povo de problemas mais sérios. Um partido político é alienante, assim como o progresso tecnológico e o próprio sistema jurídico. Entretanto, suas leituras estão socialmente demarcadas como relevantes e sérias, de forma que a contestação dessa “lógica” é analisada rigorosamente para não causar má interpretação.

Como apresentado pelos autores utilizados e comprovado pelo objeto de estudo da pesquisa, a sua leitura deve sim ser levada a sério, pois corresponde a um campo simbólico em que a justiça social acontece — o negro é respeitado e aplaudido, a regra/lei vale para todos, a meritocracia é validada e os problemas sociais são reconhecidos.

Foi nesse entendimento que se fez a Democracia Corinthiana florescer; os atletas reconheceram os problemas sociais de nosso país a partir de um denominador comum dentro da instituição e, com isso, buscaram inverter as lógicas pré-construídas sobre o imaginário do atleta e do cidadão — ainda que, naquele momento, seus objetivos não fossem alcançados, isto é, racionalizados.

Porém, é possível compreender e, de certa forma, concordar com as críticas sofridas pelo movimento durante e após sua queda. A premissa institucional da gestão buscava ressignificar a hierarquia tradicional do futebol — autoritária, paternalista e patrimonialista —, em que os cartolas tinham total controle sobre os clubes. Tratando atletas como mercadorias e torcedores como indiferentes, visto que se consideravam “os donos da bola”.

De fato, o movimento rompeu com a hierarquia e melhorou o ambiente e as finanças do clube. Entretanto, classificá-lo como “profissional” — por vezes citado nesta pesquisa — é válido na estrutura de gestão, mas questionável em relação à conduta atlética. O comportamento boêmio de alguns atletas, bebendo cerveja dentro e nos arredores do clube não deve ser interpretado como atitude de um atleta profissional. Ou, talvez, essa *hiper mercantilização* do esporte tornou natural essa ideia de atleta/ídolo como um ser perfeito, algo que o próprio Sócrates combateu. Afinal, quem melhor do que o próprio jogador sabe o que é melhor para seu desempenho.

Por outro lado, existem os críticos que ressignificam essa memória como uma estratégia de *marketing*. Não estão errados. Mas esse *marketing* representou muito mais do que geração de renda para o clube e conquistas de torcedores no país; permitiu aos milhões de brasileiros sedentos por liberdade e capacidade de decidir o melhor para o Brasil, uma esperança representada na principal manifestação de identidade brasileira.

De qualquer forma, demonstra que o movimento com suas críticas ou elogios representou e representa a identidade do clube e dos torcedores — seja no âmbito nacional ou internacional. Esse reconhecimento que atravessa a cronologia histórica, por exemplo, foi representado durante a primeira partida da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2026, na qual o prefeito de Nova Iorque, Zohran Mamdani, exaltou a Democracia Corinthiana (Altino, 2026) — dizendo aos cidadãos nova-iorquinos para que enxerguem o futebol para além de uma distração dos problemas da vida, mas como um meio para enfrentá-los.

Ressalta-se que, para impulsionar essa popularidade além do Parque São Jorge, a *Revista Placar* foi uma grande mediadora entre o movimento e a sociedade — em tempos em que não eram populares as assessorias de imprensa, a revista funcionou como uma para o processo (Corrêa; Filho, 2025). Pode-se dizer que suas reportagens funcionaram como *releases* sobre a Democracia Corinthiana. Como afirma o jornalista Paulo Vinícius Coelho, o PVC, “Eu entendo que a gente não tem que fazer panfleto [todo dia a mesma coisa]. Jornalismo não é para ser panfleto. A democracia era panfletária porque você está dizendo sempre que aquilo que está acontecendo está certo.” (Corrêa; Filho, 2025, 19:30-19:46)

A *Placar* desconstruiu a formação discursiva tradicional autoritária do futebol e, além de mobilizar, defendeu até o fim a formação discursiva democrática. Para

isso, a publicação deslocou os atletas de chavões discursivos como “tem que respeitar a hierarquia”, “jogador tem que jogar” e “futebol e política não se misturam”; invertendo esses sentidos, de forma que eles comesçassem a falar sobre política; transferindo os debates para figuras políticas e acadêmicas, a fim de estabilizar no imaginário popular que o atleta brasileiro moderno se enxergava como cidadão e estava alinhado com os desejos da sociedade brasileira.

E isso só foi possível graças ao próprio preconceito da Editora Abril, que não enxergava o futebol como um ambiente de manifestações socioculturais, e do Juca Kfoury, que utilizava essa brecha para mostrar aos leitores justamente isso. O próprio ex-diretor da revista comenta: “A Placar apoiou a Democracia Corinthiana? Eu te diria: mais do que apoiou. Apoiou de tal maneira e tão desassombradamente que o diretor da *Placar* [ele mesmo] não permitia críticas à Democracia Corinthiana”, e conclui dizendo que “ali, eu achava que era uma briga do “bem” contra o “mal” e que era obrigação da gente” (Corrêa; Filho, 2025, 18:35-19:29).

A *Revista Placar*, com sua influência e extraordinária fórmula de fazer jornalismo esportivo, transformou o Corinthians democrático em algo muito além de futebol: uma esperança para o futuro brasileiro. O Timão era amado até pelos rivais, como relata o jornalista do UOL, Arnaldo Ribeiro: “Aquilo me fez [a cobertura da Placar] não odiar mais o Corinthians. O cara que eu mais odiava, como torcedor do São Paulo, era o Sócrates [...] E aí, quando o Sócrates falou: ‘Se não passar a Emenda Dante de Oliveira, eu vou embora para a Itália’, eu me senti péssimo” (Corrêa; Filho, 2025, 25:57-26:29).

Essa documentação produzida pela revista fez dela uma das fontes mais recorrentes para compreensão e análise do movimento. Ao longo deste trabalho, em inúmeras ocasiões, foi possível constatar citações e referências a *Placar* em quase todas as pesquisas consultadas. Diante do exposto, reforça-se também como o jornalismo esportivo, quando feito de maneira qualificada, não apenas registra resultados e analisa partidas — ele também é capaz de construir uma história.

A *Revista Placar* não cobriu a Democracia Corinthiana; ela ajudou a fazê-la existir no imaginário brasileiro e mundial. E, ao fazer isso, provou que o esporte pode ser um dos territórios mais férteis para revelar o que uma sociedade é e deseja ser.

Referências Bibliográficas

- ALEIXO, Mariana Samária Rocha. **“Ganhar ou perder, mas sempre com democracia”**: a democracia corinthiana ontem e hoje. 2025. 49 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/65619>. Acesso em: 20 abr. 2026.
- ALTINO, Lucas. Empolgado com a Copa do Mundo, prefeito de Nova York exalta Sócrates e a Democracia Corinthiana; veja vídeo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 de jun. 2026. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/copa-do-mundo-2026/noticia/2026/06/13/empolgado-com-a-copa-do-mundo-prefeito-de-nova-york-exalta-so-crates-e-a-democracia-corintiana-veja-video.ghtml>. Acesso em: 22 de jun. de 2026
- AZEVEDO, Núbia; TSUTSUI, Ana Lúcia Nishida; MARQUES, José Carlos. **Time do povo, de luta e liberdade**: as construções simbólicas do Sport Club Corinthians Paulista potencializadas pela Democracia Corinthiana. Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura, São Cristovão, v. 25, n. 1, p. 165-182, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/epic/article/view/18481> . Acesso em: 20 abr. 2026.
- BONINI, Altair. **As práticas esportivas como dispositivo biopolítico e o jornalismo esportivo na constituição de masculinidades e feminilidades na década de 1950**. 2022. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão. In: BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**; seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, pp. 7-97.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- COUTO, André Alexandre Guimarães. Jornal dos Sports ou das Tragédias?. In: **Ludopédio**. mai. 2023. Disponível em: https://ludopedio.org.br/arquibancada/jornal-dos-sports-ou-das-tragedias/?srsId=AfmBOogy8tKTO97PWXbNvyXo5DhtdVRC5CeF8U_gsLHUxQmsplqAqjZu#google_vignette. Acesso em: 28 jun. 2026.
- COUTO, Cláudio Gonçalves. Oligarquização em um grande clube de futebol: o caso do Sport Club Corinthians Paulista. **Organizações & Sociedade**. Salvador, v. 16, n. 48, p. 237-260, 2017.
- CUNHA, Leonardo Rosa. **Democracia Corinthiana, Diretas Já e as heranças no time do povo**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2025. Disponível em: [Repositório Institucional - Universidade Federal de Uberlândia: Democracia Corinthiana, Diretas Já e as heranças no time do povo](https://repositorio.institucional-ufu.br/handle/123456789/12345). Acesso em: 20 abr. 2026.
- DALCOL, Pedro Luís Macedo. Militarização da Pátria de Chuteiras: os usos do futebol durante a Ditadura Militar brasileira (1964-1985). **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 1-15, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/53670>. Acesso em: 13 jan. 2026.
- DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens**: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

- DINIZ, Guilherme. Seleções Imortais — Brasil 1970. *In: Imortais do Futebol*. [s. l.: 2015?]. Disponível em: <https://imortaisdofutebol.com/selecoes-imortais-brasil-1970/>. Acesso em: 13 jan. 2026.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difusão Editorial Ltda., 1992.
- O ESTADO DE S. PAULO**. Coríntians contra Leão. Crise no Parque. São Paulo, 4 fev. 1983. Caderno Esporte, p. 21.
- O ESTADO DE S. PAULO**. A ‘democracia’ que Travaglini não quis. São Paulo, 30 mar. 1983.
- FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2010.
- GOULART, Antonio. **Haja Coração 100 anos de timão**. São Paulo: Gente, 2010.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Liv Sovik (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HELAL, Ronaldo George. Futebol, Cultura e Cidade. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, pp. 5-7, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/13369>. Acesso em: 13 jan. 2026.
- LEAL, Daniel; MESQUITA, Giovana Borges. A singularidade da cinquentenária Placar para o contexto histórico do jornalismo esportivo no Brasil. **Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo**, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 18–33, 2021. Disponível em: <https://revue.surlejournalisme.com/slj/article/view/443>. Acesso em: 11 mai. 2026.
- MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **História do futebol**. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010.
- MARTINS, André. Olivetto inovou marketing no futebol e fez slogan da Democracia Corinthiana. **Uol**, 2024. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2024/10/13/olivetto-inovou-marketing-no-futebol-e-fez-slogan-da-democracia-corinthiana.htm>. Acesso em: 08 maio 2026.
- MARTINS, Mariana Zuaneti. **Democracia Corinthiana: sentidos e significados da participação dos jogadores**. 2012. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/874323>. Acesso em: 3 maio. 2026.
- MARTINS, Mariana Zuaneti; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Significados de democracia para os sujeitos da democracia corinthiana. **Movimento**, [s. l.], v. 20, n. 1, p. 81-101, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/39331>. Acesso em: 8 maio. 2026.
- MASCHIETTO, Marina Luiza. **A participação política como identidade cultural de uma torcida organizada: estudo de caso sobre a Gaviões da Fiel Torcida**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos) – Escola de Comunicações e Artes, Centro de Estudos Latino-americanos Sobre Cultura e Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/tcc/artigo-marina-maschietto-gavioes-final.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2026.

- MONTANO, Mario Sanches. **Democracia corinthiana**: um movimento atemporal. Orientação de Eliana de Toledo. Limeira, SP: [s. n.], 2021. Trabalho de Conclusão de Curso. (1 recurso online (72 p.)) – il., digital, arquivo PDF. Disponível em: 20.500.12733/6762. Acesso em: 27 abr. 2026.
- MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos**: jornalismo e cotidiano - do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- NEVES, T. “Confesso que perdi, mas foi roubado”: uma entrevista com Juca Kfourir. **História Oral**, [s. l.], v. 28, n. 1, p. 199–224, 2025. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1524>. Acesso em: 27 abr. 2026.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. 10 ed. Campinas: Pontes, 2012.
- REIS, Heloisa Helena Baldy dos; MARTINS, Mariana Zuaneti. A democracia corinthiana e ação sindical: a narrativa da integração entre o movimento alvinegro e o sindicato dos jogadores de futebol. **Movimento**, [s. l.], v. 20, n. 4, p. 1351–1371, 2014. DOI: 10.22456/1982-8918.43449. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/43449>. Acesso em: 20 abr. 2026.
- REVISTA PLACAR**. São Paulo: Abril, n. 560-777, fev. 1981–abr. 1985. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=L5CwOs59tV8C&hl=pt-BR&source=gbs_all_issues_r&cad=1&atm_aiv=1980#all_issues_anchor.
- RINALDI, Wilson. Futebol: manifestação cultural e ideologização. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 11, n. 1, pp. 167-172, 2000.
- RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. Pierre Bourdieu: esquema analítico e contribuição para uma teoria do conhecimento na sociologia do esporte. **Sociedade e Cultura**, v. 8, n. 1, pp. 111-125, 2005.
- RIZEK, André. Indústria de gatos. **Revista Placar**, São Paulo: Abril, n. 1301, p. 49-55, dez. 2006.
- SALDANHA, João. Carta aberta ao futebol brasileiro. **Revista Placar**, São Paulo: Abril, n. 2, p. 22-26, mar. 1970.
- SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo**: uma história institucional da CBF. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.
- SARMENTO-PANTOJA, Augusto Nascimento. Mais branco do que preto na ditadura militar brasileira: a Democracia Corinthiana, o sindicalismo, a rebeldia e o rock and roll. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 3, p. 42–65, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/22086>. Acesso em: 27 abr. 2026.
- SCHATZ, Patrícia Volk. **A imprensa escrita entra em campo**: relações entre política e futebol através da análise da revista placar (1974-1982). 2015. 165 f. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/133242?show=full>. Acesso em: 29 mai. 2026.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SÓCRATES; GOZZI R. **Democracia corinthiana**: a utopia em jogo. 2. ed. rev. São Paulo: Boitempo, 2012.
- UNZELTE, Celso Dario. **Futebol em revista no Brasil**: Dos primeiros títulos à resistente Placar. 2015. 227 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa

de Mestrado em Comunicação, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2015.

Disponível em:

<https://static.casperlibero.edu.br/uploads/2015/11/CELSO-DARIO-UNZELTE.pdf>.

Acesso em: 11 mai. 2026.

UNZELTE, Celso Dario; PLACAR, Revista. **Almanaque do Corinthians**. 2. ed. São Paulo: Abril, 2006.

VALENTE, Rafael. 'Hora de o povo ficar rico', a origem da zebra e máfia: os 50 anos da Loteria Esportiva. **ESPN**, 2020. Disponível em:

https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_id/6866153/hora-de-o-povo-ficar-rico-a-origem-da-zebra-e-mafia-os-50-anos-da-loteria-esportiva. Acesso em: 11 maio 2026.

VIANNA, Maria Luiza Martins de Almeida Mello. **"Placar" de casa nova**: 46 anos da maior revista esportiva do Brasil. 2016. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. v. 2. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

Referências Audiovisuais

PLACAR: a revista militante. Direção: Ricardo Corrêa; Sérgio Xavier Filho. [S. l.]: Kajú Filmes, 2025.

SER campeão é detalhe: a democracia corinthiana. Direção: Gustavo Forti Leitão; Caetano Biasi. São Paulo: DNA filmes e Unicamp, 2011